

REVISTA

DA SEMANA



Nº 49 — 13-12-58 Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

BAMBOLE: EPIDEMIA NACIONAL

ÔPA ! A O. P. A. É DO EXÉRCITO

ÁLVARO MOREYRA SETENTÃO



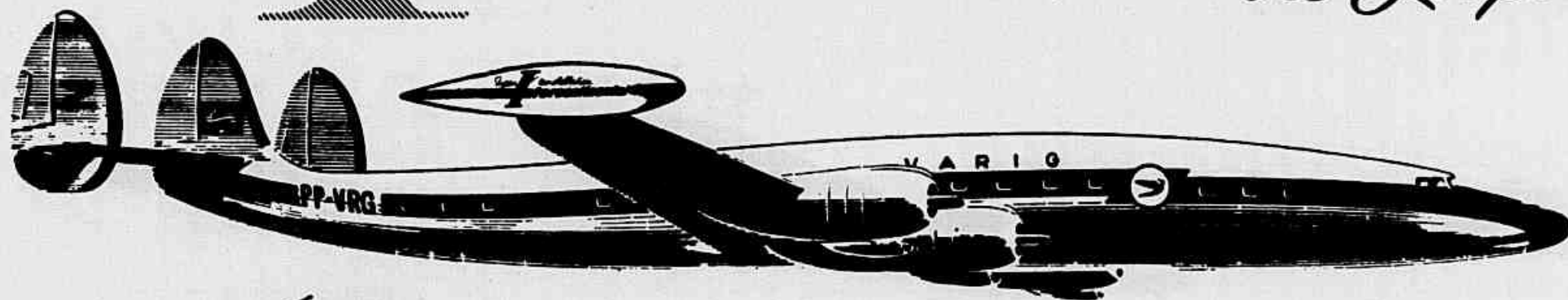
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super Constellation Intercontinental de Luxo



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — N.º 49 — Rio, 13-12-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Jane Carson (ektachrome Rank)

REPORTAGENS

Bambolê — íéfrica epidemia nacional	4
Encontro Marcado com Aluísio Alves e F. Sabino	11
Três cariocas dançam trevo em Recife	20
O Brasil vai colaborar	33
Ôpa! a O.P.A. é do Exército!	44
Álvaro Moreyra setentão	62

CINEMA

Roberto Taylor versus Richard Widmark	14
O novo cinema polonês	53

SOCIEDADE

Kaleidoscópio	24
As verdades de Mariuzinha Maranguape	51

NOVELA

Os galhos do Cedro (final)	28
----------------------------------	----

MODAS

Novos penteados de Paris para 1959	37
--	----

CONTO

Iandira	40
---------------	----

POLÍTICA

Trapézio	60
----------------	----

SEÇÕES

Revista há cinquenta anos	10
Palavras cruzadas	18
Puxe pelo cérebro	26
Literatura e Arte	38
Humor (Zenon)	58
A semana deixou também estas lembranças ..	56

CRÔNICA

Jorge e Rachel	59
----------------------	----

◆ Preparamos flores — elementos seguros de beleza — para a capa deste número — e, entre essas flores, consideramos exato incluir uma moça que brilha nos filmes ingleses de Mr. Rank. É ela Jane Carson, e vai bem, obrigado.



CONTATO

“ÔPA! a O.P.A. é do Exército!” é a sensacional reportagem com que se apresenta Maurício Caminha de Lacerda no presente número, através da entrevista concedida pelo coronel Nelson de Carvalho — entre outros qualificativos, herói da Fôrça Expedicionária Brasileira — e que reivindica, para si e para o exército, a paternidade da hoje famosa Operação Pan-Americana: — “Sim, fui eu quem realizou e preparou — declara, peremptoriamente, o coronel Nelson de Carvalho — entregando-o depois ao Conselho de Segurança Nacional, para estudo e consideração do Governo Brasileiro, completo trabalho contendo as linhas mestras de uma “Operação Brasil e Ensaio Pan-Americano” em que a atual O.P.A. foi — tudo indica, decalcada por terceiro. Já denunciei o fato ao Ministro da Guerra e ao Clube Militar.”

A história do verdadeiro nascimento da O.P.A. vem publicada às págs. 44 e seguintes.

ÁLVARO Moreyra, o querido cronista gaúcho que representou importante papel na vida literária carioca, completou 70 anos. Grande divulgador, através das páginas da primeira fase do “Para Todos”, por ele fundado e dirigido três décadas atrás, de uma interminável série de jovens escritores e artistas que representam, hoje, o ponto alto da literatura nacional, foi ele, no dia 26 de novembro, alvo de grandes homenagens dos meios intelectuais. E através do trabalho de Hugo Sérgio Koatz, apresenta a R.S. um retrospecto de que foi sua vida, e as suas declarações de setentão — entre outras, aquela tão eloquente, e que serve de título à reportagem da pág. 62: “Tenho remorsos de ter vindo de um tempo melhor”.

O jogo do bambolê, que assaltou intempestivamente a cidade, toma foros de epidemia. Nas praias, nas praças e calçadas, nos pátios de colégios e nos interiores das casas e apartamentos, o bambolê é o rei deste dezembro ensolarado. E a R.S. apresenta alguns aspectos desta febre que invadiu o Rio, através dos flagrantes apresentados nas págs. 4 a 7 — e que mostra o expressivo império desta nova modalidade de divertimento que, como nos idos tempos de ioiô e do bilboquê, tomou de rijo crianças e marmanjos.

ENQUANTO Osório Nunes entrevista, no Trapézio, o governador eleito da Bahia — Juracy Magalhães; e Hélio Polito entrevista, no Recife, o escritor Fernando Sabino e o político Aluísio Alves, chega ao seu feliz desfecho o romance de Maria da Conceição Neves Aboud — “Os Galhos do Cedro”. E os três magníficos brotos — Noelza Guimarães, Ana Lúcia Salgado e Nice Santos, exibem sua plástica sob o céu de verão pernambucano; e Chuck Woodward, com sua autoridade de cronista social, explica, para os leigos, a diferença entre próprio e esquerdo. Dedica ainda a R.S. seis páginas ao novo cinema polonês, que começaremos a ver, oportunamente.

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Endereço Telegráfico: «Revistas». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chingila Distribuidora S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro.



AH, O BAMBOLE! Como compreendê-lo? Onde seu magnetismo, onde sua origem? Como capturou o mundo, como apoderou o país dessa terrível e bamboleante febre coletiva? Explicá-lo é um tormento para todos que o tentam. Os que nêles vêem não mais que um puro golpe comercial não convencem com tal simploriedade. Mais perto da verdade andarão outros, que já atribuíram a descrições de Bocaccio, em seus poemas renascentistas, a idéia-mãe do brinquedo. Ou terceiros que o consideram trazido por exploradores que estiveram em contato com tribos selvagens da Austrália. Bambole lá seria como futebol aqui. Por fim, temos a hipótese marciana: os que asseguram relações entre o bambole e os discos voadores. Mas tudo são suposições. Era preciso que surgisse, no âmago da questão, um estudo sociológico bem fundamentado, capaz de esclarecer, no aspecto humano, este galopante surto de bambole. No passado tivemos os ciclos do ioiô e do bilboquê. Foi quando nossos vovôs e papais se babaram. Hoje é o bambole que entra na família como um rei, com a importância indispensável de pão nosso de cada dia. Aos domingos, com toda magnitude, presentes todos os membros do

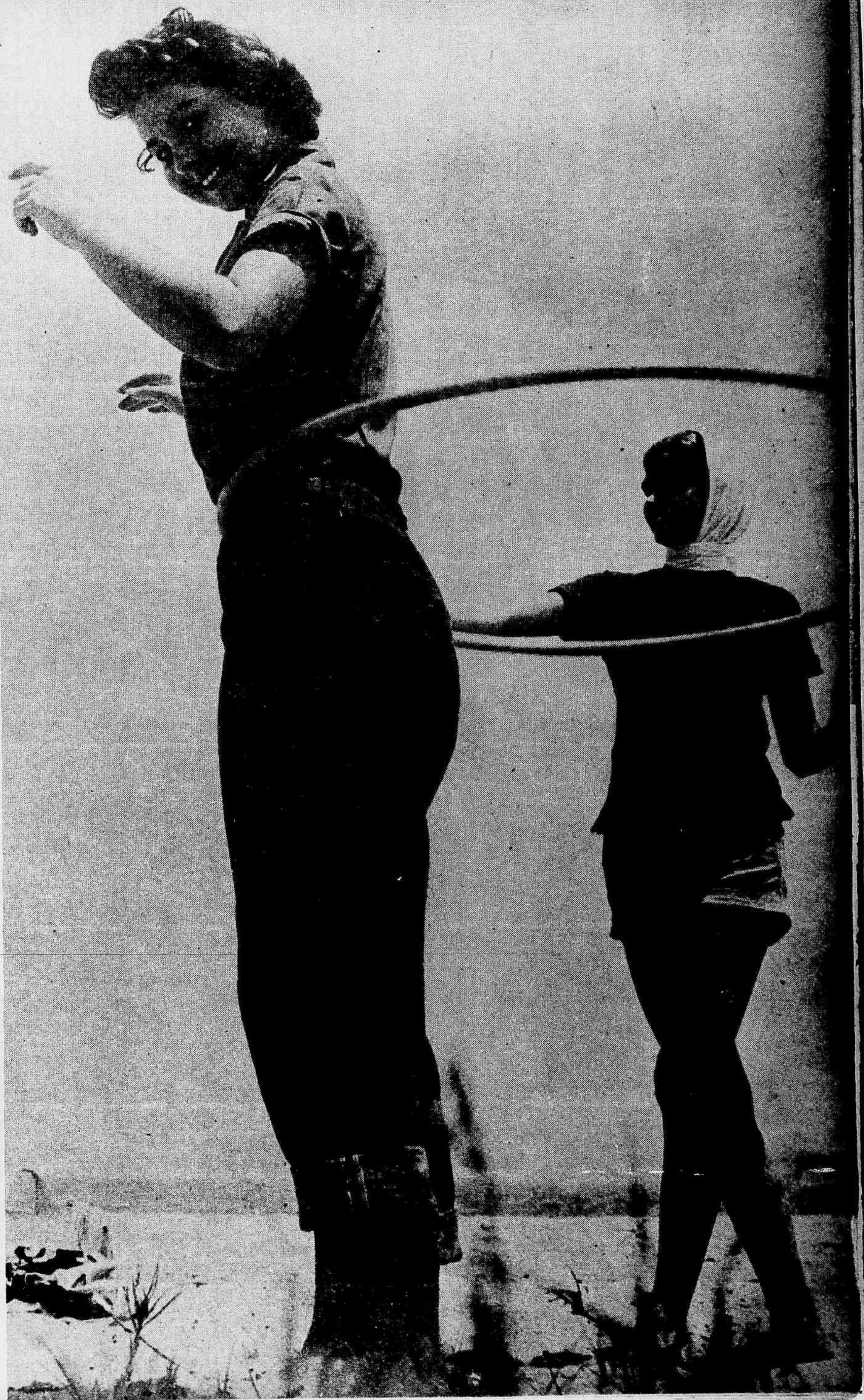
BAMBOLE

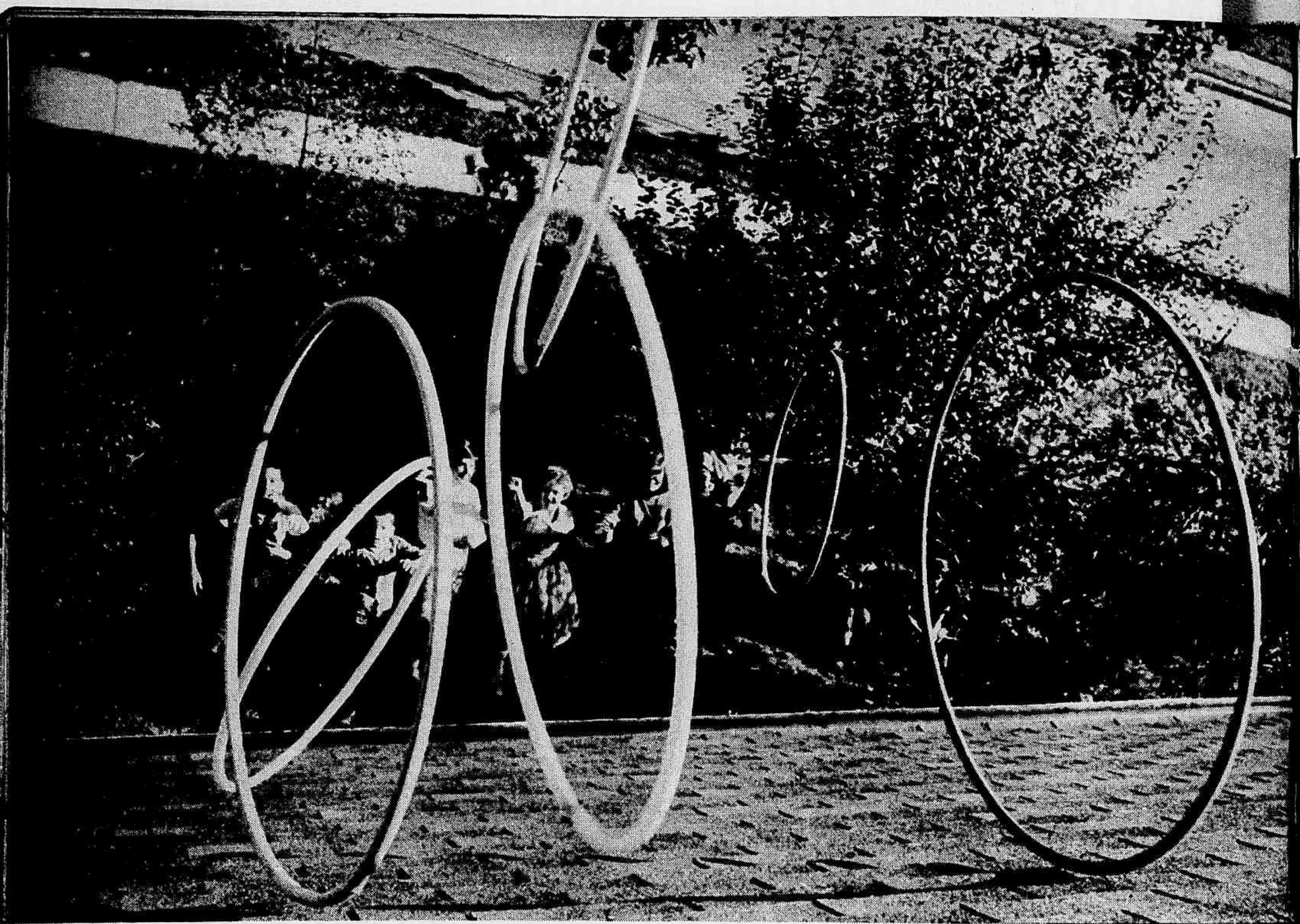
FEÉRICA

EPIDEMIA

NACIONAL







Bambolê às dúzias: nenhuma atividade existe sem craques. Este é um verdadeiro profissional do bamboleio.



Bambolê fez ponto no Rio em época de provas parciais. Resultado: gazeta de brótos.

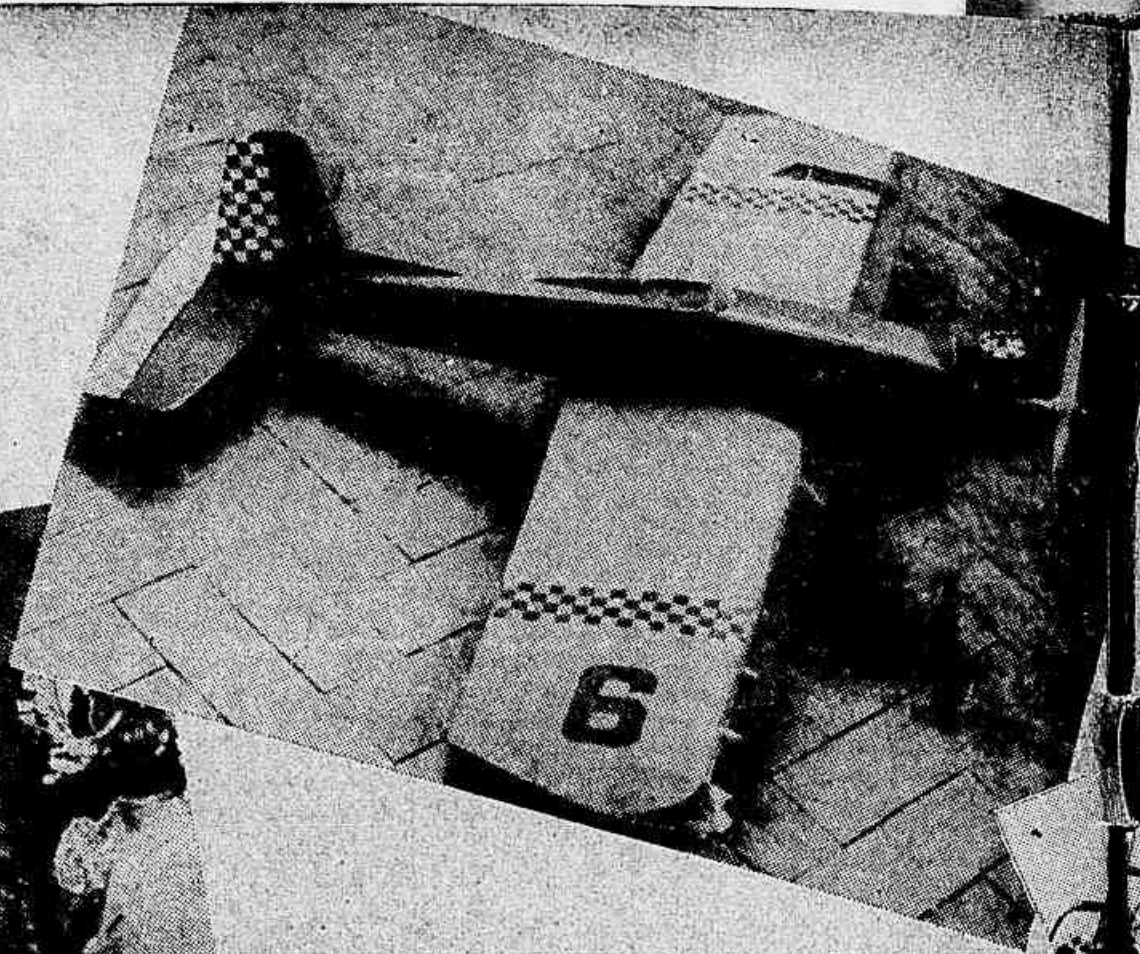
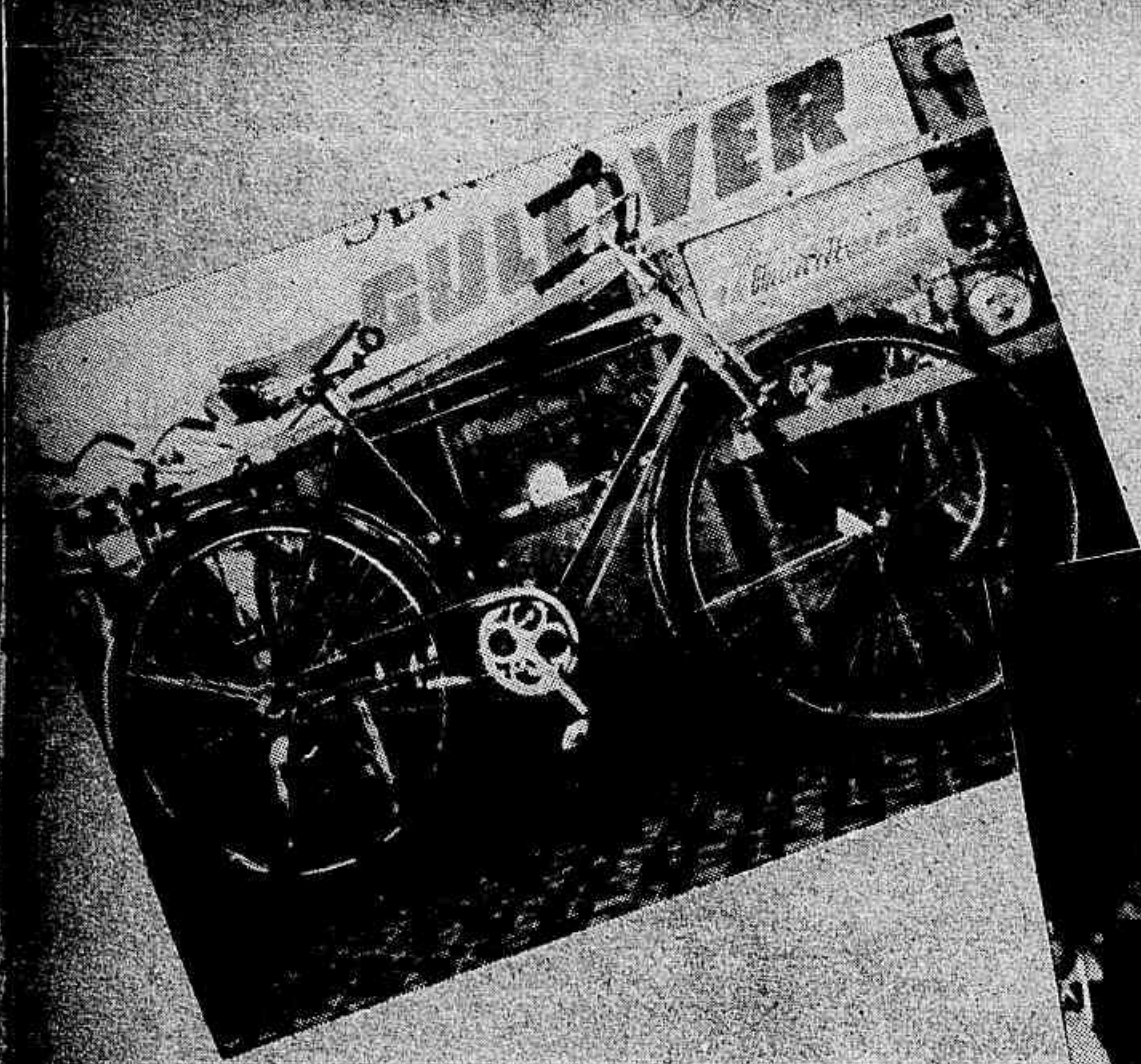


tronco familiar, mais amigos, vizinhos e amigos dos vizinhos, celebram-se monumentais campeonatos domésticos de bambolê. Participam desde o avô reumático até o fedelho que sai das gatinhas. Não ter bambolê em casa hoje é uma vergonha. É, também, um seguro índice de desajustamento social. A necessidade de se adquirir bambolês provocou a urgência deste tráfego incessante de chefes-de-família com arcos sob o braço se cruzando pela Avenida Rio Branco e Central do Brasil. Gente trabalhadora e séria carregando bambolês para o lar. "É para o meu caçula", explicava o austero patriarca surpreendido por um amigo na rua com um par de bambolês. E despediu-se rápido, com uma desculpa qualquer, louco para chegar em casa, trancar-se no quarto e atacar "na encolha" um valente bamboleio.

O brinquedo está sendo saudado pelos moralistas como uma autêntica reação aos perigos do transviamento. Então, tome bambolê. A criança já tem consentimento dos professores para levar seu novo companheiro ao colégio. No pátio, à hora do recreio, verifica-se o grande ballet do bamboleio, uma multiplicação ondulante de rodas coloridas giradas pela garotada em festa. E começa no cangote, desce para a cintura, para as pernas, sobe

para os braços, não pára mais! E a criança se sente artista de circo, isto é, um pouco heróica.

Na praia, em se falando em gente mais taluda, o bambolê já apresenta uma certa periculosidade. O exemplo está no caso daquele estratosférico brôto de Copacabana, que decidiu mostrar, ali na beirinha do mar, suas habilidades no bambolê. Cinco minutos depois era necessária a intervenção armada da Rádio Patrulha para serenar os ânimos circundantes. O talento esportivo da moça estava despertando um entusiasmo meio troglodita nos marmanjos que assistiam o espetáculo. O bambolê também tem dessas. E outras: aprimora a plástica das matronas, que agora não mais querem saber de "coma e emagreça" ou de regime. Só de bambolê. Há os que se aperfeiçoam ao máximo na técnica do brinquedo. Não se contentam mais com um: querem dois, três, dezenas de bambolês. Estes são os que bambolem às dúzias. Outros, de espírito domador, ensinam aos cães a bambolear. É a epidemia feérica do bambolê que se apossa do Brasil. Este ano o bambolê vai acabar sendo letra de samba no Carnaval. Vai ser fantasia e tema de préstitos. Ah, o bambolê! Como explicá-lo, senhores?



ENCERRA-SE, A 15 DE DEZEMBRO, O PRAZO PARA A REMESSA DAS CARTAS A PAPAI NOEL.



RECEBEMOS, até o momento em que fechamos este número da Revista, 3.910 cartas de crianças, de todos os recantos do Brasil, de Macapá, no extremo norte, a Bagé, no Rio Grande; de Crato, no sertão cearense, a Ladário, nos confins de Mato Grosso. E, a cada dia que passa, mais aumenta o volume chegado pelo correio, e que sobe, hoje, a uma média de 150 cartas diárias. Avisamos que elas serão recebidas, apenas até o dia 15 de dezembro.

Como já o fizemos nos dois últimos números, apresentamos, mais uma vez, a relação dos primeiros prêmios, que serão oferecidos aos autores das melhores cartas, a serem lidas por uma comissão formada por uma escritora (especialista em literatura infantil), uma professora primária e um redator da *Revista da Semana*.



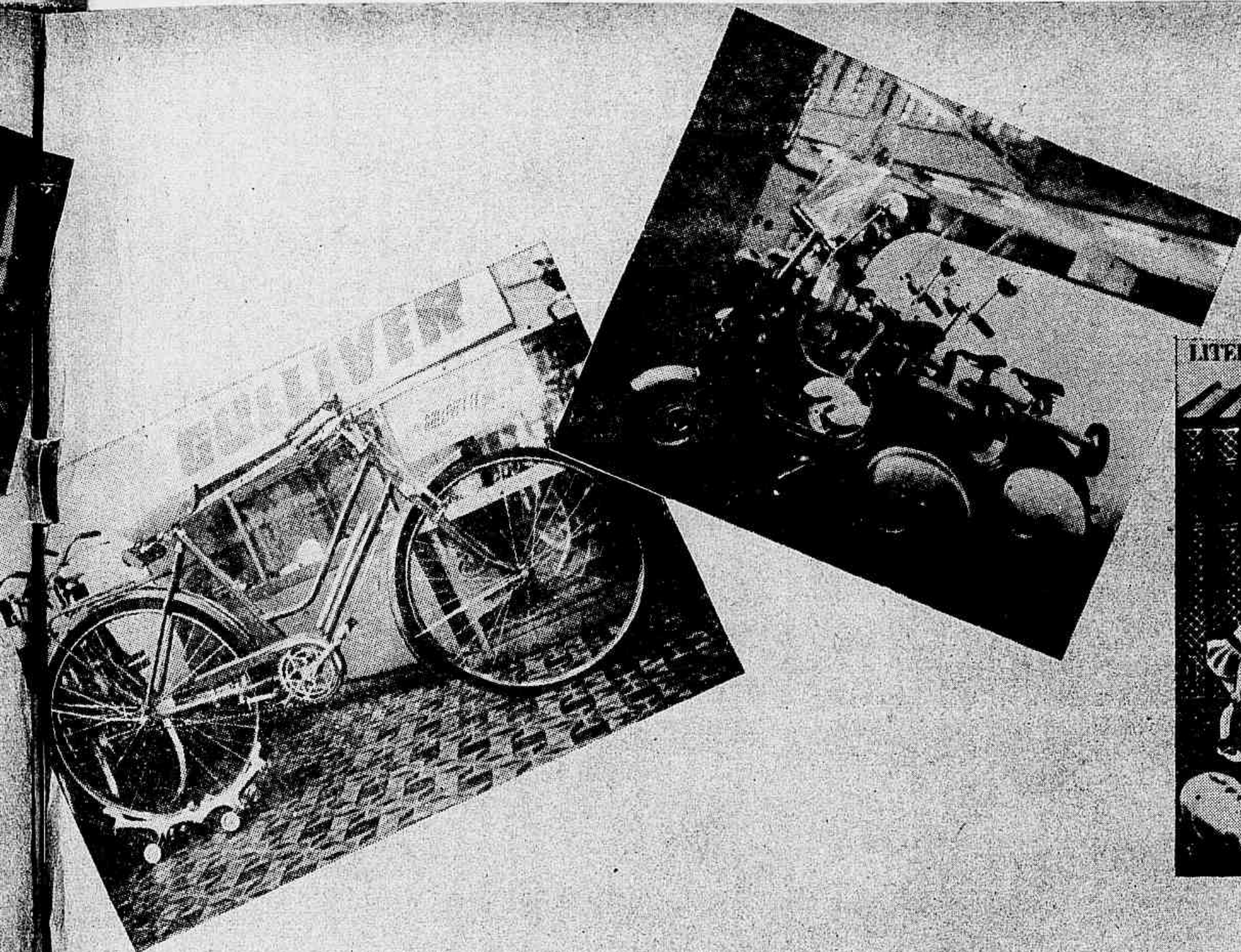
VOCE AINDA PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL EM S. PAULO, EM PERNAMBUCO, NO TERRITÓRIO DO ACRE — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.

SE VOCÊ AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR COMO OS QUE APARECEM NAS FOTOS ACIMA.

DAMOS AINDA HOJE, pela última vez, as bases da «Caixa Postal»:

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta for boa, mesmo, você ganhará um presente com por cento!

ESCREVA UMA CARTA A PAPAI NOEL



8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

3 OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.

«CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

Idade Colégio

Série que frequenta

Residência

Cidade Estado

- 4 — É a seguinte a comissão organizada para ler e selecionar as cartas: Lúcia Benedetti, romancista autora de teatro infantil; Ilka Bulhões Rocha Peixoto, professora de Curso Primário, da Prefeitura do Distrito Federal, e membro da Rádio-Escola da Rádio Roquete Pinto; Renard Perez, escritor e redator da REVISTA DA SEMANA.

A «CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.

RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRÊMIOS

- ★ UMA BICICLETA «GULLIVER», MODELO PARA RAPAZ
- ★ UMA BICICLETA «GULLIVER», MODELO PARA MOCINHA
- ★ UM AERO-MODELO «CADETE» (COM MOTOR E TODOS OS EQUIPAMENTOS E APETRECHOS NECESSÁRIOS PARA ARMÁ-LO)

- ★ BONECAS DE ALTO LUXO
- ★ UMA MESBLETA (DE LUXO) PARA CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS
- ★ UMA COLEÇÃO DA LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO: 22 OBRAS EM 17 VOLUMES ENCADERNADOS.

E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL

OS RIGORES do verão também angustiam o carioca, naquela primeira semana de dezembro, há 50 anos atrás. Em sua crônica, que abre o número 447 da Revista, vemos Raulino verdadeiramente desesperado com a elevação da temperatura dos últimos dias: "Gosto muito desses pedaços gongóricos com que os escrevinhadores nos mimoseiam, de onde em onde, fazendo apoteoses, fazendo apoteoses ao sol cantante e festivo, mas queria ver esses rabiscadores no meu lugar, suando por todos os poros, sob a pressão canicular abafante de um sol cruel e fustigador." E prossegue, desalentado: "Lamentávamos todos a inconstância da temperatura, que ora dava para umedecer a atmosfera e resfriar as bicancas do próximo, ora dava um calorzinho carregado que servia de batedor de chuvarada graúda que se prolongava por mais de 24 horas. E agora a lamentação é maior, muitíssimo maior, o sol mostrou para quanto presta e tem torrado tudo, até as almas; não se sente ânimo para coisa alguma, e só os afortunados podem gozar um puchado de horas na rede, à sombra da frondosa mangueira da cantiga, entre sonecas e cabeceios, entre perfumes dos campos e cajuadas de alento."

Aqui, na minha tenda de trabalho — termina Raulino — não há rede nem coisa que com isso se pareça, estou em cuecas, e assim mesmo, ao olhar para um caco de espelho que me serve de mostrador modesto dos pés de galinha que já me vão nascendo, vejo coberto de suor copioso que alaga o corpo, a mesa, o papel, como se fôsse eu símbolo completo da pujança aquática do Xerém, uff! que calor!"

Realizou-se, no local onde até há pouco tempo funcionava a Exposição Nacional, uma festa em benefício da estátua do Marechal Deodoro. "E assim — diz a Revista — toda a gente se encaminhou para ali, sequiosa do espetáculo soberbo que se constituiu a visão favorita dos olhos indígenas."

A Exposição se reabriu às 9 da manhã "ao estrugir de 21 tiros de morteiros". As 13 horas realizou-se a cerimônia da entrega de uma bandeira, ao Corpo de Caçadores da Sociedade de Tiro Federal — entrega feita pelo Marechal Hermes da Fonseca. A cerimônia efetuou-se no Pavilhão da Bahia, onde se achava colocado o busto do Marechal Deodoro, ao qual prestavam guarda diversos inválidos da Pátria, veteranos do Paraguai.

Houve ainda, ao correr do dia, exhibições de ginástica, manobras de uma companhia de batalhão de infantaria, exercícios de esgrima, batalhas de confete, queima de fogos de artifícios. A meia-noite terminaram as cerimônias e, como diz a Revista, "o povo deslumbrado de tanta beleza reunida deixou o sítio afagando a idéia de voltar em mil e uma festas que ali se realizem, sempre com igual encanto, mas de aspecto diverso sempre e rico de en-

canto". Oito fotos, abrangendo três páginas da Revista, mostram flagrantes dessas comemorações.

Sob o título de "A Fera Humana", a Revista apresenta, com duas fotografias, o "fato horrendo" ocorrido em um dos dias da semana anterior, à rua Malvino Reis:

"Perverso indivíduo de instintos de fera, não podendo desafogar a sua ira na mulher com quem vivia, Raimunda Martins Ferreira, vingou-se em um filho desta, de três meses, apenas, de idade, de nome Mauro, agarrando-o pelas pernas e batendo-lhe a cabeça com toda a sua força de homem, de encontro à parede e ao assoalho!...

O pobre Mauro — prossegue a nota — quando foi arrancado das mãos do infame, já era cadáver com o crânio esmagado. O perverso indivíduo foi preso; chama-se Euclides Martins de Oliveira e a muito custo a polícia pôde livrá-lo do furor popular, que queria fazer justiça sumária."

Duas fotos tiradas em Ouro Preto, mostram flagrantes dos festejos realizados naquela cidade, por ocasião do dia da Bandeira, a 19 de novembro, pelos alunos das Escolas de Minas e Farmácia e do Ginásio. Ainda de Ouro Preto, apresenta a R.S. uma foto tirada por ocasião das exéquias por alma do dr. João Píñheiro, presidente do Estado de Minas, mandadas celebrar pela Câmara Municipal a 9 de novembro.

Grande parte do texto deste número da revista — é de transcrições de pequenos contos e historietas humorísticas. Aparecem eles lado a lado de caricaturas e anedotas. Entre estas, destacamos as seguintes:

Ela: Eu precisava tanto de quinhentos mil réis para tratar dos dentes...

Ele: Não. Não venhas. Se com os dentes estragados "mordes" desta maneira, imagino depois de consertados!...

E esta outra:

— Seu marido está, minha senhora?

— Está, doutor. Mas está dormindo. Ele ontem não conseguiu pregar olho na repartição.

— Como? Seu marido, então, dorme de dia?

— Pois então o doutor não sabe que ele é empregado público?

Também era assim, há cinquenta anos...



Dois aspectos tomados durante a festa da Bandeira, a 19 de novembro, em Ouro Preto, realizada pelos alunos das Escolas de Minas e Farmácia e do Ginásio.

"ENCONTRO MARCADO" NO RECIFE :

ALUIZIO ALVES

COMENTA O ABACAXI

DA POLÍTICA

E SABINO APRENDE A

DESCASCAR

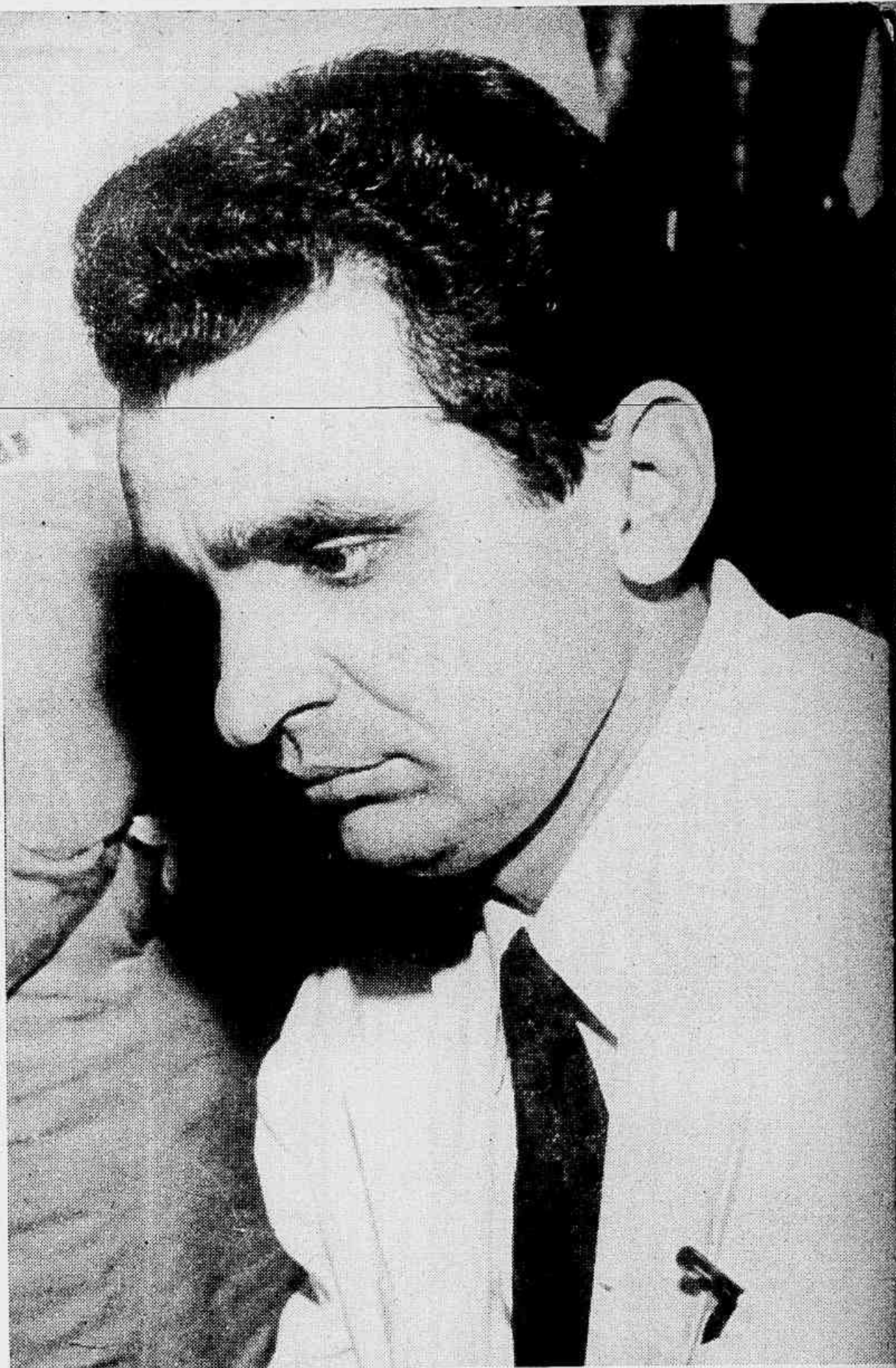
O PRÓPRIO...

O DEPUTADO ALUIZIO ALVES, vice-líder da Oposição, e Fernando Sabino, romancista dos mais lidos no Brasil, foram convidados de "ENCONTRO MARCADO", fabuloso programa que todas as semanas leva ao Recife personalidades as mais variadas, para uma entrevista no Rádio Jornal do Comércio.

Aluízio Alves abordou assuntos políticos, econômicos e sociais, enquanto que Fernando Sabino falou sobre literatura, seus livros e suas crônicas. E o público do auditório se divertiu bastante quando Sabino "blagueou":

— Quando autorizei usar o nome "ENCONTRO MARCADO" para título do programa, pensei que tivesse ganhando uma boa publicidade para o meu livro. Só agora é que verifiquei ter feito um péssimo negócio... O que vai acontecer é que muita gente em Pernambuco irá as Livrarias e pedirá certamente: "O sr. quer me trazer um "ENCONTRO MARCADO DA VARIG?" Ou então aparecerá alguém para dizer: "Sabino, você fez um livro com o nome do programa da Varig?". O certo é que vai ser difícil convencer alguns recifenses que o meu livro, "O Encontro Marcado", já existia há muito tempo, como prova já está em 3ª edição, etc., etc.

O autor de "A Cidade Vazia" demorou-se por uns três dias no Recife. Chupou caju, comeu abacaxi, e também a "galinha a cabidela", na Otília. E em uma segunda-feira, com grande sucesso, deu uma tarde de autógrafos na Livraria Civilização Brasileira. Mas vamos à entrevista que foi feita pelos jornalistas Darwin Brandão e Hélio Polito, no programa que é uma iniciativa do Jornal do Comércio e Diário da Noite (do Recife), em colaboração com a REVISTA DA SEMANA:



Aluízio Alves comentou a situação política. Os pernambucanos gostaram da franqueza.

ALUIZIO ALVES

— V. Excia. acha, como o general Lott, que estamos caminhando para uma Ditadura ?

— Eu não acho. Mas, se o general Lott acha, então é certo que podemos estar caminhando. Pois uma Ditadura depende, em primeiro lugar, da imposição armada. E nesta matéria tem grande autoridade o atual Ministro da Guerra. Creio, entretanto, que apesar da deterioração da situação econômica e social e dos erros da política brasileira, a maturidade a que já alcançou o nosso povo, o progresso do nosso sistema eleitoral, com a cédula única — sem embargo da nefasta influência econômica, ainda, — nos conduzirão a encontrar a solução brasileira dentro das soluções democráticas.

— V. Excia. acha que os sucessivos distúrbios populares, em B. Horizonte, Fortaleza, S. Paulo, são prenúncios de maiores agitações políticas ?

— Acho, e ninguém poderá esconder. O aumento vertiginoso da vida, a impaciência do povo pela falta de providências efetivas para contê-lo, podem produzir maiores agitações que se refletirão, é claro, na nossa estrutura política, por si tão frágil e sensível a esse tipo de manifestações.

— V. Excia. acha que o congelamento de preços determinado por JK vai impedir o custo de vida ?

— É uma medida unilateral, anti-econômica, de limitado efeito imediato, que o próprio Governo não vai poder executar com eficiência. E, por isso mesmo, vai abrir, dentro de poucos dias, duas

portas inevitáveis de saída: o câmbio negro para os mais esper-
tos, os reajustamentos de preços sucessivos. Até porque o Govêr-
no manda congelar os preços dos outros, e não congela os seus
preços, que são os impostos. Agora mesmo, está querendo au-
mentar o impôsto de renda, o impôsto de consumo, o impôsto de
sêlo. E os preços dos outros são feitos incluindo os preços do Go-
vêrno, ou seja, os impostos, os transportes encarecidos, etc.

— V. Excia. é favorável ao novo salário mínimo que o Govêrno
vai decretar em dezembro ?

— Não sei qual será o novo nível para aceitá-lo como certo ou
não. Sei que essa política artificial de aumentos nominais de sa-
lários não resolve os nossos problemas econômicos — às vêzes os
agrava — nem atende às crescentes necessidades do operariado.
Mas reconheço que, à falta de outras medidas, torna-se imperioso
reajustar periódicamente o preço do trabalho ao preço da vida.

— Brasília, Sr. deputado, é um desperdício de dinheiro ?

— Brasília é uma solução certa errôneamente realizada. Não dis-
cuto certas vantagens da mudança da capital. Oponho-me ao ritmo
vertiginoso dos investimentos, dentro de uma situação econômica
e financeira difícil, com o agravante de aumentar as desigualda-
des regionais a níveis insuportáveis, e o empobrecimento geral
pelas emissões a jato.

— Por que todos os anos, ou periódicamente, o Congresso tem
de votar e o Govêrno tem de conseguir de todo jeito verbas para
as sêcas ? Com o dinheiro gasto no combate as sêcas o problema
não poderia já ter sido resolvido ?

— Em matéria de combate às sêcas do Nordeste está tudo ei-
rado. Infelizmente, não podemos analisar o problema numa sim-
ples resposta. Mas, salta aos olhos de todos: a solução DNOCS está
obsoleta, depois das novas realidades econômicas surgidas após
32, sobretudo Paulo Afonso. A dispersão de recursos e de órgãos
oficiais é um monstruoso sinal de incompetência. A corrupção na
aplicação das verbas é uma vergonha. Em 10 anos de trabalho
planejado, dentro de um esquema novo que aplique corretamente
os 3% estabelecidos pela Constituição, e use a energia de Paulo
Afonso e os recursos do Banco do Nordeste, além das verbas or-
çamentárias comuns, e facilitando o investimento privado, com
a cooperação dos Estados, pode-se transformar o Nordeste numa
região próspera, integrada no desenvolvimento econômico do país.
Se não o fizermos rapidamente, aumentaremos, até limites im-
previsíveis, o fosso econômico e social que separa o Sul do Norte.
Essa função revolucionada e pioneira depende do Govêrno.

— O Plano de Estabilização Monetária, do ministro Lucas Lopes,
vai dar os resultados apregoados ?

— Não. O Plano, embora tecnicamente bem elaborado
e com sugestões ao Executivo muito certas, esconde um pecado
original: quer estabilizar a moeda e manter o ritmo inflacionário
das construções de Brasília. Então, ou apelaremos para as emi-
ssões ou para os aumentos de impostos, ou para ambos. E aí não
há moeda que resista. E, com ela, o povo empobrecido.

— Qual, na verdade, o grande Partido vencedor nas últimas
eleições: o PTB, o PSD ou a UDN ?

— Tivemos eleições profundamente marcadas pelos interesses
regionais. Podem ser testes de um estado espírito geral.

Nas eleições majoritárias, realizadas com a cédula única, os êxi-
tos maiores foram da UDN, e, em segundo lugar, do PTB. O PSD
perdeu posições substanciais. Nas eleições de deputados, com cé-
dulas comuns, mais sujeitas à influência das máquinas políticas e
econômicas, os partidos mantiveram sua posição anterior.

— V. Excia. vai acreditar que tôda essa crise que aí está vai
terminar num 11 de novembro ?

— Em política, os acontecimentos dificilmente se repetem. Há
muita gente que desejaria outro 11 de novembro, ou até um novo
10 de novembro de 1937. Mas, temem a fragilidade de soluções,
que começariam, agora, por aumentar a divisão das forças arma-
das, e violentar o amadurecimento político do povo.

— V. Excia. acha que, em 1960, a UDN vai marchar ao lado
do Sr. Jânio Quadros ?

— Podemos marchar a seu lado, isto é, com a sua candidatura,
e podemos marchar a seu lado, isto é, com outra candidatura
paralela. Depende das condições políticas da época, e dos termos
em que a sua candidatura fôr colocada perante o povo e o nosso
Partido. Desde a reunião da Bahia, ficou assentado que a UDN
não tem candidatos inevitáveis, nem adversários irreconciliáveis.

— Que acha V. Excia. das articulações do deputado Cândido
Ferraz, da UDN do Piauí, que está lutando para torpedear a can-
didatura Jânio, em favor da candidatura Juracy Magalhães ?

— Não sei se são estas as atividades do deputado Ferraz. Se
êle deseja a candidatura própria, interpreta o sentimento de uma
larga parcela do Partido. Se fôr conveniente e indicada a candi-
datura própria, nenhum udenista, na atual situação, reúne me-
lhores qualidades pessoais, ajudadas por uma extraordinária ca-
pacidade administrativa e excepcional vocação políticas do que
o senador Juracy Magalhães, governador eleito da Bahia. E' útil
à UDN que, até 1960, as diversas tendências se façam sentir e dis-
cutir dentro do Partido e junto ao povo, para ajudar-nos a encon-
trar a melhor solução.

— A UDN tem possibilidades de vencer as eleições de 1960 sem
Jânio ? E Jânio venceria sem a UDN ?

— Duas perguntas pedem duas respostas. Nos pleitos presiden-
ciais que disputou, a UDN obteve sempre o 2º lugar, enfrentando
a aliança PSD-PTB. Manter-se-ia essa aliança ? Seria tão forte
quanto as anteriores, depois do desgaste revelado pelo PSD nas
últimas eleições ? Só no último pleito, que não foi propriamente
comandado pela UDN, Jânio esteve conosco, apoiando o general
Juarez. Resposta: conforme a disposição das forças, em princípio,
a UDN pode vencer sem Jânio. Jânio também pode vencer sem a
UDN. Se sua candidatura vencer os próprios partidos, superan-
do-os, num movimento popular irresistível. Se sua candidatura
apoiar-se em outro partido de penetração nacional, teoricamente
indispensável numa eleição presidencial.

— Como explica as fugas e negaças de Jânio, evitando encon-
trar-se com udenistas que vão a S. Paulo, inclusive V. Excia. ?

— Não tenho conhecimento dessas fugas e negaças. Fomos a
S. Paulo, sob a chefia do senador Juracy Magalhães, reiniciar as
excursões da "Caravana da Liberdade". Não tínhamos qualquer
"encontro marcado" com o governador Jânio Quadros, não o pro-
curamos, nem o vimos nos comícios que realizamos na capital e
no interior. Os jornais é que "fizeram" e "desfizeram" o encontro,
com êsse ar novelesco de fuga.

— Como vê a nova posição da Oposição, dando cobertura ao
Presidente da República e mantendo as baterias acesas contra o
general Lott ?

— A pergunta constrói uma situação inexistente. Não estamos
dando cobertura ao Presidente da República. Mantemos a linha
de rigorosa oposição. Naturalmente, refere-se a pergunta à crise
da Aeronáutica. Nela, sem querermos influir nos problemas mili-
tares, mas sem fugir de analisar suas repercussões políticas, acen-
tuamos o êrro inicial do Presidente, designando o general Lott
para dirigir a Aeronáutica, e os erros do general Lott aceitando
e agravando as dissensões. Como o Presidente omitiu-se na fase
do debate, e o general Lott aumentou a sua agressividade, os de-
bates se polarizaram mais em torno de sua posição.

— E' candidato ao Govêrno do seu Estado ? Contaria com o
apoio do Governador ?

— E' natural que a UDN, partido majoritário no Estado, e que
já detém o Govêrno, no momento, tenha candidato próprio na
eleição de 1960. Dentro do Partido, tenho recebido sugestões e
apelos para concordar na apresentação do meu nome. Os resul-
tados do último pleito — em que fui o deputado mais votado —
aumentaram essas condições. E' possível, pois, que venha a ser
candidato. O Governador é o presidente da UDN. Se o Partido
se inclinar para o meu nome, evidentemente a sua posição natural
de chefe partidário está indicada no mesmo sentido.

— Juracy tem possibilidades reais de vencer as eleições, con-
tando apenas com o apoio da UDN, numa luta contra PSD-PTB ?

— Teoricamente, não. Mas, ainda agora, na Bahia êle enfrentou
os dois, e mais alguns, e venceu a todos.

— Acredita na candidatura do general Lott ao Catete ? Que
forças poderiam apoiá-lo ?

— Êle tem várias condições: é maior de 35 anos, eleitor, polí-
tico e ministro da Guerra. Como posso saber quais as forças que
poderão apoiá-lo ? No quadro atual, ouço admitir-se que venha
a ser candidato do PSD e do PTB. Mas, creio também em outro
candidato, maior de 35 anos, político e vice-presidente da Repú-
blica, que provavelmente, não iria aceitar ocupe o sr. Jânio Qua-
dros, sozinho, a liderança populista, no próximo pleito.

— Não considera que será muito difícil Jânio aceitar as impo-
sições udenistas, principalmente as do deputado Carlos Lacerda,
que não esconde sua pretensão de vir a ser o vice na chapa de
Jânio ?

— A pergunta faz afirmações de fatos que não conheço e nem
creio que sejam certos. — 1º — A UDN não faz imposições. Um

partido que faça *imposição* ao homem que deseja para candidato começa por diminuí-lo, e a missão do Partido é fazer crescer o candidato. 2º — a UDN não usa imposições: apresenta a seus candidatos o programa e os princípios do Partido. 3º — O que o deputado Carlos Lacerda pode desejar de um candidato é que aceite e cumpra esse programa e realize esses princípios, que são também os seus. 4º — Se o deputado Carlos Lacerda deseja ser vice na chapa de Jânio, esconde, sim. E não creio que a informação esteja correta, em qualquer das duas hipóteses. O deputado Carlos Lacerda é um grande nome do nosso Partido, com qualidades excepcionais para altas funções políticas, e com comprovado prestígio popular. Pode ter aspirações políticas, e deve tê-las. Mas, evidentemente, dentro dos interesses do Partido, a que serve com devotamento e brilho.

— Acredita que Jânio, eleito pela UDN, seria um presidente udenista e cumpriria o programa da UDN?

— A suposição natural é que um candidato eleito por um Partido cumpra, no governo, o programa desse Partido. Para que fosse um presidente udenista, bastaria ser um bom presidente da República. No governo de São Paulo, sem compromissos eleitorais com a UDN, realizou uma administração udenista: honrada e fecunda.

— Como a UDN vê atualmente as manifestações adesistas dos governadores da UDN (exemplo Cid Sampaio) que estão se aproximando do Catete, reivindicando melhor tratamento para seus Estados, tendo recebido promessas do presidente. Esses governadores, beneficiados pelo Catete, ficariam contra uma candidatura do Catete?

— Mais uma vez, discordo dos termos em que a pergunta coloca os problemas. Não há manifestações adesistas de governadores da UDN. Os governadores, eleitos pela UDN nos pleitos anteriores e nos últimos, quando procuram o Presidente da República para tratar de interesses dos seus Estados, cumprem o seu dever, e o Presidente, ao atendê-los, cumpre o seu. A União não é propriedade do Presidente nem do seu Partido. Governadores e Presidentes são mandatários do povo para administrar a coisa pública, e neste terreno se entendem, e é indispensável que se entendam, à margem de suas respectivas posições políticas. Por isso mesmo, tais entendimentos em nada podem influir nos compromissos de uns e de outros, dentro de seus partidos.

FERNANDO SABINO

— Até que ponto "O Encontro Marcado" é um romance autobiográfico?

— Meu romance não é auto-biografia mas um paralelo.

— Você faz crônicas por necessidade, ou se realiza, profissionalmente, como cronista?

— A crônica é o meu meio de vida. Portanto me realizo profissionalmente, fazendo crônica por necessidade.

— Qual a sua opinião sobre o chamado "caso Boris Pasternak"?

— Trata-se de assunto já amplamente discutido, de modo que só alguém de má fé pode se colocar, com relação ao problema, contra a opinião dos escritores e intelectuais do mundo inteiro.

— Quais os melhores romances brasileiros de todos os tempos?

— Todos os de Machado de Assis.

— Quais os livros que você recomendaria a quem quisesse iniciar uma boa cultura literária?

— Uma boa história da literatura universal. A de Manoel Bandeira, por exemplo. Com ela ele já poderia orientar a sua leitura segundo suas inclinações.

— Qual o saldo do governo Juscelino Kubitschek nestes dois anos?

— Se eu fosse Stanislaw Ponte Preta, responderia: "O samba caminha a passos largos para o abismo do tango".

— Há uma receita para uma crônica? Qual é?

— Há boas receitas para crônicas ruins. É condição fundamental para que uma crônica seja boa que ela não obedeça receita alguma.

— Se você dobrasse uma esquina e se encontrasse com você mesmo aos 20 anos, que faria?

— Ambos fugiríamos horrorizados...

— Qual a crônica, das centenas que você já escreveu, que mais sucesso causou? E por que?

— Foi a crônica do "Homem nu". Porque não sei. Talvez porque tenha sido verdade e toda gente gosta da verdade nua e crua...

— Qual o verso que você não esquece?

— Há muitos que eu não esqueço. Inclusive quase todos de Carlos Drummond de Andrade. Mas ultimamente, um que tem ficado muito na minha cabeça, onde foi pôsto por Rubem Braga, é, creio, de um samba de Orestes Barbosa: "As vezes dou gargalhadas pensando no meu passado"...

Fernando Sabino demorou-se três dias no Recife. Aprendeu a comer abacaxi, à maneira da terra, e autografou exemplares de "O Encontro Marcado".



CINEMA

ROBERT TAYLOR VS RICHARD WIDMARK

Duelo na

Cidade Fantasma



DOS ÚLTIMOS WESTERNS produzidos em Hollywood, **Duelo na Cidade Fantasma** (The Law and Jake Wade) é, na opinião de vários críticos, um dos mais interessantes. Robert Taylor e Richard Widmark, nos papéis principais, garantem a bilheteria e o duelo — e, no meio do tiroteio, está a ruiva e bonita Patricia Owens. Mais atrás, o excelente Robert Middleton, o confuso Henry Silva, o “pistoleiro negro” De Forest Kelley, Burt Douglas e Eddie Firestone. Produzido por William Hawks para a MGM (e é um bom produtor este Hawks, irmão de Howard, o veterano diretor), **Duelo na Cidade Fantasma** tem outra credencial: o nome de John Sturges na direção.

A recente safra de westerns, aliás, é quantitativa e qualitativamente boa. Entre os já exibidos aqui, figuram **Estigma da Crueldade** (The Bravados), **Caçada Humana** (Man Hunt), **O Irresistível Forasteiro** (The Sheepman), **Galante e Sanguinário** (3:10 to Yuma) e, do mesmo John Sturges, **Sem Lei e Sem Alma** (Gunfight at the OK Corral). Entre os que veremos próximamente, estão **The Big Country**, de William Wyler, com Gary Cooper, Jean Simmons, Charlton Heston, Carroll Baker; **Man of the West**, de Anthony Mann, com Gary Cooper, Julie London, Lee J. Cobb; **Como Nasce um Bravo** (Cowboy), de Delmer Daves, com Glenn Ford e Jack Lemmon; **Night Passage**, de James Neilson, com James Stewart e Audie Murphy.



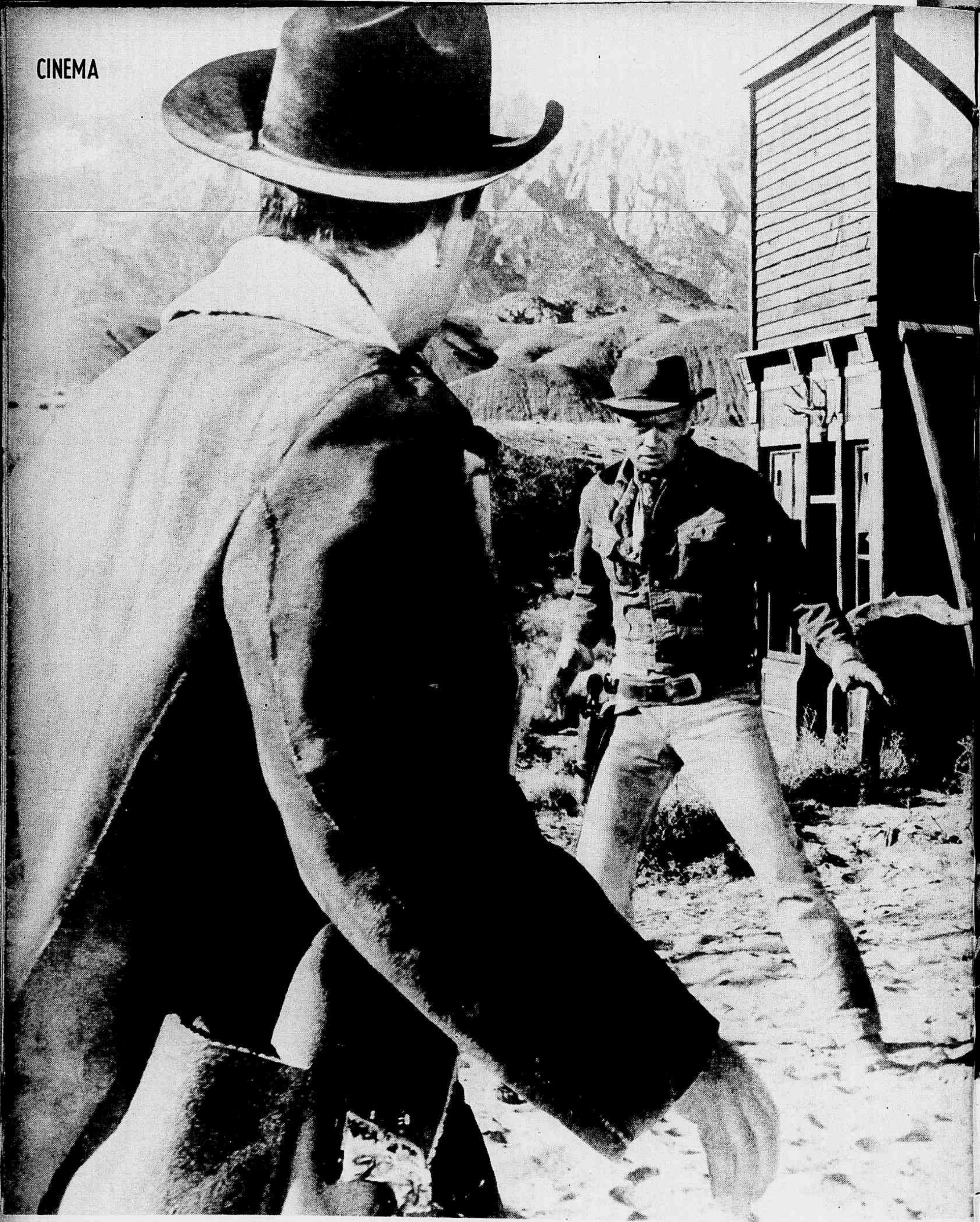
TAYLOR NO WILD WEST

Últimamente, tem sido intensa a atividade de Robert Taylor no velho e selvagem Oeste. A sua melhor atuação no gênero é a do sanguinário caçador de **A Última Caçada** (The Last Hunt), dirigido por Richard Brooks. Há poucas semanas, Taylor foi o herói, mas no lado bom, de **Irmão Contra Irmão** (Saddle the Wind), onde tinha de acalmar a ira transviada do irmão mais moço, o irrequieto John Cassavetes.

Em **Duelo na Cidade Fantasma**, Robert Taylor e Richard Widmark, velhos companheiros de uma carreira de assaltos e outros crimes voltam a encontrar-se passados vários anos na cidade

de que o primeiro regenerado se fez **sheriff**. Como retribuição de um favor que Widmark lhe havia feito Taylor tira o antigo cúmplice da cadeia de uma cidade vizinha. Widmark, entretanto, insiste em sua volta à quadrilha, ou melhor, aponta-lhe a pistola a fim de que ele o acompanhe até o lugar em que, ao decidir deixar a carreira da violência, Taylor enterrara o produto de um de seus assaltos. Com o mesmo propósito, os asseclas de Widmark, tendo à frente Robert Middleton e Henry Silva, sequestram Patricia Owens, que é a noiva do **sheriff**. Todos os personagens se movem, então, pelo deserto, à sombra das Sierras, e o ajuste de contas, inevitável, verifica-se numa "cidade fantasma" do Arizona.

CINEMA



Em "Duelo na Cidade Fantasma" Robert Taylor e Richard Widmark

Esta é a história que o eficiente William Bowers (o **scripter** do recente **O Irresistível Forasteiro** e do "clássico" **O Matador**) extraiu da novela de Marvin H. Albert. A fotografia, em CinemaScope e Metrocolor, ficou sob a responsabilidade de Robert Surtees; ao que se afirma, é sempre boa e, no aproveitamento do **décor** natural, no deserto e na "ghost town", chega a ser excelente.

Quanto à interpretação, a maior classe de Richard Widmark — invariavelmente bem como vilão e à vontade no meio das maiores violências, como se sabe desde a sua impressionante estréia como o **gangster** sádico de **O Beijo da Morte** — a firmeza e o rigor dêste artista superam a performance de Robert Taylor, embora êste seja hoje um ator competente. O papel de Taylor, aliás, é mais simples, psicologicamente mais reto do que o vivido por Widmark, que, como de costume, dá densidade e complexidade ao seu personagem. Patricia Owens é uma atriz bonita como se viu em **A Ilha nos Trópicos** (como a mulher e a causa dos ciúmes de James Mason) e **A Mulher do Próximo** (como a vítima de Cameron Mitchell, um tarado sexual). E Robert Middleton, também de acôrdo com seus hábitos, sobressai especialmente nas cenas de violência, sendo o melhor vulto do **supporting cast**.

OS WESTERNS DE STURGES

A especialidade do diretor John Sturges é o **western**. Embora o ponto mais alto de sua carreira esteja, evidentemente, em **Conspiração de Silêncio** — cuja trama se desdobra numa pequena cidade do Oeste, mas não é, a rigor, a de um **western** — os per-

sonagens habituais da obra de Sturges são **sheriffs** como Wyatt Earp e jogadores como Doc Holliday (os dois em **Sem Lei e Sem Alma**, vividos por Burt Lancaster e Kirk Douglas), aventureiros como o Richard Widmark de **Punido Pelo Próprio Sangue**, **bad men** como os liderados pelo veterano Randolph Scott em **Os Sete Homens Maus**, cavalaria e Apaches como os de **A Fera de Forte Bravo** (com William Holden e Eleanor Parker).

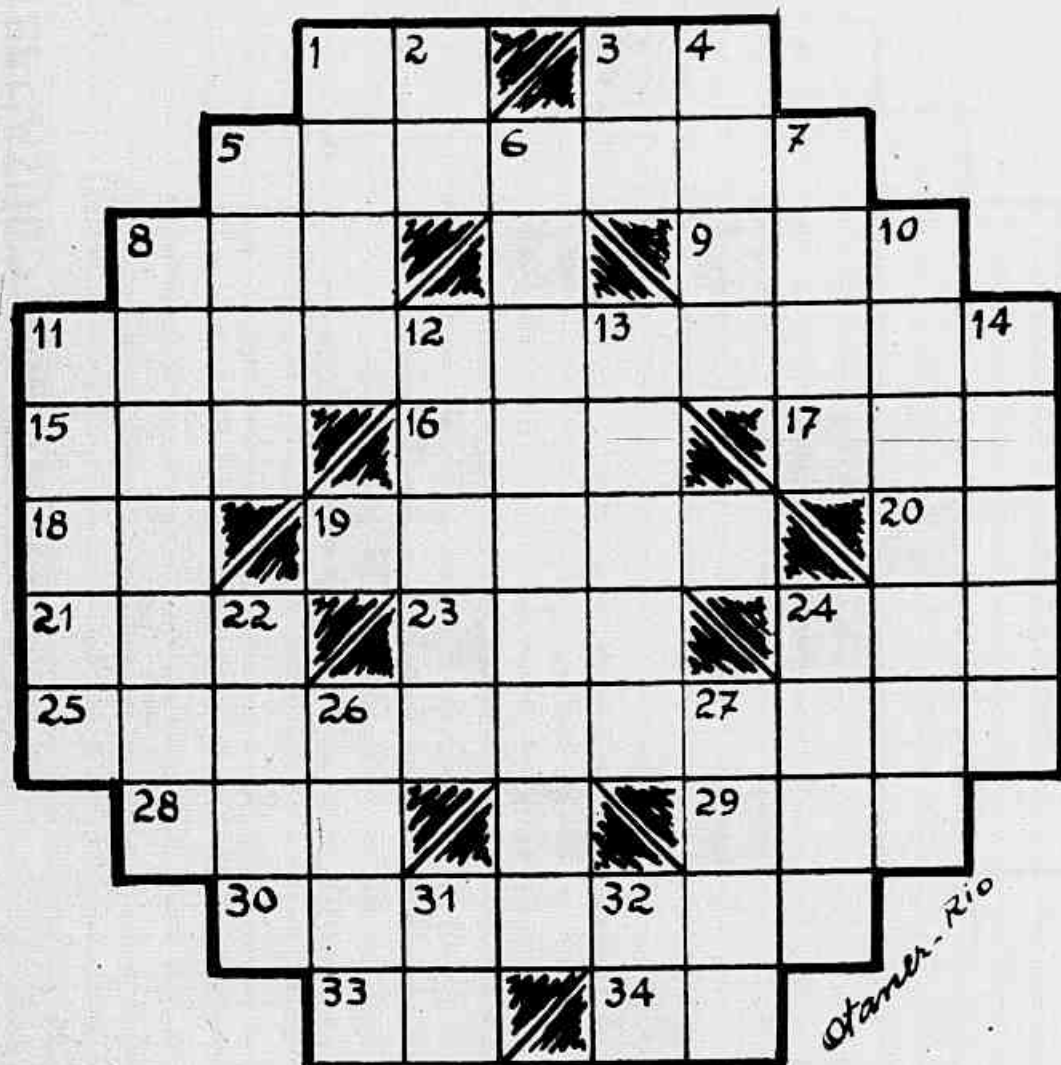
Os **westerns**, também quantitativamente, predominam de forma quase absoluta na filmografia de John Sturges. Mas a habilidade e o ecletismo do diretor poderão ser mais uma vez (e perfeitamente) medidos quando chegar ao Brasil a versão cinematográfica de **O Velho e o Mar**, a extraordinária novela de Ernest Hemingway.

Há quem assegure a **Duelo na Cidade Fantasma** uma posição confortável entre os **westerns** de Sturges — o melhor dos quais, até agora, talvez seja mesmo o que lhe proporcionou uma movimentada e intensa história do inesgotável Borden Chase: **Punido Pelo Próprio Sangue**.

Além de conhecer todos os segredos da mecânica do cinema, o diretor tem essa paixão pelas histórias simples, pelas cenas fortes ou violentas — tudo o que caracteriza o bom fazedor de **westerns**. Abaixo de Ford e de Mann, entre os realizadores mais amigos do gênero, Sturges rivaliza com o velho Raoul Walsh e o sempre firme Henry Hathaway e supera, por nunca sobrecarregar ou complicar as tramas, outros diretores, como Delmer Daves, para citar um que também é competente.



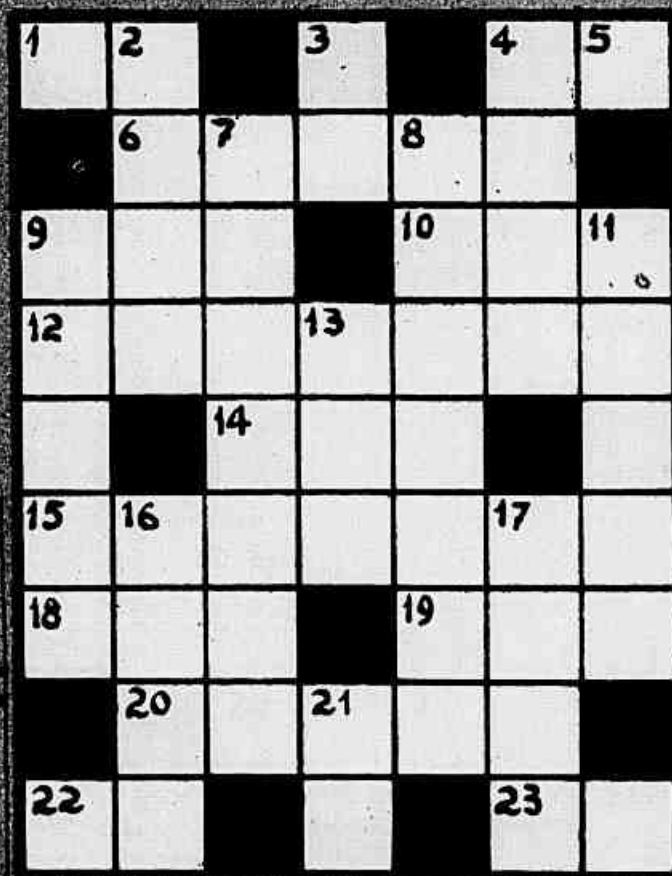
garantem a bilheteria e o duelo. Entre ambos, a bela Patricia Owens.



PROBLEMA N.º 62 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Caracteres que pluralizam a representação fonética da primeira letra — 2. Símbolo do metalóide de peso atômico 79,916 — 5. Pôr-se em paralelo — 8. Língua africana do grupo voltaico — 9. Motivo, causa — 11. Que está escrito em linhas muito compridas (pl.) — 15. Vizinhança — 16. Jamanta — 17. Insignia militar da Ordem de S. Miguel — 18. Nome da 17.^a letra do alfabeto celta — 19. Tolo — 20. Prefixo que denota oposição, separação — 21. Nome de mulher — 23. Atação — 24. Rêde dos índios do Brasil — 25. Adaptação — 28. Afluente esquerdo do Reno — 29. Gênero de orquídeas — 30. Onomatopéia do toque do tambor — 33. Nota musical — 34. Interjeição de admiração, espanto.

VERTICAIS: 1. Ter dedicação — 2. Último mês de verão dos sírios — 3. Balido — 4. Planta têxtil asiática — 5. Vaso em forma de ânfora — 6. Fizera esquecer — 7. Penhasco no mar ou em terra — 8. Rendimento aplicado ao culto de uma igreja — 10. Que gira — 11. Ruim, covarde — 12. Têm tonturas — 13. Pesam para abater a tara — 14. Prudente — 22. Guindar — 24. Espécie de conchas bivalves — 26. Sanhas — 27. A casa dos deuses (mit. germânica) — 31. Planta, o mesmo que raiz-de-chá — 32. Costado.



PROBLEMA N.º 62 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Outra coisa — 4. Instrumento agrícola — 6. Tolo; pateta — 9. Quer bem — 10. Reza — 12. Frutos da tamareira — 14. Nome de homem — 15. Afastar; remover para trás — 16. Retira-se — 19. Argola — 20. Frouxa — 22. Perversa — 23. Igreja episcopal.

VERTICAIS: 2. Lôdo, barro — 3. Aqui — 4. Estado do Brasil — 7. Ramagem — 8. Orvalhadas — 9. Coleção de cartas geográficas — 11. Designação comum a todos os corpos celestes — 13. Unidade das medidas agrárias — 16. Pouca espessa — 17. Lavras — 21. Isolado.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 61

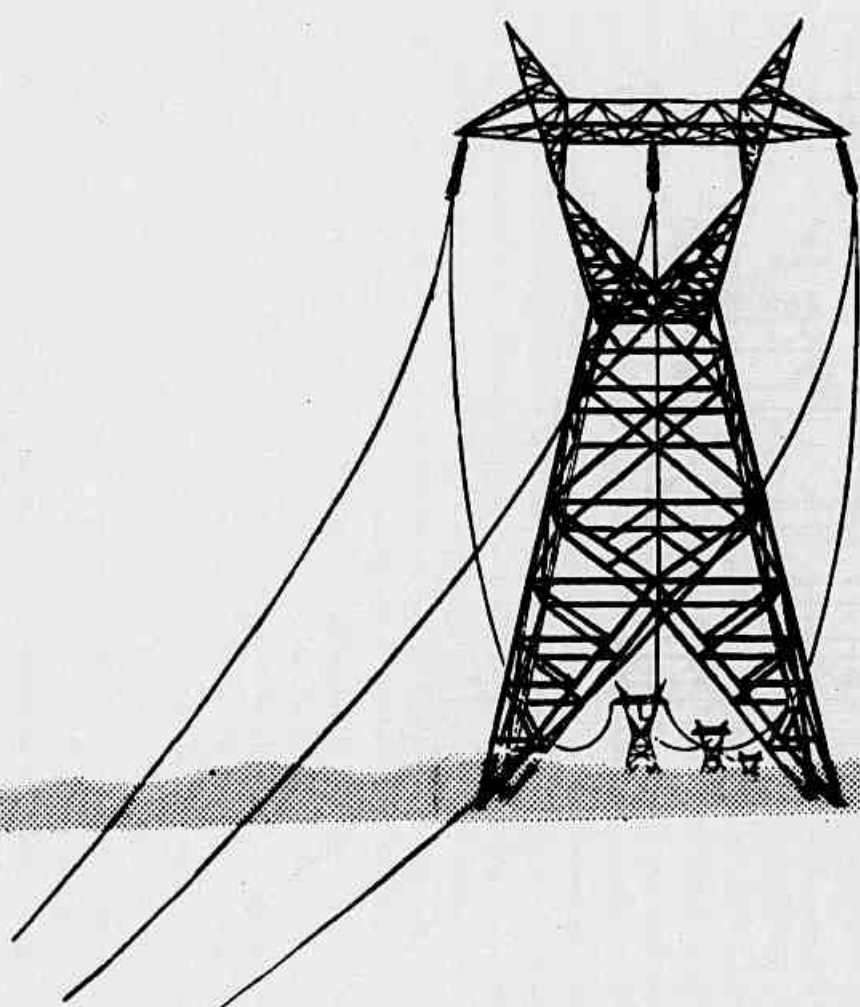
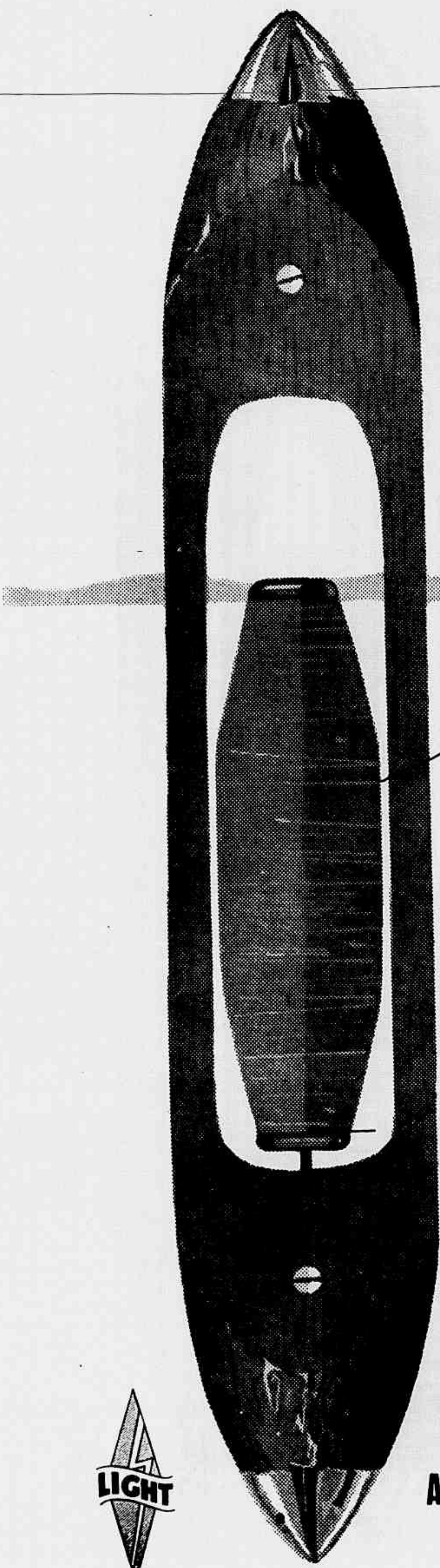
PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: avaliar — arma — ciar — xé — rasca — CI — agram — arses — relapsias — sim — soa — aco — sociedade — atias — opina — ta — causo — tu — osso — rios — ossicos.

VERTICAIS: laxa — A.M. — varal — lis — acari — ri — iris — registas — acescento — amasisa — casados — remói — Saadi — Poe — cacos — áporo — atos — auso — uri — só — Is.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: má — la — iam — ter — ama — rataria — catar — pararia — ira — ima — mês — si — só.
VERTICAIS: miar — aa — lê — ária — mataria — tararam — matar — aca — iri — pais — auso — mi — és.



*Fios que convergem
para um objetivo comum:*
PROGRESSO!

Pelos seus elevados padrões de técnica, beleza e qualidade, os tecidos brasileiros conquistaram justificado renome internacional.

A indústria têxtil, com uma produção anual já superior a 50 bilhões de cruzeiros, desempenha relevante papel na economia do País.

Parte substancial dessa indústria está localizada na região Rio-São Paulo, onde a energia elétrica contribuiu de maneira decisiva para o seu extraordinário progresso.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



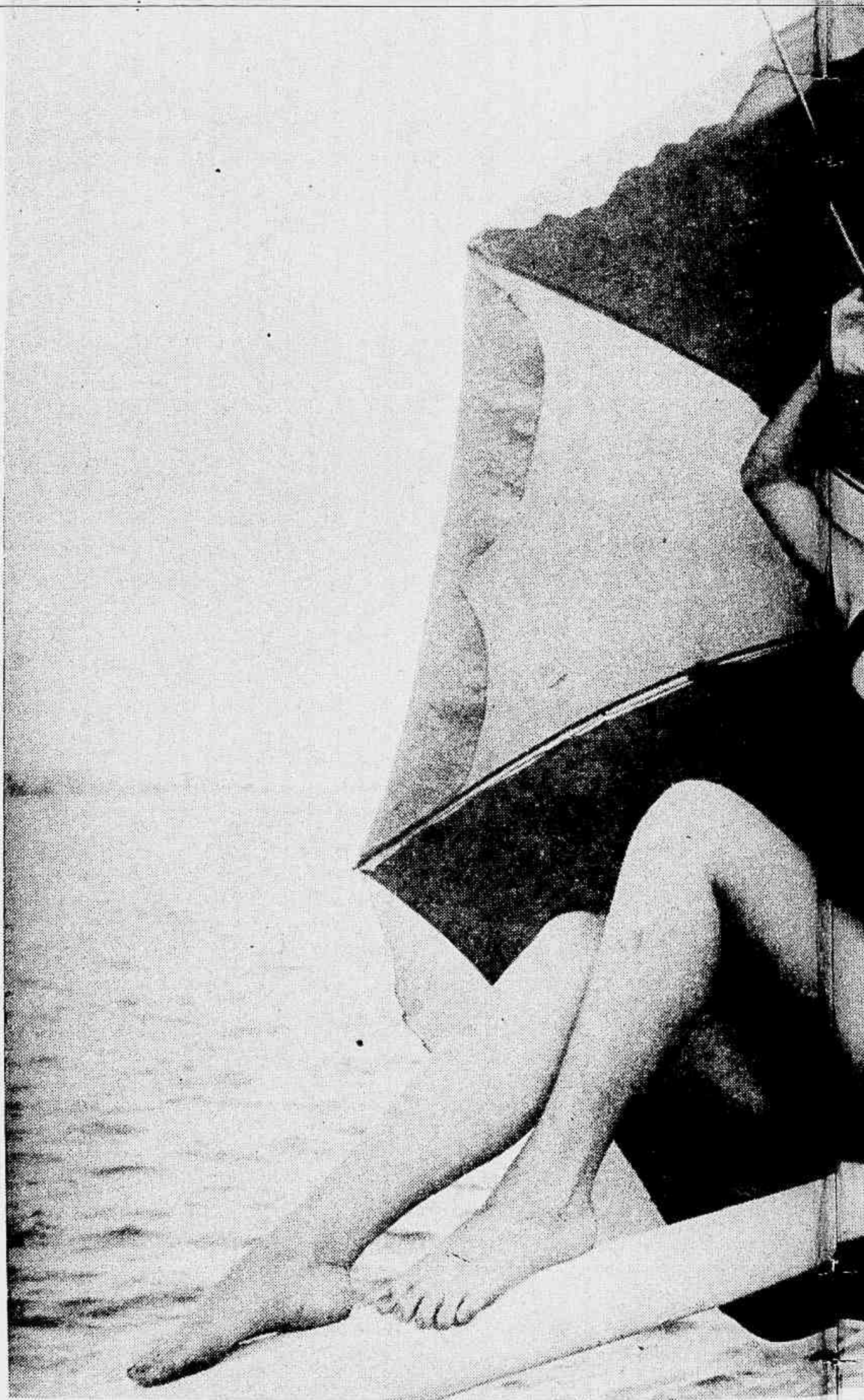
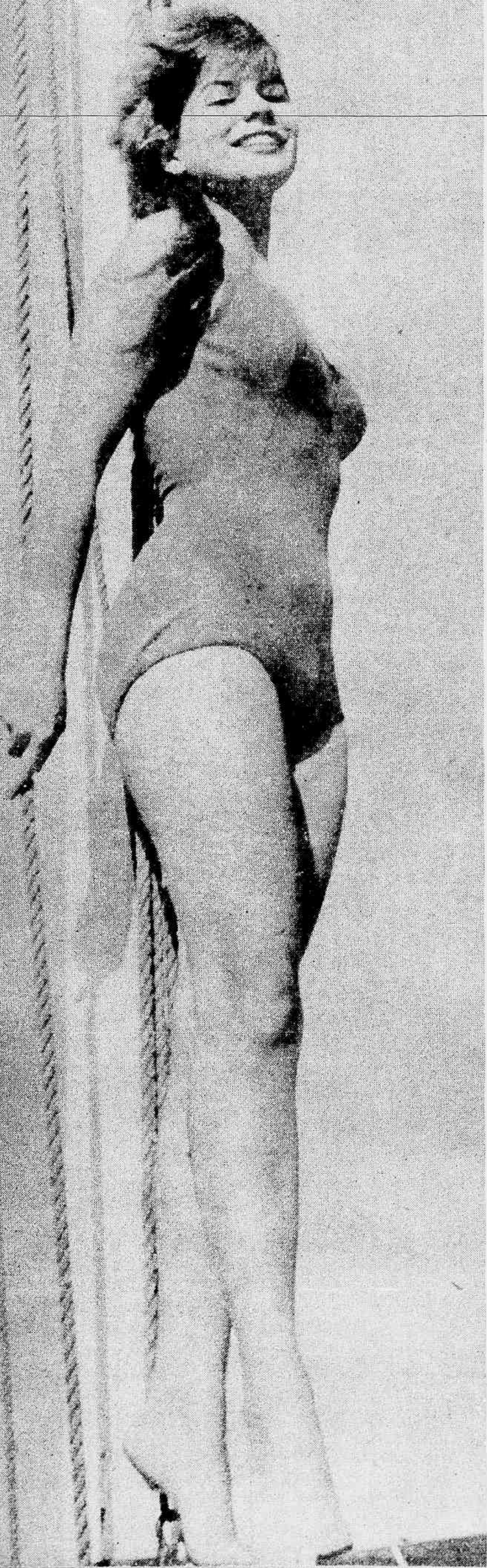
Três cariocas (do "charleston") conquistaram muitos pernambucanos (do "frevo")



Noelza Guimarães foi a garôta que mais sucesso fez em Pernambuco. Também, bonita como é, não é nenhuma vantagem...

E AÍ CHEGARAM os três brotos do Rio e os pernambucanos pararam tudo e foram para a praia. Não adiantou os patrões fazerem chamadas pelos jornais, nem deixar recados ameaçadores pelo telefone e muito menos os apelos dos parentes, que lembravam com muita sensatez: "as garôtas passam e o emprego fica". Qual o que? Os rapazes endoidaram mesmo a cabeça, como se diz no Norte, e passaram a adotar o sistema defendido pelo poeta Ascenço Ferreira: "Na hora de comer, comer, na hora de brincar, brincar, na hora de trabalhar, pernas para o ar que ninguém é de ferro..."

Três belas cariocas vasculharam



Noelza também esquiou nas águas do Capibaribe. Mas mesmo parada a garôta bulia com o coração dos rapazes da terra do frevo...

O Alexandrino Rocha, "play-boy" dos mais perigosos, um outro que não podemos dizer o nome porque a esposa bate nêle, o Mircio Miranda, o Fernando Navarro, e outros menores, se revezavam em atenções com as garôtas. E o Cabanga Iate Clube passou a ser o Q.G. da chamada "Operação Brôto". Tudo isso com a complacência do Comodoro Fernando Rodrigues.

Durante quatro dias as três cariocas vasculharam o Recife, de ponta a ponta, ou diríamos melhor, de ponte a ponte... Foram a Dois Irmãos, Caxangá, Boa Viagem e Derbi. Sem falar em Olinda. Porém o que elas mais gostaram, foi do passeio de lancha no Capibaribe e as saídas de iate, pela barra a fora. Seus nomes

m o Recife de ponta a ponta. Ou melhor: de ponte a ponte...



Ana Lúcia Salgado é a outra integrante do trio que revolucionou o Recife. Muita gente chorou no Aeroporto dos Guararapes por sua causa...

foram os pratos prediletos dos colunistas sociais. E suas fotos (principalmente de maiô, é lógico) passaram a ocupar os altos de páginas dos jornais. E elas, que tinham ido ao Recife apenas para mostrar o "charleston", em um clube da cidade, acabaram dançando o "frevo", no coração dos "play-boys"...

Mas como "alegria de pobre dura pouco" (pobres de amor, vale a pena ressaltar), chegou o dia da partida. E lá estavam chorosos, no Aeroporto dos Guararapes, "melindrosas" e "passistas", que passaram daí então, da fase "pessoal-romântica", para a "epistolar-telegráfica"...



Nice Santos também teve o seu "fã-clube". Foi das mais populares e que mais saudades deixou.



A ÉPOCA É DAS MAIS DIFÍCEIS,

mas o

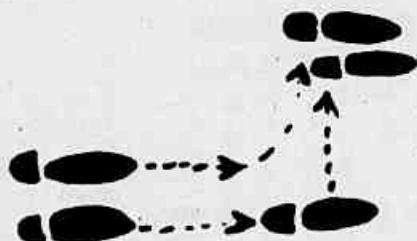
KALEIDOSCÓPIO

por Chuck Woodward, prontamente vai ajudar os leitores a distinguir entre o que

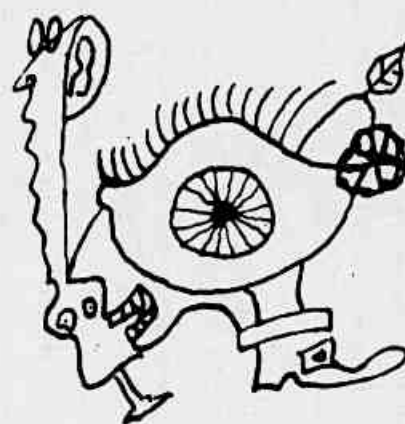
é PRÓPRIO e o que é ESQUERDO. Há coisas dos dois tipos e pessoas dos dois tipos.

Uma coisa consegue este comentário: "Ah, isto é PRÓPRIO !" quando é "tradicional"

como o "fox-trot"



cu obscura como a arte moderna



ou quando é tão ESQUERDA que nem um ESQUERDO quer ir lá, como Maracangalha.

Um ESQUERDO sempre tenta ser um PRÓPRIO dizendo só gostar do que é PRÓPRIO, mas

nunca consegue, a não ser que seja "barrado"



no "Country Club", detalhe hoje

em dia muito PRÓPRIO. Falar do Tenente Bandeira, especular sobre o destino negro

de Soraya, relembrar as décadas de 20 ou 30 ou mesmo de 40 é defi-

nitivamente ESQUERDO. Fumar cigarros americanos de filtro branco é decidadamente

PRÓPRIO, se bem que os de filtro de cortiça sejam ESQUERDOS agora. Possuir um

"caniche"



é muito PRÓPRIO, especialmente quando se afirma que ele

não tem registro no Kennel Club porque os papéis do pai dêle se perderam na via-

gem. Comer "Strogonoff" nas casas noturnas é muito ESQUERDO agora, se for comido

no "Fred's" então, recebe prêmio duplo. Muito PRÓPRIO é almoçar no "Verde Mar" e

pedir queijos importados



para sobremesa. Para os colunistas, citar

Tereza e Didú de Souza Campos é novamente PRÓPRIO enquanto ficar esperando novas

aventuras



de Baby Pignatari já está muito ESQUERDO.

O que está decididamente PRÓPRIO atualmente é uma senhora muito rica dizer que,

devido ao aumento dos taxis, pegou um Lotação



na cidade.

No teatro, Cacilda Backer é assunto muito PRÓPRIO mas Dulcina de Moraes já está

muito ESQUERDO. Dizer que a peça "Pedro Mico"



possue todo o sa

bôr verdadeiro dos môrros, sem nunca ter ido a um môrro, é PRÓPRIO. Já descobrir

grande defesa de rapazes delicados



em "Chá e Simpatia", é ESQUERDO.

Aguardem próximas aulas sobre o assunto, tendo em mente que elas apenas ensina-

rão a distinguir entre os dois tipos, nunca como vir a ser um PRÓPRIO. Para isto

a melhor coisa é não fazer nada. Não fazer nada é muito PRÓPRIO.

ÓLEO DE CEDRO



INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS

RUA MÉXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415

CAMPAINHA

DIN-DON

COMPLEMENTO AGRADÁVEL
DE SUA BUZINA!

- ★ Alerta o pedestre sem assustá-lo
- ★ Pode ser usada nas «tonas de silêncio»
- ★ Adaptável a todos os tipos de veículos
- ★ ECONOMIZA A BATERIA



NOVIDADES sempre uteis só na *Mil*
A milionária do Castelo

RUA MÉXICO, 99-A — Tel: 22-1000

REVISTA DA SEMANA



Cr\$ 10,00

Em todo o Brasil

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

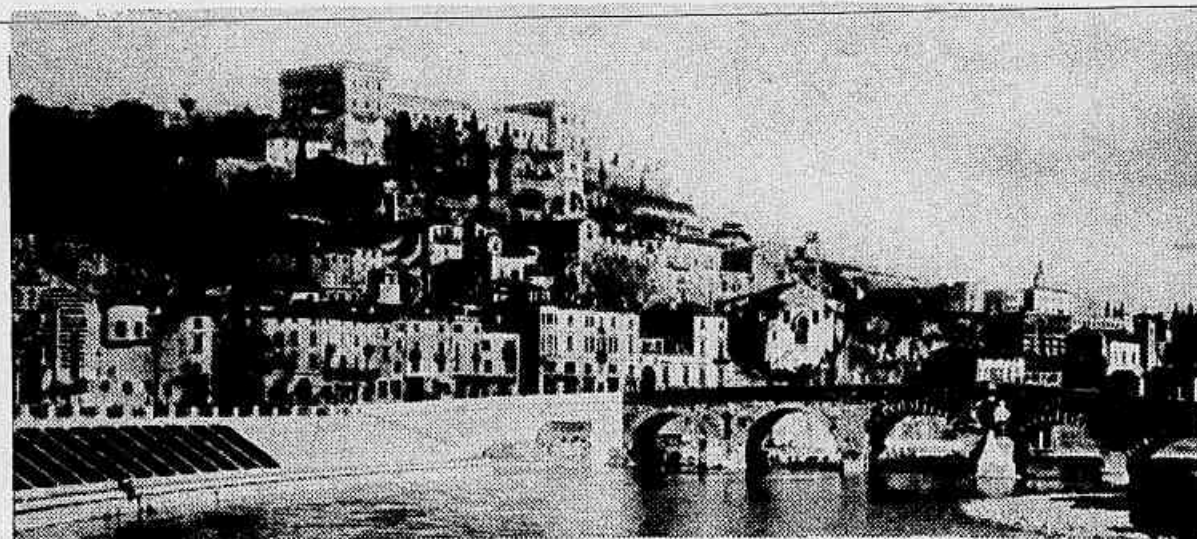
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 10 perguntas certas —
excelentes; de 7 a 9 — muito bom; 5 e 6 —
bom; 4 — fraco; 2 a 3 — medíocre; 0 — o fim.



1 — A foto mostra ponte Ro-
mana na cidade de:

- Bolonha?
- Verona?
- Castel Gandolfo?

2 — A palavra diamante
quer dizer:

- Coisa que não pode
ser abrandada?
- Brilhante?
- Que brilha como a
luz do dia?

3 — O conde de Pôrto Ale-
gre, um dos heróis da
guerra do Paraguai, ti-
nha como verdadeiro
nome:

- Argolo Ferrão?
- Manuel Marques de
Souza?
- Andrade Neves?

4 — Popeye é um persona-
famoso de um romance
de William Faulkner.
Chama-se o livro:

- Luz de Agosto?
- Santuário?
- Sartoris?

5 — A palavra trechelo é:

- Um adjetivo que sig-
nifica "muito chelo"?
- Um substantivo sinô-
nimo de "rechelo"?
- Substantivo que sig-
nifica "ato de trin-
char"?

6 — Tyrone Power, recente-
mente falecido, traba-
lhou com sua primeira
espôsa, Annabela, em:

- Dormitório de Mo-
ças?
- Café Metrópole?
- Suez?

7 — O deputado mais vota-
do nas eleições parla-

mentares dêste mês na
França foi:

- George Bidault?
- Jacques Soustelle?
- Pierre Mendès-Fran-
ce?

8 — "Não concordo com uma
palavra do que dizeis
mas defenderei até a
morte vosso direito de
dizê-lo". É uma frase
célebre de:

- Chateaubriand?
- Rousseau
- Voltaire?

9 — Salvador Dali, além de
famoso pintor, possui
também experiências ci-
nematográficas. Para
qual dêstes filmes ima-
ginou uma sequência:

- Intermezzo?
- Quando fala o cora-
ção?
- Festim diabólico?

10 — A foto mostra, de Ro-
din:

- O pensador?
- A sombra ou a dor?
- Ícaro tombado?

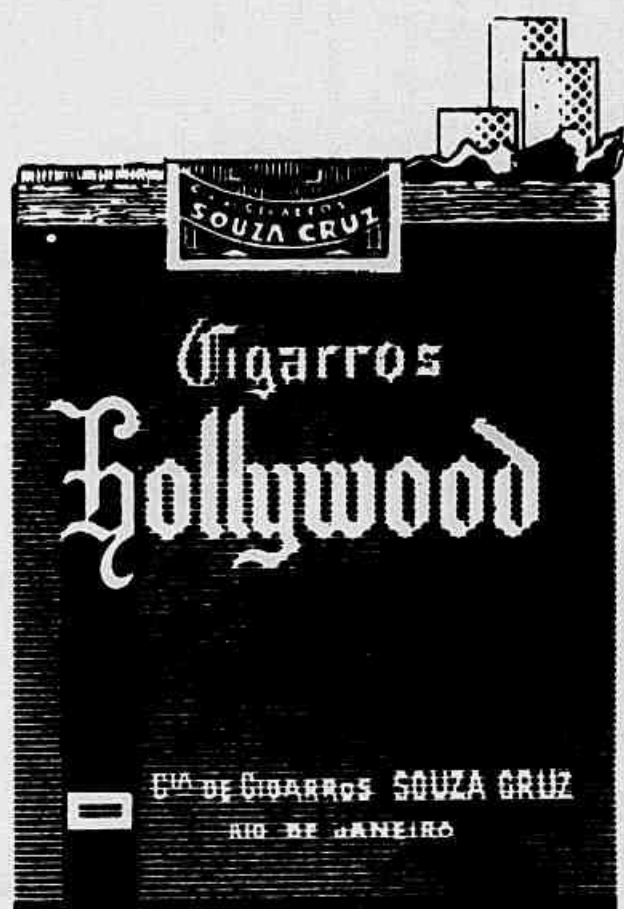


RESPOSTAS: 1) Verona; 2) coisa que não pode ser abran-
cada; 3) Manuel Marques de Souza; 4) Santuário; 5) Muito
chelo; 6 Suez, onde fez o papel de Ferdinand de Lesseps, o en-
genheiro que abriu o canal; 7) Jacques Soustelle; 8) Voltaire;
(9) "Quando Fala o Coração"; 10) "A sombra ou a dor".



quase um sonho... ficar assim
em silêncio, ouvindo música,
fumando

hollywood



Uma
tradição de
bom gosto

COMPANHIA DE CIGARROS SOUZA CRUZ

OS GALHOS

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD

RESUMO: A morte da viúva Nabira, aos 80 anos, abala os moradores do velho casarão de São Luís. Sérgio, o neto, está inconsolável, e o invadem os remorsos de não ter casado com a prima Jasmina, como era o grande sonho de Nabira. Finalmente, porém, confessa-lhe o seu amor — numa vitória do coração sobre o orgulho.

— POR QUE rasgá-la, meu bem? Não foi escrita pela mão de vovó porque a pobre não sabia escrever. Era uma de suas grandes tristezas. Mas foi escrita com o seu coração e com seu espírito esperto e ardiloso. Esta carta é a prova de que você não veio ao Brasil apanhar um marido rico e ficou porque me ama. Jasmim do Cabo, verei se poderei dormir. Durma, meu amor para amanhã seu rostinho não ficar cansado. Não quero noiva feia e aviso-a, desde logo, que não quero mulher gorda e barriguda. Depois de nascerem nossos filhos, você tem de se virar, fazer regime ou ginástica para ficar sempre linda assim.

Jasmina envolveu-lhe o pescoço, num abraço muito terno:

— Sarkis, você é "surprenant"! Lembrrrrar disso agora? Eu prometo ser sempre linda para você. Vai dormir "yaiune". Sei que dormiremos porque mesmo muito tristes, nós estamos em paz.

Ridículo! Sérgio teve uma insônia atroz não por pensar no amor de Jasmina recentemente revelado, nem na dor de ter perdido a avó ou por sofrer as conseqüências das emoções do trágico dia. Não dormiu de raiva, pois lembrou-se, de súbito, que a avó durante a guerra, levava dois meses em grande aflição porque o Brasil tardava em reconhecer a independência do Líbano e Síria. Só o fizera depois dos Estados Unidos, Rússia e Inglaterra. Aquilo doera na alma da velha que parecia considerar o Brasil uma espécie de filial do Líbano (!) Sérgio se lembrava emocionado, da alegria da avó quando finalmente a 18 de novembro de 1944, nossa terra reconheceu, oficialmente, a independência do Líbano dos Cedros Eternos e da Síria. Ele lhe levava nesse dia, um buquê de rosas vermelhas, rosas de sangue... e Nabira, em regozijo, oferecera à colônia sírio-libanesa de S. Luís, uma grande festa.

Vó Nabira que dizia assim:

— Ieu tem raiva de sabê que aquêles francêss estrangeiros ton mandando ni minia terra quando êles non quisero alemão ni terra dêles... Non querem ser governados mas quere governar os outros. Ieu jura pra Deus qui um dia êles sai de Liban.

Ele ria:

— São que nem a senhora, Rainha da Inglaterra, que pintou o sete com vovó Adma, casou com quem quis, scandalizou sua gente vindo para o Brasil e agora governa a família inteira.

(A humanidade é a mesma, em cada indivíduo ou na coletividade).



DO CEDRO



LUIZ CANABRAVA

Deviam mudar-se o mais depressa possível, pois o e vasio como um túmulo deserto...

NAS NOTES mornas e arrastadas do enlutado sobradão, apenas Sérgio e Jasmina eram felizes, porque encantavam-se com seu mútuo amor e conversando longamente, descobriam a alma um do outro, contando cada qual o que sentiram e como começaram a se amar. Onde houvera dissimulação, sofrimento, havia agora deliciosa franqueza.

Ela era uma dessas mulheres cuja íntima convivência fascina pela sua versatilidade, sua inteligência, seu espírito divertido e bem humorado. Existem mulheres cansativas, iguais, enjoadas e embora belas e elegantes, fatigam os homens. Jasmina não cansava porque ela só, constituía uma dezena de mulheres. As vezes meiga, outras sensual, às vezes maliciosa, descobrindo sempre um lado cômico ou inédito em tudo. Sérgio aprendeu a eterna verdade — a união da carne persiste quando há atração espiritual. Admirava o caráter da moça, franco, leal, apaixonado. Saber que a princípio brincara de conquistá-lo para depois, tendo-o vencido, fugir para o Líbano, divertira-o. Mas, Jasmina logo lhe dissera havê-lo amado contra seu próprio desejo e raciocínio, pois ele era exatamente o oposto do príncipe encantado de seus sonhos. Ao ouvir tal confissão, Sérgio cerra-lhe o pulso, dominado pelo ciúme:

— Andou procurando príncipes encantados? Experimentando-os? Quantos doutores de anel no dedo, namorou? Quantos intelectuais? Acha que sou um boçal? Que não tenho cultura?

Jasmina calou-se com um riso ambíguo, exasperando-o. Percebera muito cedo que Sérgio tinha em relação a ela, o complexo de não ter cultivado melhor o espírito. Ele continuou irritadíssimo:

— Pense bem, ainda não nos casamos. Não quero que se arrependa depois.

Jasmina aconchegou-se a ele, afirmando-lhe jamais haver namorado intelectuais por serem pedantes, nem doutores de anel no dedo, nem ninguém, pelo simples fato de antes do seu Sarkis, homem algum havê-la atraído. Ele não era boçal, apenas rude às vezes, mal educado porque fôra um menino mimado.

— Tradução: você vê em mim, somente um tipo a fasciná-la sensualmente?

— Se fôsse, devia bastar parra você. Pelo que percebi, você achava até pouco tempo que amor é isso...

Sérgio sacudiu-a pelos ombros:

— Agora isso não me basta. Quero você toda, de corpo e alma.

— Sarkis, tua personalidade me fascina mais que teus olhos verdes. Ter cultura, c'est une chose mécanique... Nós aprendemos a ser cultos como aprendemos fonctions mecaniques. Você tem inteligência prática e lógica. Tem uma espécie de sensibilité que falta a muitos poetas. Faz poesia com seus atos. A poesia da tua vida é humana e simples.

Ele beijou-a nas pálpebras:

— Jasmim do Cabo, contigo eu descobri o amor verdadeiro, puro, egoísta, exigente, absorvente. Tenho até medo de te cansar mais tarde com tanto amor. Quero o teu presente, o teu passado e o teu futuro. Fico maluco perguntando-me se, antes de mim, gostaste de alguém. Se te beijaram, te tocaram?

— Ih! Aos quinze anos, amei Robert Taylor, aos dezessete, Clark Gable, aos dezoito, Paul Gerdard, aquele poeta francês que pensa assim — Se tu m'aimais, et si je t'aimais, comme je t'aimerais! Mas... infelizmente eles non foram au Liban, non sabiam que lá estava uma menina que os amava. Porque não manda um detetive em Beiruth, descobrir se eu tinha namourrados, para ficar em paz?

Abraçou-a ternamente:

— Jasmim do Cabo, você me deixa maluco.

Caçoou:

— Fica proibida de ir ao cinema e de ler poesia.

Jasmina perguntou-lhe como se dizia "jaloux" em português.

— Ciumento. Você acha que eu sou um Otelo?

— Sim... eu vi você espiando minha gaveta... lendo minhas cartas. Descobrir que você me amava, vendo Sarkis beijar minha... roupa.

Ele se surpreendeu. O rosto tingiu-se de vermelho:

— Diabinha, você viu e, mesmo assim, me maltratou tanto?

— Você me maltratar também. Foi ver Maria, quase na hora de vovó morrer. Veio marcado daquela mulher.

— Jasmina, eu estava doido com o sofrimento de vovó. Queria fugir. Fui lá para me atordoar, mas só pensava em você.

— Sarkis, eu non tenho medo de outras mulheres. Eu non posso viver sem lutar pour quelque chose, sem esperar. L'interêt de mon casamento, serrra o de fascinar você.

— Não será difícil, Sultana do Líbano.

— Sarkis, você me maltratar mais quando falou que eu trouxe azar para o sobrado. Tem medo que eu lhe dê má sorte?

Envolveu-a num abraço, que era um pedido de perdão:

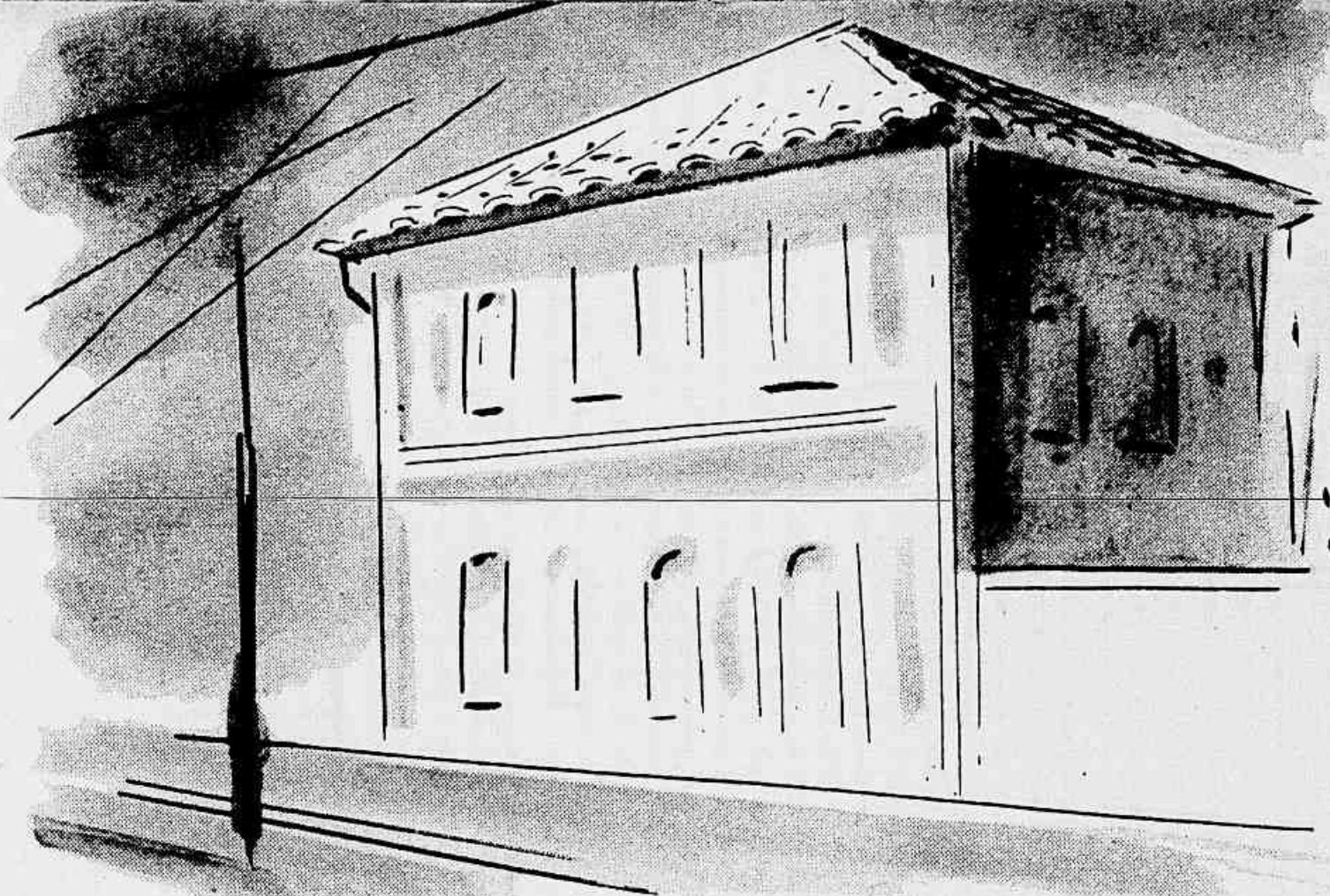
— Minha querida, não sabia o que dizia. Você me trouxe a maior felicidade que será o nosso casamento. Vovó tinha de morrer um dia. Morreu, ajudando a realização de um dos seus sonhos mais caros. Você me trouxe uma felicidade que eu antes desconhecia. Ela construiu sempre. Construiu nossa ventura.

Viravam a reviravam as páginas da bíblia dos namorados, lida por quase toda a humanidade, escrita com singelezas, banalidades, lugares-comuns, porém inédita e verdadeira obra prima, para os casais que a lêem juntos.

A família espantou-se quando declararam que se casariam dentro de dois meses. Luto era uma convenção. No caso, contrariariam os parentes e as normas sociais para comprazer quem morrera, quem fôra prática e lógica, jamais se preocupando com detalhes tolos, perturbadores da vida e da felicidade.

Oscar declarou-se enojado. Considerava Sérgio um hipócrita, não tendo amado Nabira como fingira. Ele, Oscar, iria embora, não desejando ver as galas de um casamento no casarão de onde o corpo da avó saíra há poucas semanas. Não adiantaram os argumentos de Samir e de Georgette, afirmando-lhe que não haveria festa. Somente Jasmina vestida de noiva e as solenidades das cerimônias civil e religiosa, realizadas na sala de cadeiras dou-

casarão estava triste



radas. Nem champanha serviriam. O casamento de Sérgio e Jasmina não fora o último desejo da avó?

Oscar não se conformava pois sua repugnância alimentava-se mais de despeito do que de convicção. Falou que então, se iria estudar no Rio, seguiria para lá quanto antes. Estava revoltado com a idéia do casamento tão próximo e enfiado do agarramento no qual viviam Sérgio e Jasmina pelas salas do sobrado.

Sérgio alegrou-se com a viagem do primo. Tinha ciúmes de Oscar, detestando o fato de ele ver constantemente sua noiva em trajes matinais, evocadores de uma doce intimidade.

Brigava-se diariamente no sobrado. Sâmia tomou as dores do filho e andava comentando com as visitas o deslante de Jasmina e Sérgio quererem casar-se antes de "martame" fazer seis meses de morta. Georgette defendia Sérgio, cobrindo-o de razão. Pois se aquilo que "martame" mais desejara no fim da vida fora tal casamento! Era um perigo duas criaturas jovens e apaixonadas, convivendo estreitamente na mesma casa, meses após meses. Que se casassem o mais depressa possível. Quem quisesse falar, se danasse. Cada um tem sua vida.

As duas não discutiam apenas esse assunto. Suas brigas maiores eram por coisas menores: Georgette dava muita confiança à cozinheira, os netos de Sâmia arranhavam o polimento da sala, os de Georgette eram respondões, Sâmia pedia mantimentos em excesso. Georgette era pão-duro, não querendo fazer para os almoços e jantares, o número de pratos do tempo de "martame".

Os homens viviam fartos de discussões, colocando-se instintivamente do lado de uma ou de outra, o que dividia a clã. Desaparecida a rainha, o reino desgringolava, os ministros se desavinham. Nabira era o esteio do sobrado. Sem ela ruiriam os muros de paz e proteção.

Uma noite Sérgio encarou a questão seriamente:

— Nós sempre fomos muito unidos e vivemos felizes. Dessas briguinhas bêstas e constantes é que vêm as grandes discórdias. É tempo de mamãe e tia Sâmia terem suas próprias casas, fazerem o que quiserem, mandarem na despensa e nas empregadas. Devem separar-se antes de uma briga maior desuni-las para sempre. Papai e tio Abdo devem montar casa.

Sâmia interrompeu-o, agressiva, perguntando-lhe se queria o sobrado para ele.

— Não, tia Sâmia, o sobradão sem vovó não vale nada. Depois, Jasmina prefere uma casa menor e moderna. O diabo é que o sobradão é da firma e papai e tio Abdo têm ambos o mesmo direito de morar aqui. Porque não nos mudamos todos, cada um para seu galho, derrubando a casa e construindo um edifício de apartamentos? O prédio se chamaria Edifício Nabira.

A sugestão surpreendeu-os, como tudo fora de rotina. Samir e Abdo, criaturas reservadas, caladonas, interessadas praticamente apenas em negócios, animaram-se mais pela hipótese de lucro do que pela de paz.

Depois de longas ponderações, a clã concordou com a idéia e Sérgio decidiu que, logo após seu casamento na sala de cadeiras douradas, cortinas de damasco e dezenas de retratos nas paredes seculares, demoliriam o sobrado, enquanto Jasmina e ele estives-

sem na Europa em lua-de-mel. Não queria ver o desmoronamento daquelas paredes, ruindo numa poeira de evocações, marcando o fim de uma fase, liquidando o ninho da águia que, num vôo intrépido, atravessara o oceano, sobrevoara o Brasil, buscando presas para os seus filhotes e abrigara-se ali nos dias da velhice.

Quando voltassem, o novo prédio estaria sendo erguido, trabalho e progresso pulsando em seu arcabouço, num ritmo similar ao do sangue de Nabira batendo nas suas artérias, quando ela era jovem, ousada, lutadora.

Assentaram-se as determinações. O casamento seria mesmo dentro de dois meses pois, inclusive, havia chegado carta de Yussef e da mulher concordando com sua realização. Os papéis de Jasmina viriam na próxima semana. A carta de sua mãe era muito triste, amargurada e nela o único vislumbre de consolo era a alusão feita à visita da filha ao Líbano, durante a lua-de-mel. Sérgio espantou-se de que uma mulher possuidora de tantos filhos, lamentasse assim, profundamente, o fato de Jasmina bater asas para longe, rumo à felicidade. Tal qual sua avó, ele era avaro das grandes afeições e apegava-se às criaturas, não por obrigação de sangue, porém por indefinidas afinidades. Claro, gostava dos pais, do irmão, dos tios, das primas e mesmo de Oscar, mas seus verdadeiros amores seriam através de todos os tempos, Nabira e Jasmim do Cabo. No seu egoísmo, esqueceu que Jasmina poderia ser para sua mãe, a predileta entre os numerosos filhos.

Um surto de ineditismo sacudia o sobradão. Todos tinham planos. Abdo e Samir pensavam nas vantagens financeiras da construção do edifício, Georgette e Sâmia sonhavam com as casas nas quais seriam rainhas. Havia os preparativos para o casório, o enxoval de Jasmina, a viagem de Oscar e trabalho para Lino, substituto de Sérgio no emaranhado do escritório, enquanto aquele estivesse na Europa. Este sópro de agitação apagava a lembrança de Nabira, pois por mais cheias de personalidade que sejam as criaturas, a morte as aniquila. É uma vingança da vida fazer esquecer os que lhe foram roubados. Apenas quem viveu de braços dados com a verdadeira arte, sobrevive mais um pouco...

Sérgio exigiu que no dia do casamento as salas fossem enfeitadas apenas com jasmims. Não admitiu outra coisa e até o buquê da noiva foi dessas florezinhas singelas e muito maranhenses, amarradas num laço de tule. Procuraram jasmims em São Luís inteira e até parecia que só tinham trazido os da casa de Maria. Foi esse o luxo da festa. O cheiro das flores pairava no sobradão, irritante e enjoativo.

Compareceram às cerimônias religiosa e civil apenas os parentes e a família Kury. Nabira voltou ao sobrado quase em presença física, evocada a cada instante com saudade e tristeza:

— Ah, se "martame" estivesse viva! Ia ser um festão como ela fez nos casamentos de Sandra e Fátima. Seria na Sé, com "demoiselles" e tudo, doces e bebidas a rôdo. — Puxa, logo o casamento de Sérgio que era o seu querido! — Com que orgulho dona Nabira entraria na igreja, sorrindo de contente! — Vovó man-

UMA

SURPRESA

QUE

SERÁ

RECEBIDA

POR

TODOS

COM

SATISFAÇÃO

Os galhos do cedro

(Continuação da página 31)

daria buscar tualetes lindas no Rio para tôdas nós. — Imagina, o sobradão estaria fervilhando agora. Ela convidaria a sociedade inteira. — Já a imaginaram entrando na igreja de braços com Sérgio, como êle prometeu? Coitadinha, pareceria mesmo uma rainha, com um vestido bem bonito, as jóias brilhando, a cabeleira branca brilhando também. — Vovó me disse que era até capaz de botar aquela tinta azulada na cabeleira no dia do casamento de Sérgio. — Será que ela está vendo tudo, está alegre lá no céu?

As grandes alegrias têm sempre laivos de tristeza. Só a dor é egoísta e absorvente. Nos enterros não estalam gargalhadas, mas nos casamentos correm, infalivelmente, lágrimas doridas...

Jasmina e Sérgio mergulharam numa emoção muito forte porém indefinida. Em seus corações, também brigavam a saudade e a alegria.

A moça entrou na sala pelo braço de Samir. Vinha serena e linda, escondendo a emoção, elvôta em brancura, só as folhinhas muito verdes do buquê de jasmims, manchando a neve pura do traje. Sérgio foi ao seu encontro e beijou-lhe a testa, parecida com a de Nabira.

Tudo foi rápido e após a saída do juiz e do padre, ficaram sem saber o que fazer até à hora da partida dos noivos para o Rio de Janeiro, onde passariam uma semana, antes de ir a Santos tomar o navio para a Europa. Nem champanha, nem bôlo, nem alegria, a tristeza querendo tomar conta da tarde...

Sérgio reagiu e pôs-se a caçar com Jasmina dizendo-lhe que ela era feliz por ter nascido no século XX. Avaliasse o tormento que seria casar-se no Líbano, na época na qual casaram seus avós, sem lua-de-mel na Europa, nem nada, passando sua primeira noite de núpcias sob contrôle de velhos indiscretos... Havia malícia nos verdes olhos do rapaz. Uns riram, outros julgaram-no irreverente. Jasmina corou, mas fingiu não ligar à brincadeira picante:

— Sarkis, serria pior perdre la lune-de-miel on l'Europe que suportar l'indiscrétion des parentes...

— É, não é?! Fico até desconfiado de que você só quis se casar comigo para pilhar a lua-de-mel em Paris.

Aos poucos se animavam, a tristeza fugia, as crianças faziam um barulho louco brincando de "amarelinha" nas lajes do corredor. Mas, foi quando o velho Kuri, jamais perdendo oportunidade de "deitar falação", começou uma arenga monótona e triste, em ritmo de ladainha, lembrando Nabira e suas lutas, seu sofrimento e sua morte. Se o espírito da velha estivesse presente e pudesse, o amordaçaria.

Êle falou um tempão. Jasmina precisou controlar o marido a fim de o rapaz não lhe pedir para calar-se. Por isso, sentiram-se contentes quando chegou a hora do embarque. A noiva foi mudar a roupa depressa. Houve a balbúrdia dos últimos minutos que não deu, entretanto, para fazer Sérgio esquecer a realidade de estar pisando pela vez derradeira o sobradão, onde a avó reinara tantos anos. Quando começaram a descer a escadaria, êle parou com Jasmina no primeiro degrau e murmurou-lhe:

— Querida, eu sinto que o destino imolou vovó aqui pela nossa felicidade.

Desceram ambos com os olhos molhados.

Georgette soluçou no aeroporto. Sâmia mandou muitos recados para Oscar, que já se encontrava no Rio. Samir abraçou o filho, sem lhe dizer nada. Adeuses e votos de ventura vinham sinceros da parentela amiga. Partiu o avião carregando em seu bôjo, entre outros destinos, o daquele par ligado por Deus e pela Lei, ansioso pela maravilhosa união de seus corpos enamorados.

Quando a família chegou do aeroporto, existia em todos o desejo de fugir quanto antes do sobrado. Deviam mudar-se o mais depressa possível, pois o casarão estava triste e vazio como um túmulo aberto.

(Cont. na pág. 50)

A COMISSÃO NACIONAL DAS COMEMORAÇÕES, instalada em Lisboa, vive instantes de profunda satisfação moral. Essa Comissão, integrada por grandes nomes da medicina e da advocacia, é chefiada pela figura prestigiosa do antigo membro do Governo e atual Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, dr. José Guilherme de Mello e Castro. As personalidades especialmente convidadas a promover as Comemorações no Brasil, são os srs. drs. Augusto de Souza Baptista, vice-presidente da Federação das Associações Portugêsas e o eminente brasileiro prof. Divaldo Gaspar de Freitas, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, que propositadamente se deslocou a Portugal, a fim de, como êle próprio esclarece num magnífico discurso, colaborar com o dr. Mello e Castro, seu contemporâneo em Coimbra e seu amigo. Nomeado Delegado Oficial no Brasil dessa Comissão, o dr. Divaldo Gaspar de Freitas, obteve valiosíssimas adesões, tais como as do Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Santos, de São Paulo, da Bahia e de Belo Horizonte.

O dr. Mello e Castro, desde março do corrente ano, começou a idealizar e a trabalhar, tendo logo em vista não apenas reunir as Misericórdias da Metrópole e do Ultramar Português, mas também as do Brasil. A justiça social, no seu conceito moderno, baseia-se no programa que a Rainha D. Leonor, há perto de quinhentos anos traçou, ao escrever o Compromisso da Misericórdia de Lisboa e que se traduz nas quatorze obras da Misericórdia: sete corporais e sete espirituais. Tal como a Rainha procurou realizar, há quase cinco séculos, uma obra maravilhosa fundada na ternura e na solidariedade humana, ainda hoje encontra continuadores que lutam entusiasticamente por êsse formoso ideal de justiça social, destacando-se entre êles o atual Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que teve papel de relêvo como Subsecretário de Estado da Assistência Social. Nesse cargo procurou conhecer os problemas sociais através do contato direto com as camadas que mais necessitavam de proteção, visitando, não só os bairros mais pobres da periferia da cidade, como contactando com os problemas das províncias. Dedicou-se, especialmente, à tuberculose, protegendo e impulsionando a criação de "enfermarias-abrigo" junto de quase tôdas as Misericórdias. A tuberculose era um dos grandes problemas em Portugal e ainda o é, mas já muito menor. Os sanatórios existentes não chegavam, de maneira nenhuma, às necessidades do internamento. A construção de novos sanatórios era dispendiosa e demorada. Teve,



Rainha D. Leonor, reprodução da iluminura existente num Livro de Horas, que se encontra em Nova Iorque, numa coleção particular.

O BRASIL VAI COLABORAR

NO IV CONGRESSO DAS MISERICÓRDIAS

NO V CENTENÁRIO DO NASCIMENTO

DA RAINHA D. LEONOR DE PORTUGAL

Lisboa — Via Lufthansa — (Da enviada especial da "Revista da Semana", 1940)



Na Madre de Deus há uma campá em que é

Dr. José Guilherme de Mello e Castro, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e Presidente das Comemorações do V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor.

então, o dr. Mello e Castro, como Subsecretário de Estado da Assistência Social, a idéia, discutida e criticada, de fundar as tais "enfermarias-abrigo" que puderam ficar espalhadas pelo país, visto aproveitarem instalações já existentes. Distinguiu-se muito na luta contra a tuberculose e, mesmo agora, como Provedor da Misericórdia, não se alheou completamente dela. Está pensando em mandar construir, em terrenos que a Misericórdia possui perto de Lisboa, um Centro de Recuperação para os portadores dessa terrível doença, os curados e também os que o não estão.

O dr. Mello e Castro, de feitio irrequieto e trepidante, dá-nos rápidos esclarecimentos acerca do IV Congresso das Misericórdias e do V Centenário do Nascimento da Rainha D. Leonor, que tem tido enorme repercussão no Brasil, dado que existem mais de duzentas Misericórdias brasileiras.

— Como é encarada a inspiração espiritual das Misericórdias?

— Destina-se ela à prática das quatorze Obras da Misericórdia. Pura caridade cristã. É ou não é essa a suprema inspiração? Simplesmente, a caridade tem de se fazer em moldes modernos. Com ferramentas técnicas atualizadas, designadamente no campo da proteção sanitária. A Misericórdia é do setor privado, não do Estado. Este apenas a subsidia se ela necessitar apoio de caráter técnico.

— É grande a expansão das Misericórdias no Brasil?

— Passo a palavra ao dr. Divaldo Gaspar de Freitas, pois é um estudioso do assunto — diz-nos o dr. Mello e Castro.

— Enviaram-se convites a cento e quarenta e uma Misericórdias do Brasil, número que suponho pequeno e que calculo que deve atingir duzentas. Solicitei informações, aos departamentos especializados, para tentar obter uma relação completa das Misericórdias ainda hoje existentes no Brasil, — elucida-nos o dr. Divaldo Gaspar de Freitas.

— Que informações tem, acerca das Misericórdias do Extremo-Oriente, dr. Mello e Castro?

— Temo-las em Macau e em Goa e também vestígios de que elas existiram em terras malaias. O primeiro hospital, construído no Japão, foi obra de jesuítas portugueses. Se tivesse possibilidade de falar com o dr. Cortez Pinto, ele lhe daria todas as informações com respeito à sua pergunta.

— Sobre a política portuguesa de Seguro Social, seus princípios e realizações?

— Sou ligeiramente suspeito para falar nisso. Quando estive na Assistência não me correram bem as coisas... Na lei que é o Estatuto n.º 1844, essa articulação está lá prevista. Infelizmente não se têm cumprido esses preceitos. O setor Seguro Social tem progredido pouco. Abrangendo escassamente 15% da população portuguesa e proporciona-lhes um esquema de benefícios bastante reduzidos. É claro que há o propósito de o fazer evoluir mais, mas também estou convencido que essa evolução favorável só poderá processar-se na medida em que acompanhar de perto, em colaboração íntima, a evolução do setor saúde e assistência. O país é pequeno e não é rico o suficiente para que possa cada um trabalhar para o seu lado, sem solidariedade dos meios financeiros e dos meios técnicos. No setor da Previdência o que se pode assinalar como real benefício para o país, será o investimento, que tem sido feito, dos avultadíssimos fundos que constituem reservas matemáticas do Seguro, nas iniciativas do Fomento econômico, barragens, etc. Isto, sem dúvida, tem constituído benefício, mas é uma orientação que tem sido discutida. A questão pode por-se assim: estes capitais não devem, de preferência, ser consignados à valorização do homem, capital humano, do que à valorização destes meios financeiros? A expressão econômica é, sem dúvida, uma das grandes necessidades da vida portuguesa. O II

Plano do Fomento é um programa com largueza, mas a par da expressão econômica não se pode esquecer as necessidades, as exigências, do humano.

— E o Hospital do Futuro, com seus escalões centrais, regionais e rurais?

— O dr. Coriolano Ferreira poderia dar-lhe esplêndidas respostas, mas vou tentar dizer-lhe algo. O Hospital do Futuro foi o tema, em 1957, quando do Congresso da Federação Internacional de Hospitais, realizado em Lisboa. Deseja-se que Portugal acompanhe a evolução que se está a processar em todos os países mais adiantados quanto ao conceito hospitalar. O hospital antigo pouco mais era do que um hospício onde os doentes, a par de terapêuticas muito pobres, — porque a medicina tinha então pequenos vãos —, pouco mais era possível proporcionar ao doente que caridosa hospedagem. Com a evolução da medicina, na era pós-Pasteuriana, com o progresso prodigioso das técnicas médicas, em particular das cirurgias, ele foi forçado a evoluir no seu conceito e a desenvolver-se, enormemente, nas suas possibilidades. Passou a ser, sobretudo, um grande centro de atividades terapêuticas. Ora bem, a aspiração de todos os médicos ou administradores é a de não retroceder nem sequer para a evolução técnica hospitalar e, portanto, da medicina, mas com o cuidado para que o hospital não se desumanize e o doente venha a ser um "número de cama" ou "dossier" de arquivo, em vez de um ente humano, de carne, osso e alma. Por outro lado, por motivos de economia de gastos e também para proporcionar mais conforto aos doentes e às respectivas famílias, o hospital moderno está a sair fora do seu próprio edifício. Desenvolve um movimento acentuado de atividade de medicina ambulatoria com muito maior aproveitamento das chamadas "Consultas Externas", prática, hoje, em escala sempre crescente. O exame deste conjunto de problemas e



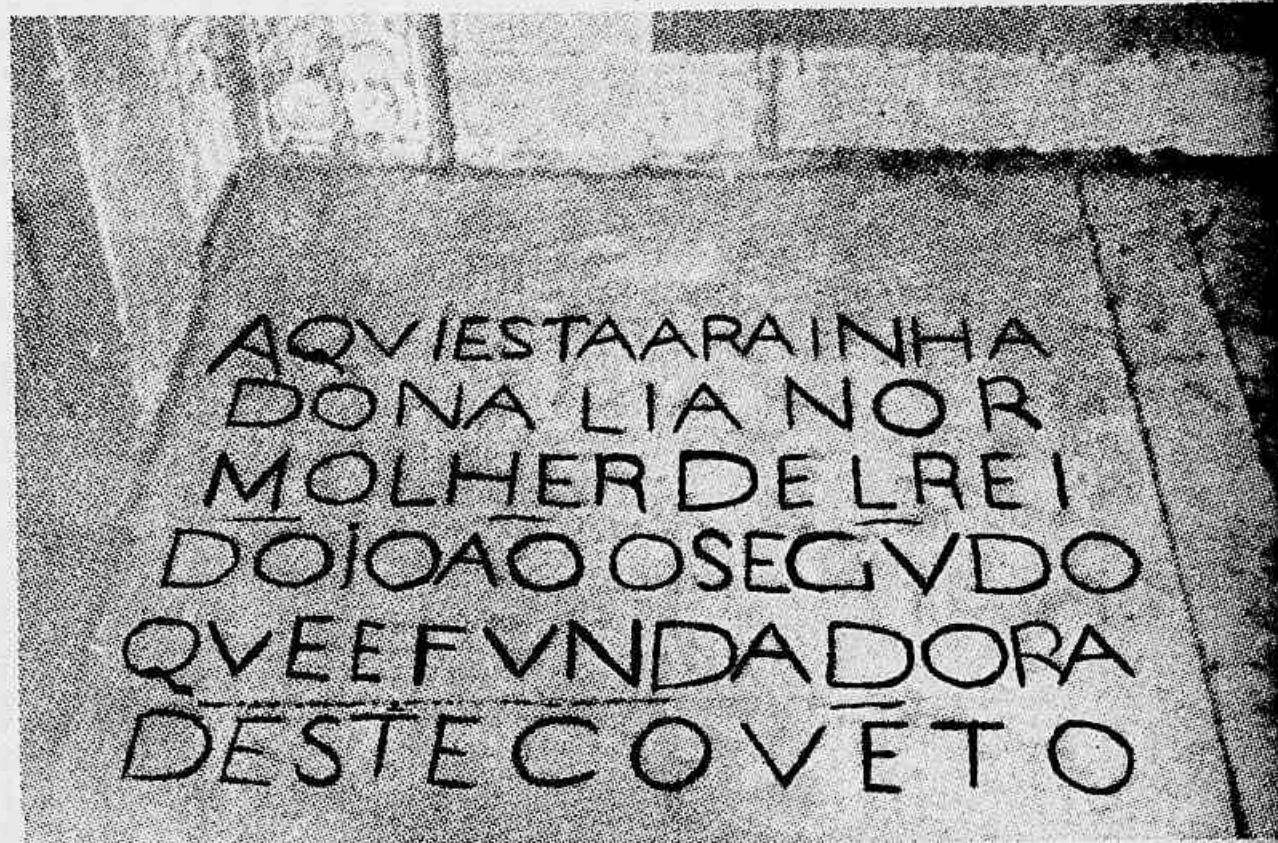
Porta do Convento da Madre de Deus que a Rainha D. Leonor mandou edificar para aí viver em clausura depois de viúva e fazer após a sua morte.

é preciso pisar. É debaixo dela que repousa o cadáver da Rainha D. Leonor.

de orientações, sem esquecer as necessidades cada vez maiores de atenção e progresso das atividades hospitalares, meramente administrativas, o exame dêles é que constituirá o tema do Hospital do Futuro. Desejamos que êle, em Portugal, seja digno da Misericórdia do Futuro para construir a qual, com devoção e com estudo, vai realizar-se o nosso Congresso.

— É possível a contribuição das Misericórdias no problema da reabilitação de diminuídos e o da reeducação profissional?

— O que eu gostaria de dizer é isto: desde 1955 que me tenho interessado, muito particularmente, por êste tema da reabilitação dos diminuídos. Nesse ano fiz uma viagem à Inglaterra e procurei tomar contato, não só com as orientações ali seguidas neste domínio, como também com vários estabelecimentos e personalidades médicas e não médicas com posição na reabilitação. É hoje um setor desenvolvíssimo, não só em Inglaterra como nos Estados Unidos e na maioria dos países evoluídos. O interesse pela reabilitação dos diminuídos a que a guerra, com longo e doloroso cortejo de estropiados, amputados, etc., deu ênfase especial, tornou-se hoje, quase que uma nova forma de civismo. A sociedade tomou consciência viva da obrigação de proporcionar aos diminuídos, aos quais restaram do traumatismo, da doença, do acidente, seja qual fôr a causa da diminuição, funções físicas capazes de serem recuperadas, de proporcionar os meios, de por si próprios, obterem a sua reintegração na vida social ou, a possibilidade de serem menos dependentes dos outros, nas atividades da vida corrente. É um tema de palpitante interesse êste de organizar serviços e preparar pessoal técnico capaz de ajudar os nossos diminuídos, os nossos cegos, os nossos surdos, os nossos aleijados, a recuperarem uma posição profissional, um lugar ao sol, na vida e na sociedade. Em Portugal, talvez porque a guerra, felizmente, nos não atingiu, até há pouco êste assunto não tinha merecido o interesse devido, salvo uma ou outra iniciativa, louvável mas dispersa, e de pequeno alcance. Neste momento, porém, está em curso uma iniciativa que espero nos permitirá recuperar bastante depressa algum do tempo perdido. Vai começar a construir-se, em dezembro próximo, a expensas da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, em Alcoitão, no conselho de Cascais, um grande "Centro de Reabilitação de Diminuídos Motores". Será um amplo hospital cujo custo está estimado em vinte e cinco mil contos e mais cerca de oito mil contos de equipamento. Está a preparar-se nos Estados Unidos, desde há quase três anos, o seu futuro diretor, o médico dr. Victor Santana Carlos. E, há mais de um ano, começou a funcionar, em Lisboa, com a colaboração duma monitora norte-americana e duma monitora inglesa, um curso de preparação de agentes técnicas de fisioterapia e de terapêutica ocupacional. É freqüentada por vinte e uma jovens, tôdas com boa cultura básica revelando, pelos seus estudos, grande entusiasmo que, esperamos, venham a prestar bons serviços no novo hospital. Também estão na América do Norte a preparar-se nas modernas técnicas de fabricação de próteses (pernas artificiais, etc.), dois mecânicos portugueses. Há meses tivemos o prazer de receber aqui, como hóspede da Santa Casa da Misericórdia, o dr. Howard Rusk, prof. de medicina física e reabilitação da Universidade de Nova Iorque e presidente da Associação Mundial para a reabilitação dos diminuídos físicos, "para o bem estar dos aleijados". Fêz-nos o grande favor de apreciar conosco meticulosamente, durante várias sessões de trabalho, o projeto do novo hospital, sugerindo e corrigindo, como se fôsse obra sua, apreciando também os esquemas dos serviços que preparamos para êsse Centro de Reabilitação e discursou perante o pessoal. Foi tão gentil que ao regressar aos EE.UU., escreveu um artigo num dos principais jornais de Nova Iorque em que declarou estar convencido de que



A campa rasa, junto à porta do Convento da Madre de Deus, aonde repousam os restos mortais da Rainha D. Leonor.

o novo estabelecimento hospitalar, o nosso centro de reabilitação será um dos melhores do mundo.

O dr. Mello e Castro, mergulhado diariamente num turbilhão de idéias, sonhos e coisas práticas, é das raras pessoas a que se pode fazer esta pergunta:

— O que é que V. Exa. não pensa fazer?

— Não deixar de ir ao Brasil, por exemplo! — responde vivamente.

Fomos acompanhados na visita, que fizemos à Misericórdia mais antiga — foi fundada em 1498 pela Rainha D. Leonor que teria sido inspirada pelo seu confessor Frei Miguel Contreiras —, pelos drs. Antônio da Costa e Quinta, Filipe Charters Oliveira adjunto do Provedor e dra. Maria Adelina Cercas Colaço, responsável pelos serviços da Secretaria, e cuja eficiência e dinamismo invejamos cordialmente.

Saimos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa ouvindo ainda as palavras do dr. José Saraiva, Secretário-Geral das Comemorações: "Na Madre de Deus, junto da porta que dá da igreja para o claustro, há uma campa rasa, uma campa que é preciso pisar, sempre que se passe do claustro para a igreja. É debaixo dessa campa que repousa o cadáver da Rainha. Ela quis ficar assim, pelos séculos fora, rasa como o chão, pisada por todos, numa lição do que foi a sua vida, esquecida da coroa que cingiu, esquecida que era a mulher de um dos maiores reis que houve nesta terra. Deu-se aos humildes, aos doentes, às crianças desamparadas, aos leprosos. A sua vida foi uma lição de humildade, de solidariedade social e uma indicação fulgurante de quanto pode a riqueza e o poder, quando iluminados por uma comovida piedade pelos humildes".

Uma Delegação do Brasil deverá comparecer êste mês aos festejos realizados em Lisboa. Nessa altura será entregue, durante solene "Te Deum", no Mosteiro dos Jerônimos, e abençoada pelo Cardeal Cerejeira, a nova bandeira oferecida pela Misericórdia de Lisboa à sua congênere de Goa, fundada em 1520. É obra do pintor português Eduardo Malta. Também, na cidade de Beja, será inaugurada uma estátua à Rainha D. Leonor, executada pelo escultor Álvaro de Brée.



1

FEMININAS

PEQUENOS "NECESSÁRIOS" NECESSÁRIOS À ELEGÂNCIA

OS PEQUENOS CUIDADOS fazem a grande elegância. Sejam pois cuidadosas, a fim de sermos belas. Para desenhar os lábios com batom, faça-o, em primeiro lugar, ao redor, começando no centro dos lábios para obter um traço harmonioso. Observe no espelho se o traço é regular e depois, então, pinte os lábios por inteiro. Deve dar uma forma redonda, aos lábios, para estar em dia com a moda.

A FIM DE EVITAR os "terríveis" deslizes da gilete ou de sua pinça ao depilar as sobrancelhas deformando a linha desejada, tome, leitora, o hábito de traçar bem a linha de suas sobrancelhas, com um lápis especial, tendo o cuidado que seja mais espessa do lado do nariz: em seguida, siga esse traço com a gilete ou a pinça.

UTILIZE, PELO MENOS uma vez por dia, a escova para as mãos, aproveitando, também, para escovar bastante as unhas, não só pela higiene que isso representa como por que ativa a circulação do sangue nas mãos e torna-as mais alvas. Complete por uma massagem com loção. Esta longa explicação não requer mais de cinco minutos para ser posta em prática. Se ainda não realizou esse pequeno tratamento, ficará admirada de não ter antes pensado nêle, pois, é fácil, rápido e de resultado admirável.

SE USAMOS DESODORANTE, deve ser renovado com frequência. Cada vez que passar um desodorante, não se esqueça, leitora, de tirar bem o que foi aplicado antes. Lavar com sabão e bastante água a fim de que a nova camada faça o efeito desejado, evitando dêse modo o desbotar de seus vestidos.

UTILIZE UMA ESCÔVA para banho; seu uso oferece duas vantagens para a saúde e higiene: ao esfregar bem o corpo, desembaraça a epiderme das impurezas que se acumulam todo o dia, pela transpiração e poeira em maior ou menor quantidade, facilitando dessa forma a desintoxicação. Ao escovar com bastante força o corpo, melhora, também, a circulação do sangue e que sempre é benéfico e, ao contrário do que pode parecer, sua pele tornar-se-á lisa e macia.

OS GRANDES ESPECIALISTAS em tratamento de Beleza aconselham sempre o uso da escova para tirar, igualmente, o excesso de pó de arroz mas esta deve ser em seda bem macia; outra para os cílios, para as mãos, para os cabelos que terá cuidado de lavar bem com bastante sabão pelo menos uma vez por semana. Depois de usá-las, tenha cuidado de secar bem as escovas de dentes, do corpo e das mãos.

NOVOS PENTEADOS DE PARIS PARA 1959



1

Na taça do mundo de penteados, atualmente em realização em Paris, obtiveram os primeiros prêmios as criações dos mestres cabeleiros Figlioli, Longhi e Salvador, exibidos pelos lindos manequins Yolande Magny, Cnthia e Betty, que vemos na página à esquerda.

2

Extraordinário sucesso obteve o encantador manequim Ginette ao apresentar um penteado realizado pelo cabeleireiro Chantal realçando os cabelos em vários cachos encimados por um diadema cujo estilo Império era acompanhado de um leque daquela época.

3

A sala de festas do Palácio de Orsay, em Paris, por ocasião da taça do mundo de penteados. Os modelos aguardam a chegada do Júri que vai julgar o trabalho dos concorrentes.

ROTEIRO DOS LIVROS

LYGIA FAGUNDES TELLES: *Histórias do Desencontro* (José Olímpio. Rio de Janeiro, 1958. 194 p. Capa de Poty) — A autora, cuja estréia se deu em 1944 (*Praia Viva*, contos), e que posteriormente nos deu outro livro de contos (*O Cacto Vermelho*, 1949) e um romance (*Ciranda de Pedra*, 1955), retoma em *Histórias do Desencontro* o gênero que é, ao que parece, o de sua predileção — aquele em que se encontra mais facilmente e onde consegue trabalhar mais à vontade. O livro se compõe de quatorze contos, todos dentro das características peculiares ao gênero. Contos com princípio, meio e fim, bem escritos, alguns, alguns interessantes, com anotações psicológicas valiosas e descritas numa linguagem precisa, outros algo frouxos e pouco convincentes (*O Encontro*). Uma coisa sabe fazer, a senhora Lygia Fagundes Telles: manter vivo o interesse do leitor pela história que vai lentamente desenrolando, como um novelo de lã; não se adivinha facilmente o final de um conto da autora de *Histórias do Desencontro*. O livro traz uma epígrafe do Gênesis que aparentemente dá o tom de todos os relatos nele contidos, e traduz a intenção da autora ao reuni-los em volume. Acha-mos, porém, que falta, à arte de contista de Lygia Fagundes Telles, aquela exato emprego vocabular e aquela sábia utilização da anotação psicológica, formando um contraponto sutilíssimo, que são o privilégio de uma outra contista brasileira — a senhora Clarice Lispector, decerto nosso mais ilustre representante do gênero, na atualidade. Façamos enfim uma alusão à capa, de Poty: esse artista sabe fazer boas capas, mas quando o quer, fá-las tão más como as piores de Luiz Jardim... No caso presente, por exemplo, conseguiu com relativa facilidade fazer um péssimo trabalho de arte gráfica. E isso, num momento em que o livro brasileiro começa a tomar roupa-



Lygia Fagundes Telles.

gens novas, indiscutivelmente mais belas e funcionais.

MICHEL DUCHEMIN: *Nove Garôtas Para Um Rapaz* (Agir. Rio de Janeiro, 1958. 248 p. Capa de Barboza Leite) — A obra de Duchemin, traduzida para o português por Maria Helena Amoroso Lima Senise, não tem preocupação literária, ou a tem muito pouco: é livro, o presente, para divertir. Apresenta-se como tal com os da série de *Major Thompson*, que Duchemin não deve desconhecer. Narra a história de uma excursão à Iugoslávia, levada a efeito por nove garôtas e um único rapaz. Está aquém da literatura. E a capa, de Barboza Leite, nem se compara à que realizou para *Os Galos da Aurora*, de Hélio Pólvora.

GUSTAVO CORÇÃO: *Claro Escuro* (Agir, Rio de Janeiro, 1958. 227 p. Capa de Milton Ribeiro) — Nesse volume enfeixa o conhecido líder católico brasileiro uma série de artigos dantes aparecidos na imprensa na-

cional. São artigos e pequenos ensaios que tratam — do ponto de vista de um católico ortodoxo — de questões de grande atualidade, como o casamento, o divórcio, o amor, o sexo, etc. Gustavo Corção é um escritor, além de ser um líder católico, e por isso o que escreve tem interesse e valor — mesmo quando lhe surpreendemos, aqui e ali, trechos com os quais não concordamos. De resto, há trechos de prosa do senhor Corção a recordar verdadeiros sermões — e sermões de Vieira...: “Em capítulo anterior disse que a sociedade é o que são suas famílias; agora acrescento: as famílias são o que é a sociedade” (*Familles, je vous hai's*, página 145). Em *O Casamento e a Moral Segundo Bertrand Russell* dá um quinau no velho pensador inglês, que foi brincar com a doutrina católica do casamento...: acha um absurdo que Russell tenha escrito ser “o sexo uma necessidade natural, como o comer e o beber” diz que não foi o catolicismo que o tornou antivorcista: “foi a infância que tive a sorte de ter, foi minha mãe, a mata do Trapicheiro, o velho Colégio Corção, o gosto pelo raciocínio claro, talvez a astronomia e a técnica, e certamente, com lugar de especial destaque, foram os divorcistas e até os marxistas que me inculcaram os mais robustos esteios de meu antivorcismo” (página 26) tem frases de sabedoria: “quem faz do prazer o pólo da vida acaba invariavelmente perdendo tudo: mas a primeira coisa que perde é o prazer” (página 49) — embora não originais; enfim, as idéias de Corção — que são também, invariavelmente, as idéias da Igreja Católica — são em parte aceitáveis, mas inaceitáveis sempre que dogmáticamente sugeridas. E o diabo é que existe gente que não teve a sorte de ter uma infância como a sua... Quanto à capa, é um sóbrio trabalho devido ao senhor Milton Ribeiro.

CRÔNICA DE ARTE

Giorgi, Serpa & Outros Assuntos

TOMARA NÃO: mas acho que estão preparando uma bruta safadeza contra Bruno Giorgi. Como se sabe, esse escultor venceu o concurso pró Monumento aos Campeões Mundiais de Futebol, instituído há alguns meses pelo SESC. E o venceu de maneira insofismável, com nítida vantagem sobre seus antagonistas — embora assim não tenham pensado esses, como aliás era de se esperar. Acontece que até ao momento, nenhum dos dirigentes do

SESC procurou o artista, para incumbi-lo da elaboração do monumento propriamente dito; e há rumores — de resto confirmados por uma que outra indiscrição que de quando em vez transpira — de que a direção do SESC estaria disposta a mandar preparar não o projeto vencedor, mas outro de seu especial agrado.

Não sei se a direção do SESC pode ou não fazer tal coisa, e nem mesmo sei se é sua intenção fazê-la: mas em caso afirmativo, para

que se nomeia um Júri de Premiação, composto de homens competentes e sérios, se a intenção velada dos que nomearam é posteriormente desautorizá-lo? Para que abrir um concurso público, quando seria tão mais fácil e menos deselegante dar a obra, assim de mão beijada, a algum apadrinhado? Bruno Giorgi, meu velho: abre o olho...

VOLTOU IVAN SERPA da Espanha, alguns meses apenas após a partida, em fruição do prêmio de viagem ao estrangeiro conquistado no Salão de 1957. Não o fez por vontade própria — quem será tão tolo de regressar da Espanha sem motivo bem forte? —, mas porque sua saúde, que sempre foi precária, se ressentiu do clima e da viagem. Está assim a braços a Comissão Nacional de Belas Artes com um caso que, embora guardando relações com outros, precedentes, até certo ponto é inédito: deve Serpa receber, no Brasil, o prêmio a que fez jus? Ou o perdeu irremediavelmente, ao regressar? Pode o dinheiro de tal prêmio vir a beneficiar outro artista?

A aludida Comissão caberá responder a todas essas perguntas; quanto a mim, acho que, tendo ocorrido motivo alheio à vontade do artista — e se levando em conta o precedente de Sansão Castelo Branco, ouvido o Serviço de Biometria Médica —, o prêmio deve beneficiar unicamente a quem o mereceu, Ivan Serpa, e assim, ser-lhe pago aqui mesmo, no Brasil, já que na Europa deixaria de ser um prêmio, para se converter em autêntico castigo, quem

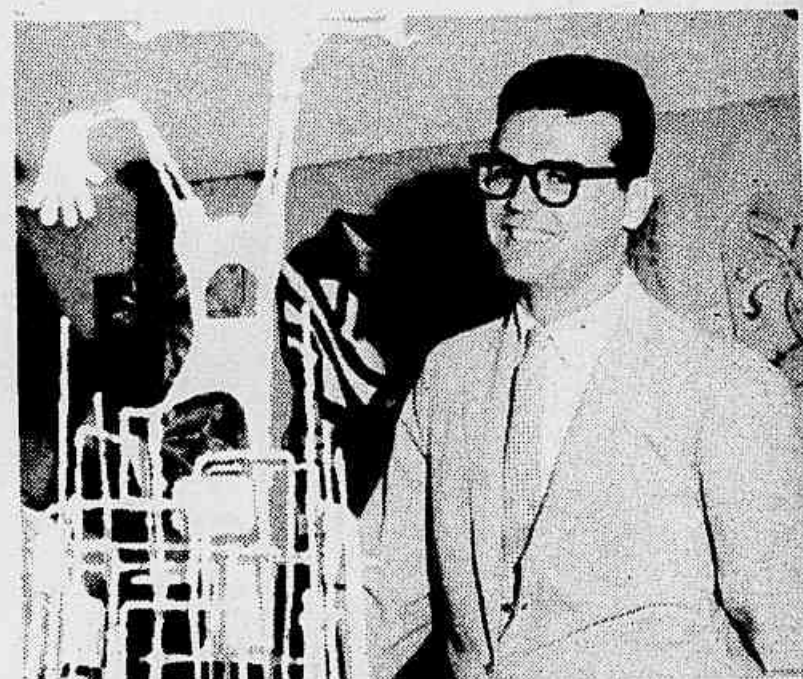
sabe com resultados fatais. Com a palavra, porém, a Comissão Nacional de Belas Artes.

LI NO DIÁRIO DA TARDE de Belo-Horizonte (sábado, 12 de julho de 1958) uma entrevista do senhor Augusto de Lima Júnior ("Profetas de Congonhas do Campo não são criação do Aleijadinho") em que o mencionado senhor, além de endereçar incriveis (e injustas) acusações ao diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por quem nutre irrefreável despeito, nega a Aleijadinho a criação das conhecidas estátuas dos Doze Profetas, existentes em Bom Jesus de Matosinhos, Congonhas do Campo. Para Augusto de Lima Júnior, o Aleijadinho nada teve a ver com tais estátuas, obra em realidade executada por ele e outros artesãos, mas de criação de frades capuchinhos franceses e italianos habitantes da região, ou de recriação — melhor dito —, já que os frades apenas fizeram reproduzir estátuas existentes em terras da Europa. Não é impossível que assim tenha sido; mas o senhor Augusto de Lima Júnior, após ter tentado provar que o finado Presidente Getúlio Vargas foi morto, e não se suicidou, não anda merecendo muito crédito; afinal, meteu-se na cabeça que sua missão é dizer que o que não é, é, e que o que é, não é... De qualquer modo, suas expressões, contidas no artigo mencionado, não são as de um historiador de arte ou as de um homem em seu juízo normal sequer: sente-se, nelas, mais o ódio ao senhor Rodrigo Mello Franco de Andrade que o amor à verdade histórica...

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES



Bruno Giorgi.



"Petróleo" — de Mauro Ivan.

Realizou-se, no Salão de Exposições do Diretório Acadêmico da ENBA, da U.B. a II Mostra da Cadeira de Modelagem, a cargo da professora catedrática Celita Vaccani. A comissão julgadora foi composta dos professores Alfredo Galvão, Quirino Campofiorito e Celita Vaccani. A empresa Shell ofereceu um prêmio no valor de Cr\$ 10.000,00 cujo vencedor foi o trabalho "Capoeira", de José Bruno dos Reis. Ofereceu, também, um prêmio "Imprensa", que coube a Mauro Ivan, com o trabalho "Petróleo" (na foto).

INIMA J. DE PAULA (Cave Montmartre; inaugurada a 18 de novembro) — Essa é a primeira mostra de Inimá, desde seu regresso da Europa, até onde foi como premiado no Salão Nacional de Arte Moderna de 1952. Do país partiu ainda figurativo, voltando não-figurativo. Sofreu sua pintura brusca transformação — e o próprio artista sentiu essas transformações, sabendo que na fase não-figurativa estava o futuro de sua arte, e nela penetrando com armas e bagagens. Exemplo de coragem, esse, de um artista que possuindo clientela firme e disposta a pagar por suas naturezas-mortas e paisagens de Santa Tereza quanto desejasse, prefere abandonar o já palmilhado, em busca de novos meios de expressão. Tem se aparentado, nos últimos tempos, a arte de Inimá à de Menessier: o pintor mineiro por vezes emprega o mesmo vocabulário plástico do grande artista francês, um dos mais destacados abstratos da atualidade. Mas não há, na aproximação, nenhum desdouro ou intenção em diminuir a arte do brasileiro: afinal, um artista pode sentir-se um temperamento afim do de outro, e queremos crer que, no caso de Inimá, é o que aconteceu. Não há subordinação de Inimá a Manessier — há afinidade. Por-

quanto vê-se que o pintor de Santa Teresa possui talento próprio e imaginação, capacidade inventiva, talvez até uma certa versatilidade que quase descamba para a inconstância: em sua mostra atual, em Montmartre, há quadros de vários estilos e maneiras, que se imaginam dificilmente saídos de uma só paleta. É que Inimá ainda pesquisa, nos domínios do abstracionismo, a maneira própria, aquela que passará a ser o seu modo de ser e de criar. De qualquer modo, sua pintura como agora está já é um acontecimento; e o pintor tem confiança em si próprio, bastando para atestá-lo os altos preços que pede por seus grandes quadros.

CARLOS MAGANO (Clube Ginástico Português; inaugurada a 21 de novembro) — Embora do ponto de vista da composição e da técnica — uma e outra em verdade excelentes — a presente exposição de Magano no Ginástico nada venha acrescentar ao que já de sua arte conhecemos, parece-nos que ficará essa mostra como um marco, em sua carreira, no que diz respeito ao domínio da cor. É com efeito a cor que chama a atenção — na exposição do Ginástico — para os que já conheciam a arte de Magano ou para os que ainda a não tinham visto nunca. Há tonalidades quase puras, de que tira o pintor partido com grande tirocínio; há quadros que já são explosões de cores; há cores a se imporem por si mesmas. O problema pictórico de Magano, que sempre nos pareceu ser a cor, parece que se vai resolvendo, agora, com rapidez. Nós, que ainda há um par de anos — quando da mostra do Ministério da Educação — travávamos contato com sua arte em que a cor assumia ainda lugar tão discreto, confessamo-nos admirados com a evidência com que ora em seus trabalhos aparece.

CONTO

JANDIRA

HARRY LAUS



LUIZ
CHINABRAVA
58



QUINZE DIAS sem a pergunta.

Jandira atirou a água na bacia pela janela da cozinha e, quando o lodo em frente ao jirau encheu-se de estrêlas que o sol jogou sobre as águas, pareceu-lhe ouvir sua tia chamando. Estremeceu. As mãos procuraram o avental para se enxugarem e ela aproximou-se da sala, o temor nos olhos e no passo apressado. Dona Hermengarda dormia, na cadeira de rodas, a cabeleira branca repousando na almofada. Um pouco mais calma, voltou e começou a passar água limpa na louça.

Não suportava mais. Era preciso decidir-se por uma resposta qualquer. Mas seus doze anos não lhe abriam a inteligência para uma solução àquela pergunta banal:

— Aquilo, hem, Jandira?

Quando começou a enxugar os pratos, ouviu um ruído na cozinha. Contínuo, suave, esquisito. “Serão as rodas de cadeira” — pensou. Imobilizaram-se as mãos sobre a toalha molhada e a menina fechou os olhos. O ruído cessou. Não teve coragem para se voltar mas abriu lentamente os olhos. Imaginou a tia junto a si. O silêncio teimava em permanecer. “Estará muito perto?” — certa de que a mão de Dona Hermengarda ia segurá-la, saltou para a esquerda. O papagaio soltou uma gargalhada e Jandira olhou-o no poleiro. Então o mistério aclarou-se: o bicho recommçou a roer a madeira e o mesmo ruído fez a menina sorrir e continuar o trabalho, cantarolando.

— Jandira!

O grito assustou-a de tal forma que as mãos se afrouxaram e a xícara espatifou-se no chão.

— Desastrada. Vais me pagar por isto.

A cadeira rolou veloz pelo assoalho e a menina foi agarrada pelos cabelos. D. Hermengarda torceu a cabeça de Jandira até ver seus olhos espavoridos. Soltou-a e disse mansamente:

— Estou brincando, tôla. Quero um pouco d'água.

A sobrinha procurou sorrir e foi até o boião de barro, mergulhou o côco e trouxe-o cheio para a tia.

— Está fresquinha, titia — falou com a voz trêmula.

— Deixa ver.

Antes que a menina pudesse afastar-se, atirou-lhe todo o líquido no rosto. Esperou friamente que Jandira se refizesse do susto e pediu mais água.

— Depressa!

Dessa vez bebeu tudo, devolveu o côco e falou, com os olhos no teto, quase declamando:

— És a minha flor, és o meu jardim...

E, enquanto se afastava, inventou uma canção:

“Vou regar a minha flor,

Vou regar o meu jardim.”

Jandira encostou-se no fogão de tijolos e o cabelo escorreu gôtas de água que se evaporaram, chiando na chapa quente.

Sem pai, sem mãe, o que haveria de fazer para fugir daquela convivência? Desejo de morrer, vontade de sumir... Sentia isso, mas de um modo vago, impreciso, não sabendo exatamente como agir para libertar-se. Constatava, impotente, a evolução das torturas inventadas para ela, dia após dia, sem ver possibilidade de sua tia melhorar. De início, haviam sido apenas palavras. Implicava com tudo o que a menina fizesse, levando a cadeira por todos os cantos da casa, numa incessante inspeção aos serviços da sobrinha. Depois, começaram os maus tratos. A primeira vez foi no dia da pergunta:

— Aquilo, hem, Jandira?

— Aquilo o que, titia?

A cólera explodiu. D. Hermengarda segurou a menina pelo pulso e enquanto o apertava furiosamente gritava:

— Então não sabes? Não sabes o que é “aquilo”. Pois fica sabendo que “aquilo” — é tudo o que há de importante e sem importância na vida.

A menina gritava e o papagaio esvoaçava, gritando ainda mais.

Jandira debatia-se para soltar-se, mas a velha agarrou-a com ambas as mãos e sacudiu a cabeça da criança com toda a força.

— Aquilo sou eu, aquilo és tu, aquilo é a tua burrice, sua desgraçada! — continuou a bradar, largando a menina de repente.

Jandira foi de encontro à parede e a cabeça martelou na madeira. Chorando, fugiu e trancou-se na privada de onde saiu, horas depois, com manchas roxas nos pulsos, um galo na cabeça e o terror para sempre agarrado aos sentidos.

A noite daquele dia, passou-a em sobressaltos, acordando-se de vez em quando, imaginando os berros da tia. Aprendeu então que deveria pensar, antes de responder a alguma pergunta. “A demora na resposta talvez seja o suficiente para exasperá-la ainda mais” — pensou. Mas os dias que se seguiram foram calmos. D. Hermengarda amanhecia tranqüila, chamava Jandira de “minha filha”, aproximava a cadeira do jirau para enxugar a louça, enquanto ensinava novos pratos para a sobrinha preparar e, de noite, não exigia auxílio ao passar da cadeira para a cama — embora fizesse com dificuldade. No entanto, apesar da tia haver chegado a permitir que fosse brincar com as crianças do vizinho, Jandira perdera a confiança. O acesso fora forte demais e ela esperava o momento em que novo suplício fosse inventado para fazê-la sofrer.

Quinta-feira, Jandira acordou-se com os gritos do papagaio. “É hoje” — calculou. No café, não houve novidade. Nem no almoço. Então, esmerou-se no trabalho para agradar D. Hermengarda. Nunca areou tanto as panelas e a chapa do fogão. Ficaram brilhando, ela com as mãos murchas e gretadas pela soda cáustica que se infiltrava no esfregão.

Ao concluir a limpeza, foi ao quarto de banho, lavou o rosto e penteou-se. O papagaio gritou-lhe o nome. “É ela” — concluiu Jandira. O bicho repetia o nome sem parar e a menina dirigiu-se à sala cheia de medo, as pernas tremendo quando parou à porta do corredor.

— Vem cá, menina — disse a velha.

Ela deu dois passos e parou.

— Chega mais perto. Não posso falar muito alto. Tenho uma poesia para recitar!

A menina aproximou-se, indecisa, e cuidou de ficar a uma distância que a tia não lhe pudesse tocar. Mas ela, sorrindo docemente, apoiou as mãos sobre as rodas e fez a cadeira deslizar até que Jandira sentiu os vestidos se roçarem.

— “Oh, que saudades que eu tenho...” — começou D. Hermengarda. Interrompeu-se e franziu a testa.

— Saudades de quê? — perguntou, cravando os olhos no rosto da criança.

— Não sabes? — continuou. Saudades daquilo, ora! Tu és uma bôba, Jandira — riu ela.

Falava calmamente, mas a menina estava muda de pavor. E se a tia perguntasse o que era “aquilo”? Lembrou-se da cena anterior, dos pulsos roxos e do galo na cabeça. Achou então que, se a pergunta viesse, deveria fazer justamente o contrário do que fizera na vez passada: aprovaria, com uma resposta positiva.

Com a voz muito doce, D. Hermengarda lançou a pergunta esperada:

— Aquilo, hem, Jandira?

Os lábios da sobrinha estremeçeram. Falou, com um sorriso humilde e aquiescente:

— É, não é, titia?

— Aquilo o que, fedelho?

A menina desconcertou-se e notou as duas brasas dos olhos da velha em cima de si. Correu. A cadeira correu atrás dela, mais rápido, e sem demora, Jandira começou a sentir bofetadas no rosto.

— Quem te disse o que era aquilo? — começou, possessa. —

Aquilo é meu, aquilo sou eu, é o que sofro, sofro sôzinha, sua infeliz.

As palavras seguiam o ritmo das bofetadas que dava com força, ora numa, ora noutra face, a cabeça de Jandira virando à esquerda, à direita, à esquerda, uma das faces sangrando, arranhada pelo engaste de um anel que a velha trazia no dedo.

A menina gritava e o papagaio esvoaçava, gritando ainda mais.

Cansada, a velha parou de bater e atirou o corpo para trás, os olhos fechados, o peito arfando. Jandira amontoou-se no chão, soluçando, sem coragem nem forças para levantar o rosto mergulhado no vestido.

Agora, encostada ao fogão, a menina perdera novamente a coragem de se mover. Ouvia o chiado das gôtas escorrendo dos cabelos encharcados para a chapa do fogão e, por alguns instantes, distraiu-se com o ruído que faziam, sem perceber as próprias lágrimas juntarem-se àquele gotejar incessante. Depois, seus olhos encontraram no chão os cacos da xícara partida. “Vais me pagar”... — dissera a tia. A água lançada ao rosto, então, fora o castigo? Comparou as penas recebidas. Não podia compreender que responder a uma pergunta de maneira errada fosse mais grave do que partir uma xícara. Mas tia Hermengarda devia ter razão. “Se, por fazer aquilo...” — começou a pensar. A palavra “aquilo”, no entanto, adquirira tal poder de apavorá-la que afastou os pensamentos e segurou a pilha de pratos lavados e secos.

Do guarda-louça, viu a tia na sala. Estava com a cabeça para trás, dormindo — parecia. “Se acordar e fizer a pergunta?”. Jandira, definitivamente, não sabia o que responder. Ignorando ou conhecendo, as consequências de “aquilo” eram sempre as mesmas. E se silenciasse? — “Quem cala, consente”, costumava dizer D. Hermengarda.

A menina olhou novamente para a cadeira de rodas. Algo de extraordinário estava acontecendo. D. Hermengarda não dormia. Jandira, querendo certificar-se do que se passava, aproximou-se, oculta pela parede, e espiou. D. Hermengarda chorava! Serenamente, corriam lágrimas sobre as faces, filtradas pelos cílios semicerrados. Um sofrimento profundo imobilizou a menina, dominando-a pouco a pouco. Sentimento estranho, poderoso, capaz de destruir todos os ressentimentos, maior do que o pavor experimentado até agora, superior a tudo o que houvesse suportado aquela alma de criança. Sem compreender a mágoa oculta a que sua tia se entregava, Jandira desejou consolá-la, dizer algo engraçado, chegar perto, acariciar-lhe os cabelos. Era preciso estancar esse pranto. A quem mais poderia recorrer D. Hermengarda?

A menina atravessou mansamente o corredor.

— Tia, chamou baixinho.

A tia imóvel.

— Titia, não chore.

Os olhos parados, as lágrimas não saindo mais.

— Prometo não quebrar mais nada, titia.

O silêncio respondendo sempre.

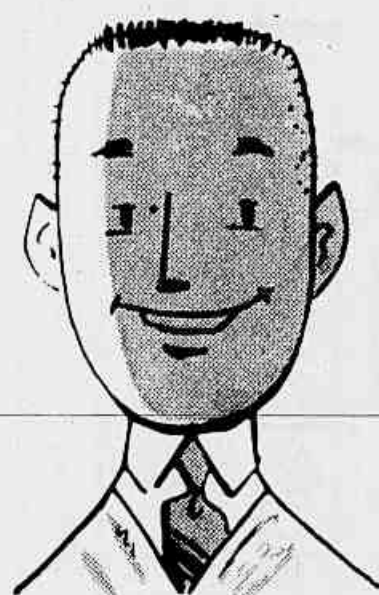
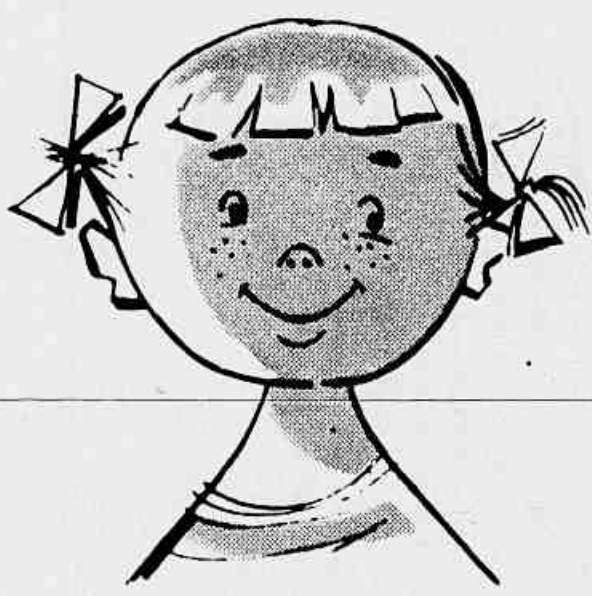
Encostou-se à cadeira da tia e segurou-lhe as mãos. Geladas. Gritou várias vezes o nome, mas as rugas do rosto, os lábios, nada se moveu. A menina caiu a seus pés e abraçou-lhe as pernas, chorando e acariciando aqueles membros imobilizados, inúteis para sempre. Como pudera acontecer aquilo?

— “Aquilo”, repetiu a menina.

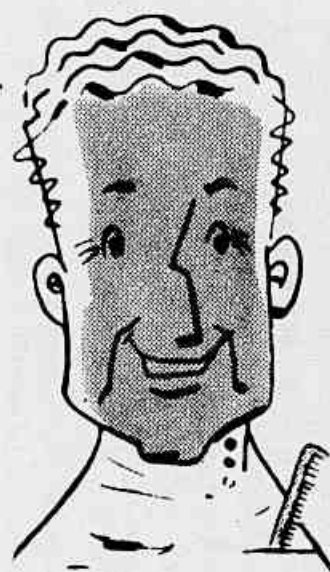
Levantou os olhos para o rosto de D. Hermengarda. Estava tranqüilo e belo, as lágrimas imprimindo sobre as faces paradas dois fios muito tênues, brilhando ao sol.

— Então aquilo...

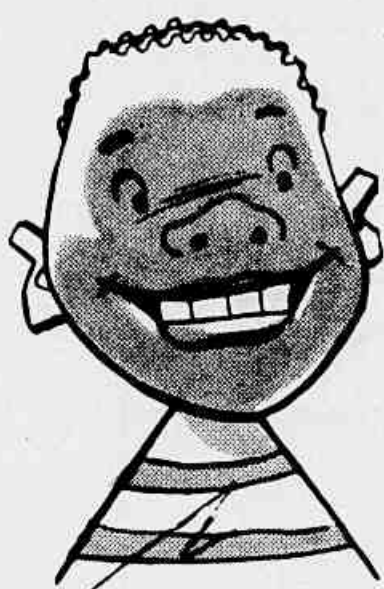
E agora? Agora que Jandira havia descoberto o que era “aquilo”, a quem haveria de contar, a quem explicaria, se não mais tinha quem lhe perguntasse?



O público que aprecia rádio e televisão



- não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

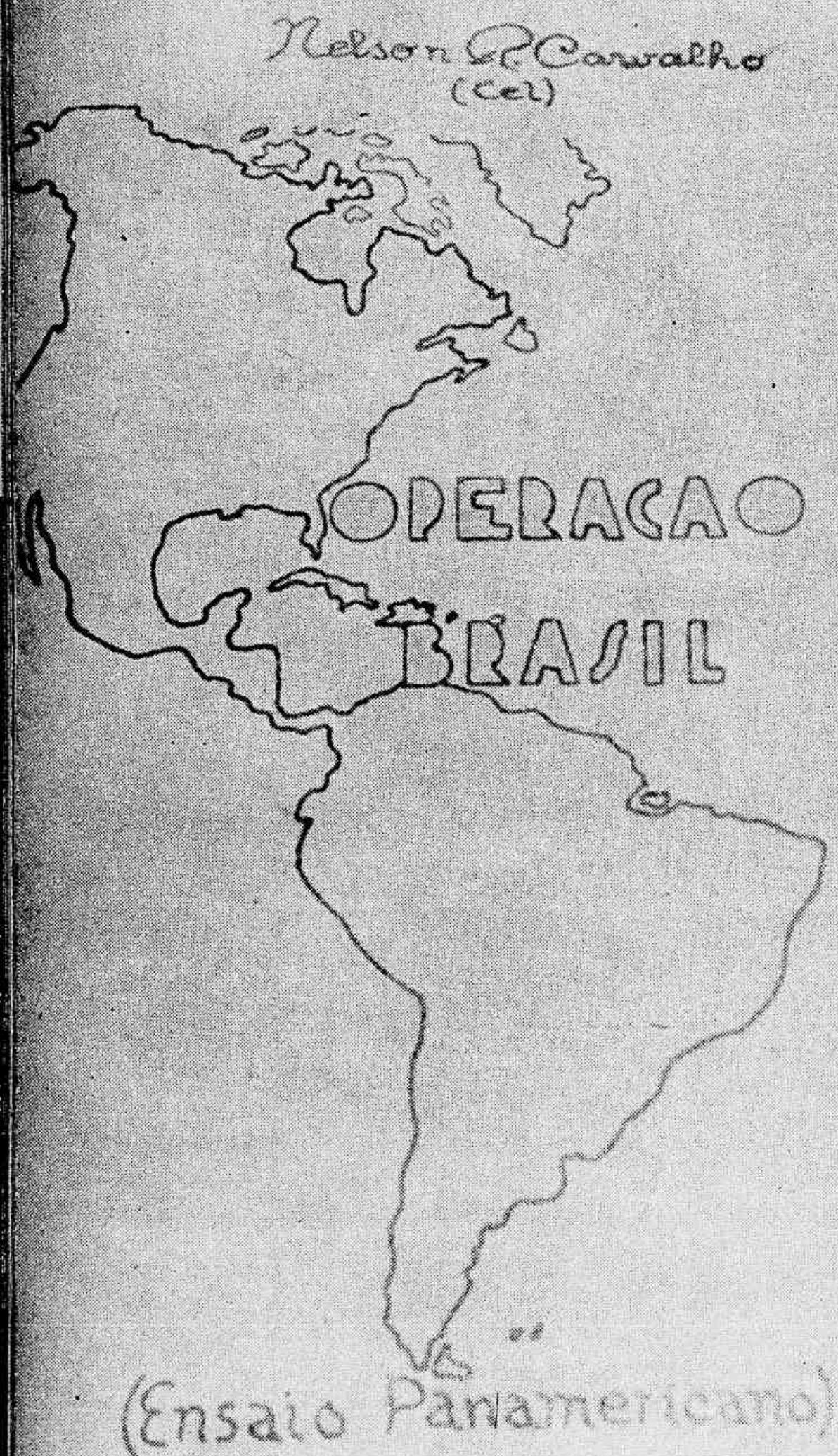
TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**



DOCUMENTARIO SECRETO — Alguém teve um estalo.

Coronel, em
confidência:

“ÔPA! A O. P. A.

“SIM. FUI EU quem idealizou e preparou, entregando-o depois ao Conselho de Segurança Nacional, para estudo e consideração do governo brasileiro, completo trabalho contendo as linhas-mestras de uma **Operação Brasil e Ensaio Pan-Americano**, em que a atual Operação Pan-americana foi, tudo indica, decalcada por terceiros. Já denunciei o fato ao ministro da Guerra e ao Clube Militar. E com veemência reivindico a idealização desse trabalho, ao qual dediquei, como oficial superior do Exército, quatro anos consecutivos, sendo dois no Conselho de Segurança Nacional a que o apresentei oficialmente em janeiro passado. Sem falar na Escola Superior de Guerra, onde ingressei com essa intenção e onde venho defendendo a tese pan-americana desde março, inclusive perante conferencistas do Itamarati”. Outra frase: “Como, no entanto, a lançaram, a O.P.A. está mal posta. Minha idéia fundamentava-se em uma série de itens comuns às diferentes Repúblicas deste continente, sobretudo prevendo e aconselhando a redução geral nos orçamentos militares do Brasil e América Latina, em proveito do mútuo desenvolvimento econômico e do combate ao pauperismo, e não meramente visando a pedir dinheiro aos Estados Unidos.”

Quem o diz a este repórter é o homem que se tornou famoso da noite para o dia ao denunciar, em plena assembléia do Clube Militar, quando ali o ministro Negrão de Lima expunha os objetivos da Operação Pan-americana, o decalque de sua iniciativa por pessoas ligadas ao Catete e ao próprio Conselho de Segurança Nacional. Trata-se do coronel Nelson de Carvalho, distinto oficial do nosso Exército, possuidor de vários — e brilhantes — cursos e herói (como major) da Força Expedicionária Brasileira. Autor de um dos mais profundos e inteligentes ensaios já realizados neste País sobre a necessidade do rejuvenescimento da política brasileira nas Américas e sobre a redução imediata das despesas militares, o coronel Nelson de Carvalho entregou ao então chefe de gabinete, (o coronel Alexínio Bitencourt) do C.S.N. volume de 150 páginas propondo a solução pan-americana (êle a intitulou originalmente Conceito Estratégico e Operação Brasil porque deveria começar aqui, não obstante extensiva às demais regiões da América Latina). Vi e fotografei sobre sua mesa e sob seus óculos a cópia autêntica desse volume, mantido até hoje no maior sigilo pelo Conselho, de onde, por mãos alheias, deu lugar à Operação Pan-americana oficial, sem a mais leve menção ao nome do coronel Nelson e, o que é pior, em execução capenga e desanimadora. E como aconteceu a apropriação indébita? Quem a praticou, surrupiando dos escaninhos de um órgão de alta estratégia, consultor-nato do presidente da República em matéria de tamanha relevância? O coronel não o revela frontalmente. Aliás, de início, reluta e nada quer esclarecer à imprensa por ser — desculpa-se — “assunto sigiloso”. Tenho um trabalhão para conseguir indicações precisas. Mas uma pista é dada pelo nosso Nelson: “Recomendo-lhe”, fala, “a reportagem publicada na **Manchete** de 20 de setembro sob o título **O Mistério da Nona Mansão**. Confirmando tal reportagem no caso particular da O.P.A.; as figuras nela envolvidas mantinham suas organizações no mesmo prédio, revezavam-se em frequentar-se e almoçavam juntas; e revelaram interesse inusitado pelo estudo a que então eu procedia no Conselho de Segurança. Haverá, por conseguinte, flagrante relação de causa e efeito entre o meu Conceito Estratégico e a chamada Operação Pan-americana.”

Ora, que diabo! Na aparência, a coisa começa a assumir ares de quebra-cabeças. Que prédio é esse e que “figuras envolvidas” são essas? Vou buscar na fonte a resposta: a reportagem men-



DEDO NO HEMISFÉRIO — “Guerra para quê?”

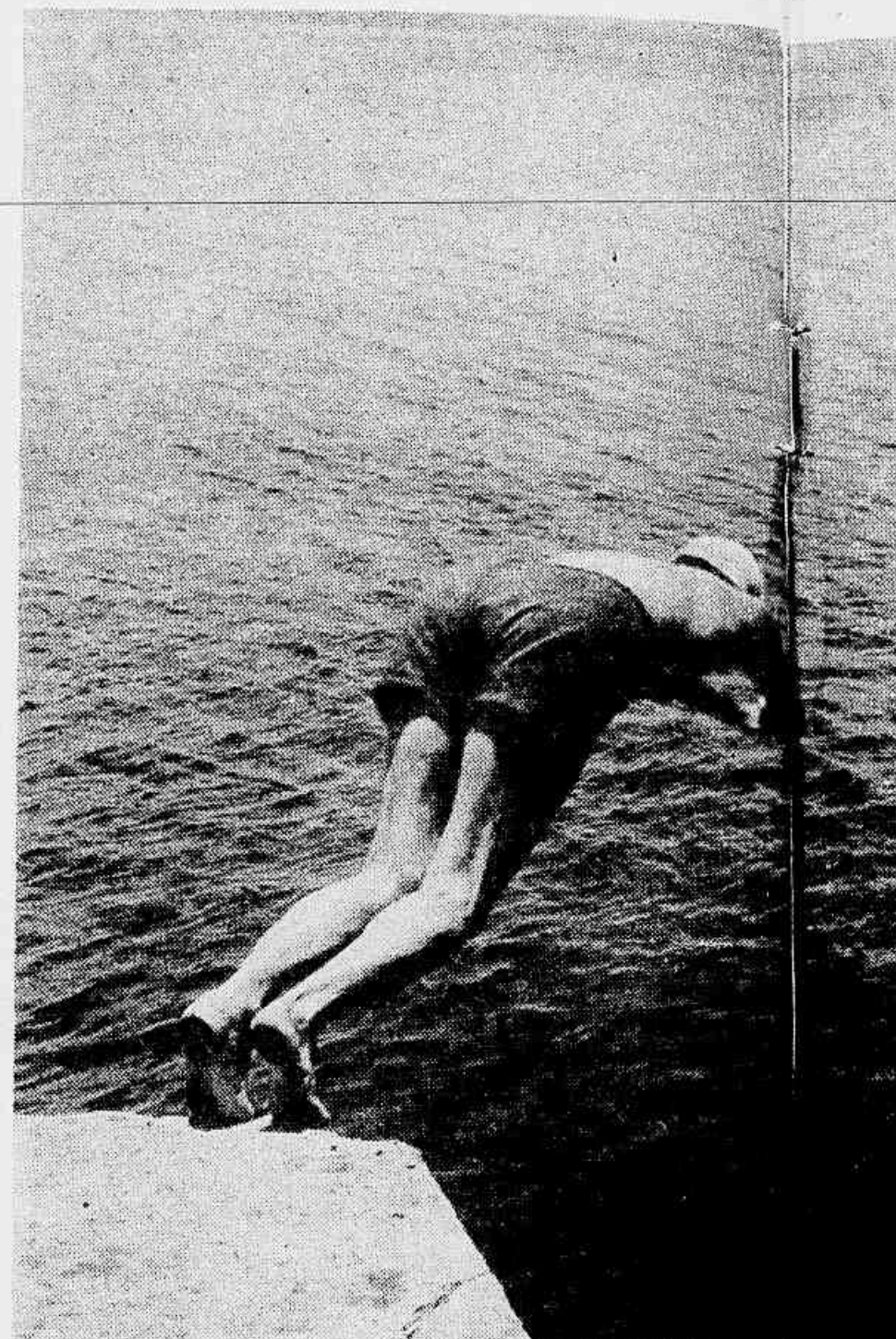
É DO EXÉRCITO”

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

REVISTA DA SEMANA — 45



OLHAR PARA O FUTURO — “O tempo dirá”.



CORONEL NELSON DE CARVALHO —

cionada alude a atividades de determinado grupo de “estudos brasileiros” e informa: “Infiltram-se (os membros do tal grupo) lentamente nas Forças Armadas através dos irmãos José Alberto e Alexínio Bitencourt, respectivamente ex-diretor-geral dos Correios e Telégrafos e presidente do Conselho Nacional de Petróleo. Têm base no Estado-Maior das Forças Armadas e no Conselho de Segurança, que os apóiam e fornecem ao Conselho-Curador informações importantes e secretas sobre os problemas nacionais e a situação do País”. Mais: “Agem através do poeta e industrial Augusto Frederico Schmidt na elaboração dos discursos do presidente da República sobre problemas internacionais. Foram (êles) que aconselharam o presidente na Operação Pan-americana e nas exigências feitas pelo governo ao sr. Foster Dulles, no caso do petróleo.”

Detalhe para o leitor: o coronel Alexínio foi a pessoa a quem o coronel Nelson entregou o pré-citado documentário; e o prédio é o da avenida Presidente Vargas, 463, onde se reúnem o Conselho de Segurança e a empresa atômica do sr. Schmidt. Eis, homessa, desfeito o puzzle.

Com a palavra N.C.: “De tudo o que afirmo, e de mais o que omiti, possuo dossier comprobatório, já do conhecimento do ministro da Guerra. E todo um livro que pretendo publicar.”

E o resto? Vão lendo.

DOIS ESPIAM O MAR

Surpreendo sem aviso prévio o coronel Nelson metido em seu calção de banho, pronto para um mergulho nas águas que murmurejam sua mansidão líquida em frente ao pequeno (mais bem cuidado) apartamento na Urca, vizinho da Fortaleza de São João. É tipo nervoso, magro e pequeno, encadernado em ebulição permanente, cabelos raros que principiam a encanecer. No todo, um homem comum. Porém nos olhos topo-lhe aquela mesma centelha que caracteriza os agudos observadores e os donos de uma

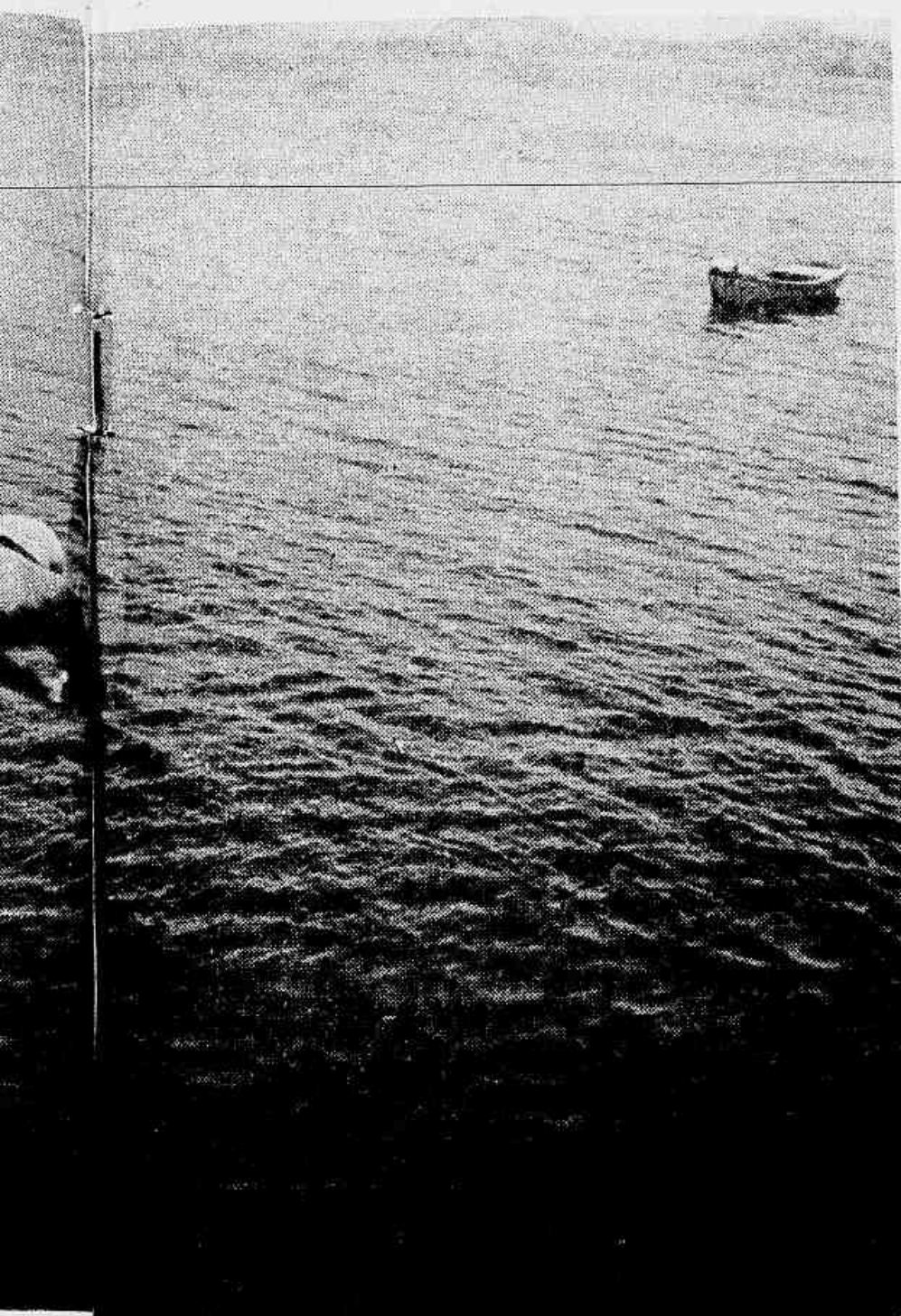
inabalável determinação. Não é, repito, sem dificuldade que lhe consigo arrancar quase a saca-rôlha estas primeiras revelações sobre a solução pan-americana de sua autoria e a — outra.

Até agora, êle falou, sim, a um ou dois jornais, a nenhum contando tudo o que sabe. E sabe muito. Recusa-se terminantemente a divulgar a redação do documentário entregue ao Conselho, embora consinta em explicar-me com paciência o que nêle se contém. “O senhor compreende”, friza cravando no mar, pela abertura da janela, as duas pupilazinhas brilhantes como pontos luminosos a refletir a paisagem que ofusca. “Entreguei êstes papéis ao Conselho de Segurança em caráter confidencial como todos os documentos que são apreciados por êsse órgão. Não posso, sem cometer uma inconfidência e uma infração, sem comprometer enfim o meu dever militar, divulgá-los à revelia de autorização superior”. E nisso permanece irredutível. Durante tôda a conversa (fiquei duas horas e meia com êle) não pronunciou sequer uma vez os nomes do coronel Alexínio, a quem alude apenas como “o meu chefe de gabinete”, ou do sr. Frederico Schmidt. Mas aos poucos, enquanto com a ponta do lápis vai realizando na mesa a autópsia de seus planos, desembaraça aos meus ouvidos todo o fio da meada. Sirvo-me dêsse fio como Teseu se serviu do de Ariadne. Conquanto na ponta da linha eu não descubra, vá lá, o Minotauro.

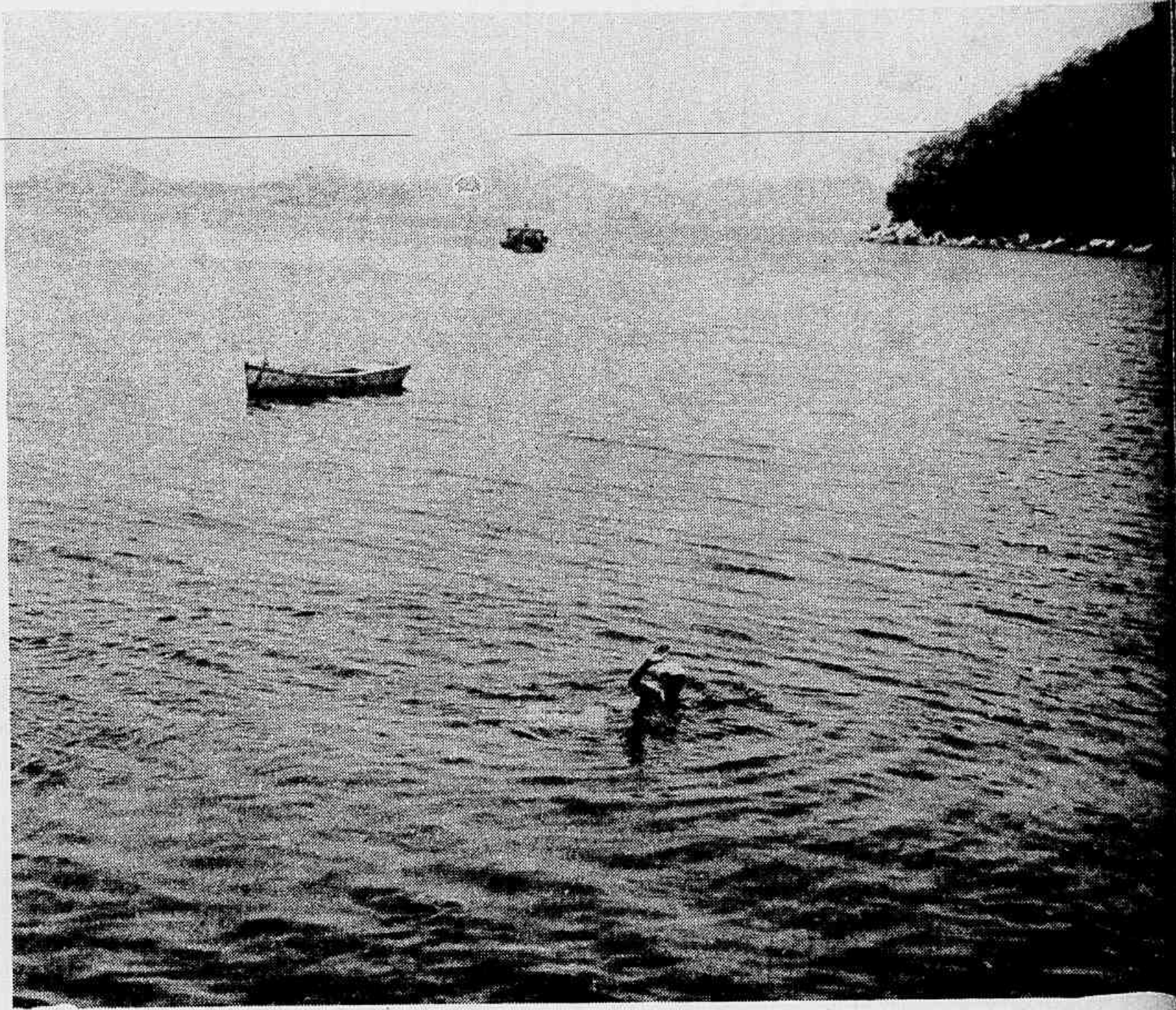
Como N.C. imaginou a Operação? “Em quatro etapas”.

Em primeiro lugar, a que se refere aos fins. “Para qualquer programa administrativo, político, militar ou financeiro, é mister saber, antes do mais, o que queremos. Não se escolhe o futuro de uma nação por palpite ou por estalo.” (Estalo? Ah, sim; lembro-me agora. Justificando a Operação-cópia Pan-americana, o sr. Frederico Schmidt declarou não faz muito que a coisa lhe ocorrera quando contemplava o mar — num estalo. O coronel deve, suponho, ter lido a declaração. (Daí a ironia). N.C. prossegue: “Uma nação jovem é como uma adolescente que se dispõe a escolher uma profissão. Antes da escolha, uma e outra

A. É DO EXÉRCITO"



Um mergulho na esperança.



BANHO REFRESCA — Mas O.P.A. esquentá.

devem ter certeza do que pretendem. Adotei essa metodologia cartesiana no meu trabalho. O que queremos, o que o Brasil pretende, não padece dúvida — ordem e progresso, como está (o lema é positivista, não o sendo todavia o coronel) em nossa Bandeira". O segundo passo? Analisar o mundo em que vivemos. O momento é mundial, continental, sul-americano. Estudei portanto as pressões, afinidades, semelhanças, dessemelhanças, existentes entre cada uma das nações americanas". Só após passou à terceira etapa, à "análise da realidade brasileira", levantando os "meios com que contamos para realizar o que queremos". Ele insiste: "Os fins são função dos meios. Como na ginástica. Ginástica, e isso sabemos, não faz ninguém Joe Louis. Mas podemos ser mais fortes se a soubermos praticar respeitando as limitações do físico."

A conclusão do estudo — quarta etapa — que ocupa quase metade do documentário, é a de que o Brasil está na situação de uma nau adernada, tendo de fazer-se ao mar para enfrentar o temporal que se arma no exterior. Suas condições, porém, são tais, que o barco nem de longe se atreverá a sair barra a fora. Como pois proceder? Simples: — recolhê-la ao estaleiro, que o coronel simboliza em desenhos muito simpáticos. "No estaleiro, ela será reparada, melhorada, renovada, sob a proteção da ONU e da Organização dos Estados Americanos até que possa, sem perigo, navegar."

Esclarecimento: "Compreende-se à esta altura porque lhe chamei Operação Brasil, transformável em Operação Pan-americana porque aconselhável também para todos os demais países latino-americanos em face do desafio comum soviético."

Soa bem. Mas de que jeito concretizar na prática o projeto e cuidar das avarias? Passem aos tópicos seguintes.

BALANÇO

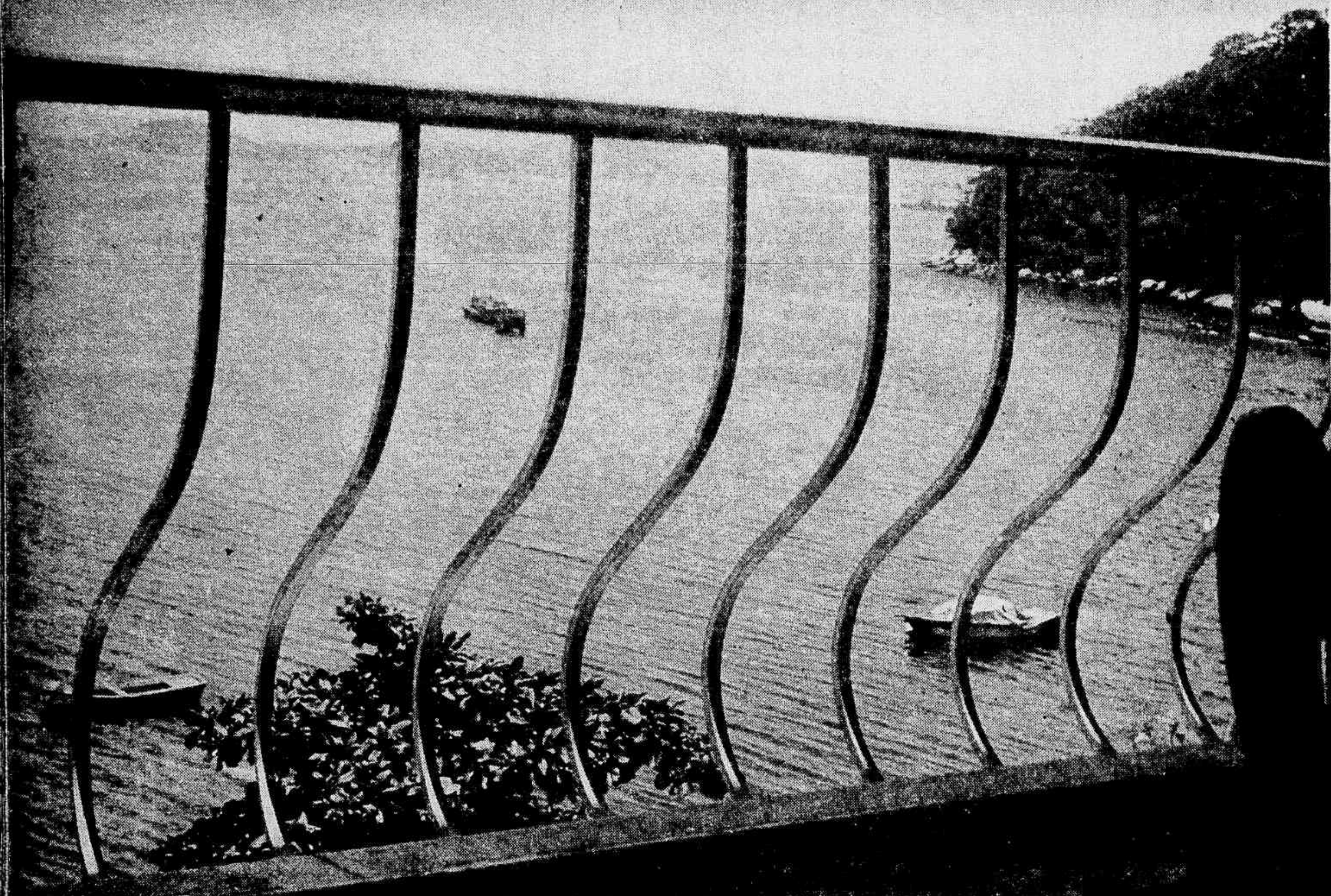
N.C. fala em torrentes que quase sufocam tal o ímpeto que ele dá à explanação. Ademais, fala com notável conhecimento

de causa. Poucas vezes, confesso, conversei com alguém assim tão em dia com as diferentes soluções e filosofias, em choque no mundo moderno e tão consciente da gravidade da situação nacional. O Brasil que o coronel me descreve não é um Brasil ufanista; é o Brasil tal qual existe, tal qual funciona (ou não funciona), o Brasil exato, o Brasil sem tirar nem pôr. "A renda per capita incluiu, já a nossa terra na categoria das regiões semidesenvolvidas e o divórcio psico-social, com a grande massa da população rural em estado de miséria, ainda retém o País na categoria de semi-atrasado, apesar do sensível progresso industrial e da aceitável consolidação do regime". O grande problema é a simbiose homem-terra. O quadro, ainda aqui, não entusiasma: "A terra, pobre; o homem, fraco em quantidade e em qualidade. Conforme relatório da FAO, 70% da população brasileira vivem em piores condições do que os favelados do Rio". A providência será integrar esses 70% em um todo homogêneo; não em incentivar as barreiras e o egoísmo que separam o Brasil em duas nações distintas: a dos ricos que ficam cada vez mais ricos e a dos pobres que ficam cada vez mais miseráveis.

Precisa-se liquidar o quanto antes a falsa vaidade de que estaríamos a pique de nos transformar em grande potência mundial. Sim, isso pode acontecer no futuro — não agora. Pelo menos não antes de que resolvamos essa equação e essa simbiose, de que enfrentemos com decisão o "desafio de nossa era" descrito em Toynbee. "Não é possível resolvê-la com o subdesenvolvimento, onde quer que exista uma maioria oprimida em face de uma minoria bem postada".

QUE FAZER?

Então, que fazer? De onde arrancar os meios para nos lançarmos a esse empreendimento de autoconhecimento e de subsequente reorganização econômica e social? "O capital tem de vir de algum lugar", assinala o coronel. Exato. O dinheiro é mola



“ÔPA! A O.P.A. É DO EXÉRCITO”

VISTA PARA O MAR — Havia uma grade no meio do caminho.

do mundo. Porém, de onde? “A base física dessa operação salvadora — física porque ninguém pode ter ardores democráticos com o estômago vazio — é a redução das despesas militares em favor de uma recuperação econômica e social acelerada. Para que despesas militares tão altas? Para têmos uma América Latina inoperante em face de um conflito extra-continental? Ou para fazermos a guerra contra nós mesmos, latino-americanos, o que seria um suicídio diante da conjuntura interna e internacional? O Brasil, em particular, com tanta pobreza, vem gastando desproporcionalmente com seu paramento militar, em detrimento da saúde e da educação de suas populações. O mesmo se verifica no resto da América Latina, com seus contingentes rurais, indígenas ou não, sacrificados pelas despesas militares. Cumpre reduzi-las. O momento é excepcional para uma decisão heróica. Nosso interesse é comum. Estamos todos, no continente, maduros para essa transcendente decisão.”

Fragmento de diálogo:

Repórter — isso significa o desarmamento total do Brasil e da América Latina?

Coronel — Evidentemente não. As Forças Armadas, além da guerra, cabem outras e relevantes missões. Significam, aí sim, a limitação dos gastos militares ao essencial, afastando-se a possibilidade de guerra entre nós e inaugurando uma era de trabalho pacífico.

Repórter — E no caso de uma guerra com nações de outros continentes? Ficaríamos despreparados?

Coronel — Para essas guerras, estamos sempre despreparados. Ninguém contesta o quanto é ínfima a nossa capacidade de contribuição armada para a causa, por exemplo, das democracias no Bloco Ocidental (segurança coletiva) sem o apoio bélico essencial do exterior, isto é, dos Estados Unidos.

OPERAÇÃO EM ITENS

Eis os fundamentos (e alguns pontos de vista do coronel) da Operação idealizada por N.C.:

1 — Pacto solene de não-agressão entre as Repúblicas latino-americanas, já implícito na Carta de Bogotá. “Tal pacto haveria de ser, tão logo se criasse ambiente propício, incorporado à Constituição de cada um desses países, sob a cláusula de condenação formal às guerras de conquista.”

2 — Redução dos gastos militares, em troca de um desenvolvimento rápido, que propiciasse, a seu turno, a modernização oportuna das Forças Armadas para realmente uma segurança coletiva exercida por toda a América e não apenas a cargo dos USA.

3 — Interessar nessa solução os USA como primeiro passo dos objetivos nacionais imediatos ou metas.

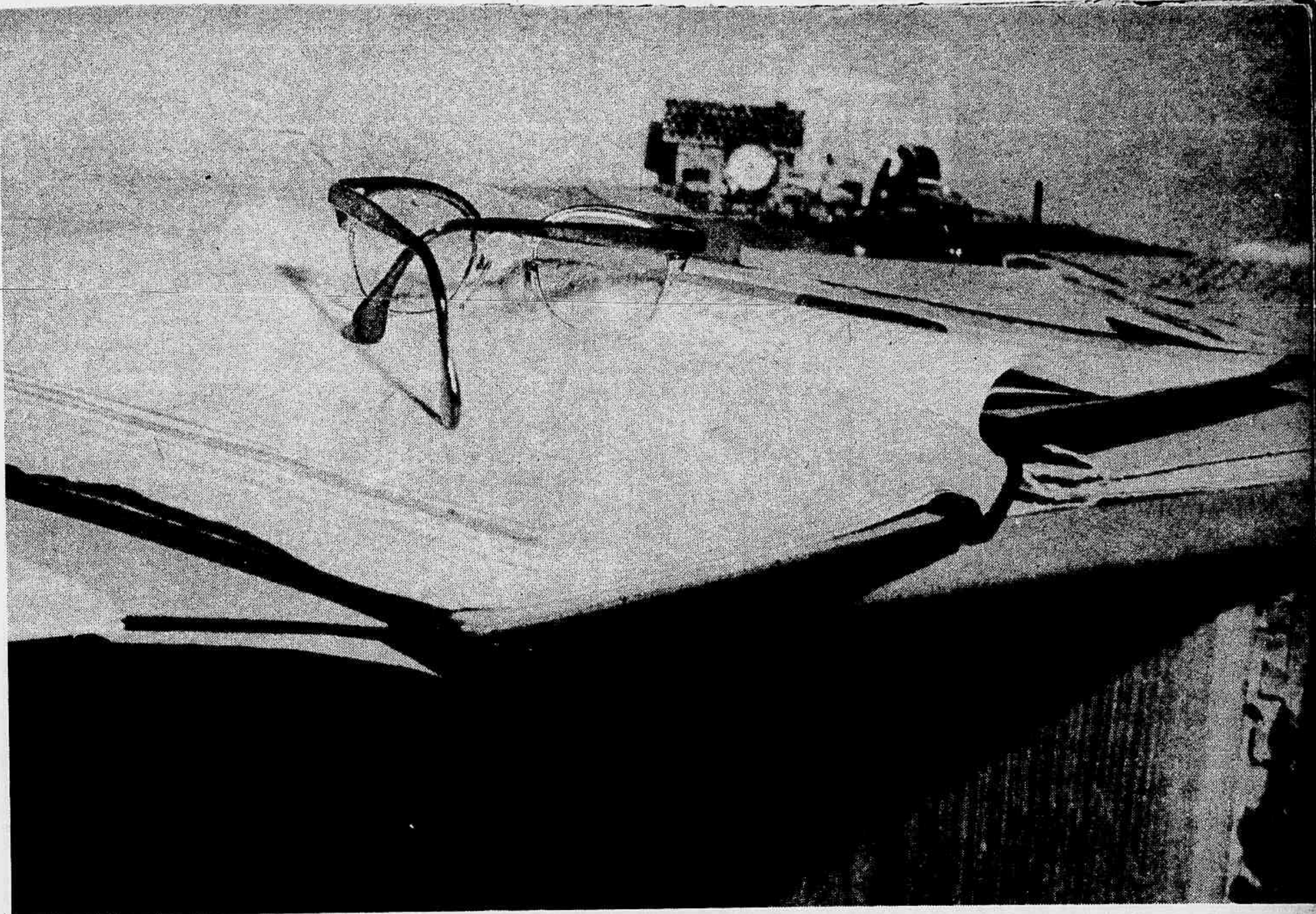
4 — Concentrar as energias do Brasil (e das outras nações), inclusive energias militares, no rompimento do círculo vicioso da economia ou subdesenvolvimento econômico.

5 — Convergir o esforço político decisivo para a “política de liderança americana no continente”, obtendo um câmbio de interesse vital comum, compreende, entre outras medidas, “a franca assistência econômica e o apoio da logística militar, além do contato permanente de estímulo pan-americano às políticas de defesa coletiva para a unidade democrática do continente em torno da Organização dos Estados Americanos.”

6 — Intensificar o exato conhecimento dos nossos recursos minerais, base da formulação da mais ampla política industrial, apoiando progressivamente essa política em termos da produção e exportação agropecuária a desenvolver (nacionalização do capital necessário).

7 — Ativar a estocagem de matéria-prima essencial à industrialização, bem como incentivar e racionalizar a produção de bens de consumo indispensáveis à vida vegetativa do País e dependentes de importação.

8 — Assegurar suprimento complementar de carburantes por via interior e acelerar a possibilidade de sua destilação além de um nível de consumo nacional avançado, visando a atender também a algumas necessidades subcontinentais.



PROVA DOS NOVE — "O dossier está aqui".

9 — Retomar rapidamente o controle da dinâmica econômico-financeira do Estado, a fim de estancar a inflação e assegurar a estabilidade da moeda.

10 — Apoiar e encarecer à O.E.A. a ultimização da Estrada Pan-americana, concedendo prioridade ao seu traçado nacional.

11 — "Retorno à austeridade e aos costumes cristãos, na base social da *Rerum Novarum*."

12 — "Combate aos aspectos argentários do capitalismo, de que a inflação descontrolada constitui índice complexo, como agente corruptor da moral e dos costumes. A pressão da contradição capitalista da Democracia expressa-se em trustes econômicos internacionais, que dificultam e oneram a formação do capital nacional e nossa integração e desenvolvimento."

13 — Consolidar a unidade democrática.

14 — Rever a Constituição Federal.

15 — Promover a união política. "Ou nos salvamos todos ou afundamos juntos".

16 — "Por três vezes tentei fazer chegar ao presidente da República subsídios para a O.P.A.: uma por intermédio do general Nelson de Melo, outra pelo embaixador Mendes Viana e a terceira por mãos do sr. Israel Pinheiro. Esta última — chegou".

17 — "Não se deve afastar de vista a iminente perda de controle da política internacional pelos USA, líder das democracias, controle esse dificilmente recuperável sem o recurso extremo da guerra; nem esqueçamos sua inferiorização no campo científico e as contradições intrínsecas do capitalismo argentário, como o relaxamento da austeridade, a debacle econômico-financeira e a burocracia emperrante."

18 — "A Rússia? Não fará a guerra. Apegou-se à premissa marxista que lhe confere uma atitude passiva de espera. Que premissa? Esta: — o capitalismo se destruirá por si mesmo."

19 — "As Américas serão, em contrapartida, o reduto do ideal democrático. Nós, militares, apreciamos sempre a pior hipótese. Para as democracias, a pior hipótese seria a expansão soviética.

Cobrimo-nos contra ela, estaríamos sempre em condições mais favoráveis. Resulta daí a definição de um Conceito Estratégico ou Operação Pan-americana, abrangendo todas as Repúblicas do hemisfério."

UM ADEUS E UMA HISTÓRIA

A conversa vai terminar. N.C. responde outra pergunta: "Se acredito no êxito da Operação que imaginei? Plenamente. Nossa geração militar há de ter, por certo, coragem cívica para tão nobre renúncia. Não poderemos aceitar, nós militares, que a Democracia se destrua no vértice das contradições e incoerências de uma cultura de dinheiro. O sacrifício calculado das Forças Armadas há de ser o elo inicial de uma vigorosa reação em cadeia, que porá nossa casa em ordem, a América Latina em ordem." E enquanto sua senhora me serve uma xícara de café, o coronel (que faz questão de posar ao lado da bandeira do Fluminense) conta a história de um piloto de avião a jato, que, confiante demais nas soluções de última hora, e em sua rapidez de raciocínio, tendo dormido demais na noite anterior, descuidou-se de revisar detalhes técnicos e, manejando os controles com retardo, acabou explodindo na decolagem a 140 nós horários. "Assim também acontecerá conosco se, antes do voo (Operação Pan-americana) não avaliarmos devidamente os nossos recursos e possibilidades, não sopesarmos bem as medidas."

Por minha vez, penso eu: — E os Estados Unidos? Estarão mesmo dispostos a endossar a O.P.A. tal como a idealiza o coronel ou como a praticam os outros? Permitirão afinal que o Brasil assuma a liderança na América do Sul? E o mundo, tal qual é, sobre-existirá a um feroz embate? As perguntas malham-me a cabeça. Arrumo a retirada, desço, e, já na beira da praia, máquina em punho, despeço-me do coronel. "O tempo dirá", grita N.C. de longe, como se me adivinhasse o pensamento, ao mesmo tempo que acena um adeus e se prepara para o mergulho.

Sim. O tempo dirá. Agora, sobre esse assunto de mergulhar em águas alheias, o que diria o sr. Augusto Frederico Schmidt?

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

APRENDA A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias,
pelo moderno método do
Prof. Gino Fornaciari, autor
do livro «Como Aprender a
Dançar», já em 9ª Edição,
melhorada, contendo 140 grá-
ficos, que permite a V. S.
aprender em seu domicílio,
sem professor. Faça seu pe-
dido, pelo Reembolso, à Cai-
xa Postal. 649 — São Paulo.
Cr\$ 130,00 — Encontra-se
também à venda em todas as
livrarias do Rio e de São
Paulo. O Prof. Gino Fornaciari
mantém um curso espe-
cializado de Aulas Particu-
lares, diariamente, das 9 hs.
às 22 hs. à Avenida Liberdade,
120 — 2º andar — conj.
8 — São Paulo.

LEIAM EU SEI TUDO

**TODOS OS MESES
Cr\$ 15,00**

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou
sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1
e quando for, ao contrário, demasia-
damente volumoso, use BEL-HORMON
nº 2. BEL-HORMON, à base de hor-
mônios, é um preparado modernís-
simo, eficiente, de aplicação local e
resultados imediatos. Adquirir-o nas
farmácias e drogarias ou pelo Correio.



**BEL-
HORMON**

Sociedade Farmacêutica Quintino Pi-
nheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso
Postal um vidro de «BEL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

Os galhos do cedro

(Continuação da pág. 32)

Para a felicidade de um casal apaixonado em lua-de-mel na Europa, não há descrição possível...

Jasmina e Sérgio emergiram dessa fase de sonho, donos de uma sensação de segurança e calma. Sabiam que seu amor era múltiplo, apresentando as facetas da compreensão, da afinidade e da atração sexual. Este amor os encorajaria para enfrentarem juntos, dores e prazeres eventualmente trazidos pelo futuro. Sérgio comentava, espantado, a circunstância de ter se transformado num inveterado apologista do casamento. Achava que a filosofia dos modernos pensadores, as idéias existencialistas, o surto de liberdade sexual avassalando a Europa de após-guerra, não minariam as bases do matrimônio em país algum. Ventura completa existe apenas num casamento feliz.

Se houvesse margem para Jasmina ainda querer um pouco mais ao seu Sarkis, isso se teria dado ao ver-lhe a generosidade em relação aos seus pais, irmãos e sobrinhos. Sérgio os cumulava de presentes, oferecendo passagens para quem quisesse visitá-los no Brasil. O rapaz tentava redimir a avó do fato de não ter deixado um tostão para o filho do Líbano. O interessante é que Yussef, na sua apatia, nem sequer mencionara inventários ou heranças. Sabia que tudo quanto a mãe ia ganhando, ia invertendo na firma, da qual nem ao menos era sócia. Apenas Samir, Abdo e Sérgio constituíam oficialmente a sociedade. A autoridade da velha fôra sempre tão absoluta que nunca precisara de direitos jurídicos para decidir negócios, controlar a firma ou dela tirar as importâncias que quisesse. Os nobres ingleses deserdavam os filhos não primogênitos para manter coesas as fortunas. Nabira não tivera outra preocupação, se não a de aumentar as possibilidades econômicas da companhia.

O casal regressou ao Brasil, deixando uma grande saudade. Consolaram-se, Jasmina e a mãe, com promessas de próximas viagens dos velhos ao Maranhão e dos jovens ao Líbano. Mas a mãe sabia que tais planos dificilmente se realizam. Ela tinha o marido sempre adoentado e Jasmina estava grávida. O mais certo seria não se verem durante anos.

Voltaram ao Maranhão para um lar novo em fôlha, onde as únicas coisas velhas eram algumas das cadeiras douradas que, na divisão dos objetos de valor pertencentes à Nabira, haviam cabido a Sérgio.

O ventre de Jasmina dilatava-se, gerando a criança, novo ramo de cedro... Sérgio mandara esculpir em bronze, em Beiruth, para ornar a tumba da avó, um galho dessas árvores milenares que o fascinaram com sua beleza augusta.

Inauguraram a casa no Dia de Reis, seguindo a tradição instituída pela velha no sobrado: abriam-se as portas e janelas, iluminavam-se os cômodos todos, na esperança de que o espírito de Jesus pairasse na casa inteira, abençoando-a. Serviam "lizayêdes", bolos de farinha de trigo, fritos no azeite, passados em calda de açúcar fino. A lenda rezava que na porção de azeite, na qual fôssem fritos os bolinhos para a festa dos Reis Magos, podia-se fritar comida para o dia inteiro, embora dando-se um banquete, sem que o azeite acabasse...

Assim, infundável, é a energia da raça libanesa na qual se plasmam homens e mulheres amigos do trabalho e da serena felicidade das famílias constituídas em Deus.

— FIM —

O PONTO FRACO do maitre Luís é o Santos. Basta falar no clube santista para coração e couvert do homem amolecerem imediatamente. No Sacha's, das 7 às 7, Pelé continua sendo o melhor e maior pistão.

EU GOSTARIA DE SABER quem introduziu a Neusa Ferreira entre as moças e senhoras que desfilaram no Museu de Arte Moderna, apresentando criações e padronagens da artista e figurinista argentina Fridl Loos. A infeliz idéia gerou um grande mal estar, principalmente porque dona Neusa não perdeu tempo em dar o seu showzinho, saliente como ela só. Ao final do desfile, ainda agarrou-se com dona Nio-mar — que estava espantadíssima, é claro — e pediu a um fotógrafo: "Me tira um retrato com ela, me tira?"

NO MESMO DESFILE, todo babão, o diplomata Manoel de Teffé, aplaudindo com grande entusiasmo as intervenções de sua esposa.

A CHEFIA da embaixada brasileira à posse do novo presidente mexicano é o primeiro item do Plano Quinquenal de Consolação que JK elaborou para o senador (derotadíssimo) Arthur Bernardes Filho. O passeio a Mexico City, com retorno via New York, será apenas um aperitivo.

GENERALÍSSIMO PLAYBOY e príncipe herdeiro da infeliz República Dominicana, Rafael Trujillo pretende visitar o Brasil em fevereiro próximo, acompanhado de seu conterrâneo Porfírio Rubirosa, o generalíssimo dos playboys. Para garantir cobertura social a sua visita, Trujillo, que é um casca-grossa de fama internacional, deu ordem ao prefeito de Ciudad Trujillo, a infeliz capital da infeliz República Dominicana, que comparecesse ao Congresso Pan-americano de Municípios, realizado recentemente no Rio, e convidasse várias estrelas da sociedade carioca para visitar o seu país em janeiro próximo. O pretexto será jogar pólo. Mas a verdade, verdadeira, é conseguir um salvo conduto para o generalíssimo playboy, trinta dias mais tarde. Aliás, aconselhamos ao moço Trujillo que venha nos visitar a paisana, sem os seus uniformes de opereta. A proximidade do carnaval poderia ocasionar quiproquós desagradáveis e provocar evoés de repercussão diplomática...

ANEDOTA DE PORTUGUÊS sempre foi o fraco de brasileiro. Os portugueses estão tirando a sua forra com a presença do embaixador Alvaro Lins em Lisboa. É cada uma que circula...

SOU DA MESMA OPINIÃO que o colega Peter, ao criticar a recepção oferecida por um simpático casal ao Embaixador da Inglaterra. Este negócio de convidar uma dúzia para jantar e meia grossa para depois do jantar, cria uma discriminação incompreensível e inaceitável. Em sociedade não se deve oficializar primeira e segunda classe, embora elas existam...

A FAIXA DE PRAIA fronteira ao Country goza da fama de ser um reduto de elegância social em Ipanema. Outro dia dei uma caminhada até lá — a luta para tirar dois quilinhos incômodos... — e verifiquei uma coisa divertida: lá estava de cambulhada com as elegantes, todo o alto comércio da Visconde de Pirajá: dois empregados de padaria, um sorveteiro, um sapateiro e a família repinica, inteirinha, de um lojista.

DIZ O DITADO: água mole em pedra dura, etc., etc... O casamento de Lúcia Burlamaqui com o nosso amigo Harry Stone veio provar que os velhos brocados funcionam em qualquer língua e em qualquer pedra...

É BEM ENGRAÇADA a história de um jovem senhor da nossa sociedade, que apesar de sua mocidade, simpatia e lastro financeiro, levava uma vida monótona, enfiado dentro de casa, cercado de remédios, sempre preocupado com males imaginários. A família, já impressionada com o temperamento do rebento, fez com que viajasse para os Estados Unidos e se submetesse a um check-up completo. Após exames minuciosos e demorados, veio o diagnóstico: saúde de ferro, perfeita, perturbada apenas pela presença no organismo de alguns vermes impertinentes. Deram um bom vermífugo ao rapaz e o mandaram de volta, são e salvo. A brincadeira custou caro mas valeu a pena. O moço anda outro.

FOI VENDIDO o edifício Paissandu pela sra. Maria Cecília Fontes. Prédio de apartamentos tradicional, dotado de amplas peças e grande conforto, o Paissandu foi um dos primeiros edifícios de apartamentos construído no Flamengo. Seus aluguéis eram irrisórios e a sra. Maria Cecília Fontes, por delicadeza, não quis entrar em negociações com as ilustres famílias que nele habitavam, para majorá-los como deveria. Era gente conhecida demais com que lidar, numa questão nem sempre agradável. Aliás, por falar em aluguéis irrisórios, registre-se que o sr. Petrônio Almeida Magalhães possui apartamentos na rua Divivier que ainda estão alugados por 500 cruzeiros. Sala, três quartos, banheiro, copa, cozinha, quarto de empregada e praia a um minuto de distância...

O VELHO NEGÓCIO do strip-tease continua rendendo bem. Aqui no Rio uma falsa Pigalle empresou sua francesinha hispanizada e anda faturando horrores, inclusive com o apoio discreto de alguns gabirus do café-society. Mas não só aqui o prestígio do strip continua cada vez mais cada vez. Amigos meus, recém-chegados da Europa, contaram que o "La Tomate", rue Notre Dame de Lorette, Paris, criou cinco sessões diárias de strip-tease para atender a turistada aflita. O espetáculo começa em matinée, às três da tarde, e dá sua última sessão na madrugada.

SOCIEDADE



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



O NOVO CINEMA POLONÊS:

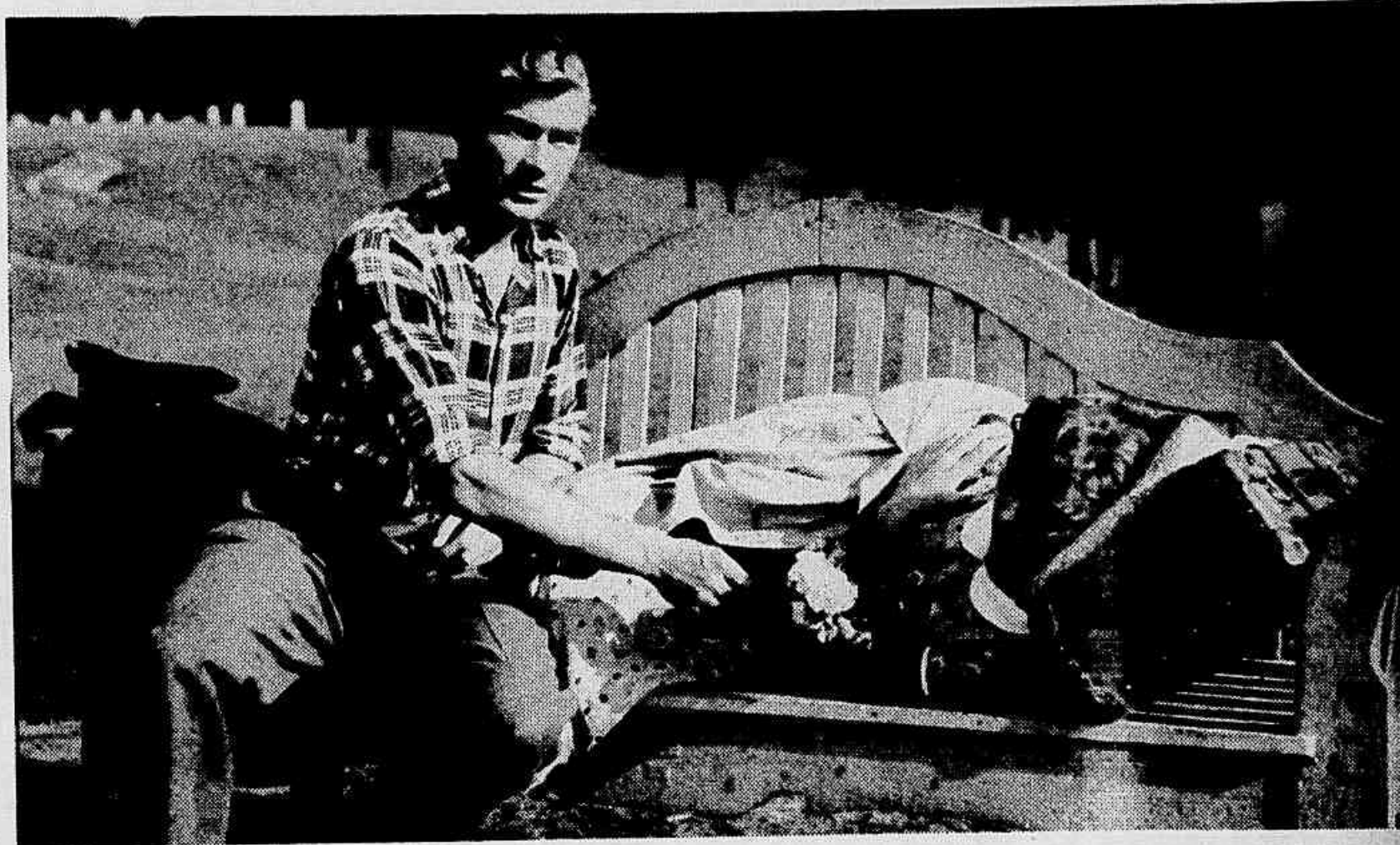


História do após-guerra, "Tout n'est pas fini" (Nem tudo se acabou) é um filme baseado em argumento de Jerzy Wawieysky, responsável também pelo roteiro, feito em colaboração com Kawalerowicz. Papéis principais: — Lucyna Winnicka, Janina Sokolowska, Roland Glowacki.

SURPRÊSA NOS FESTIVAIS INTERNACIONAIS



"O caso do Pilôto Maresz" (Sprawa Pilots Maresz).



"Eva Quer Dormir" (Ewa chce spac), de Chmielewski.



"O Passo do Diabo" (Czarci Zleb).

VEREMOS, EM 1959, O GRANDE CINEMA POLONÊS



Em "Tout n'est pas fini" trabalham Lucyna Winnicka e Roland Glowacki.



A terna Barbara Kwiatkowska, intérprete principal de "Eva Quer Dormir".



Cena de "O Passo do Diabo". a ser exibido próximamente.

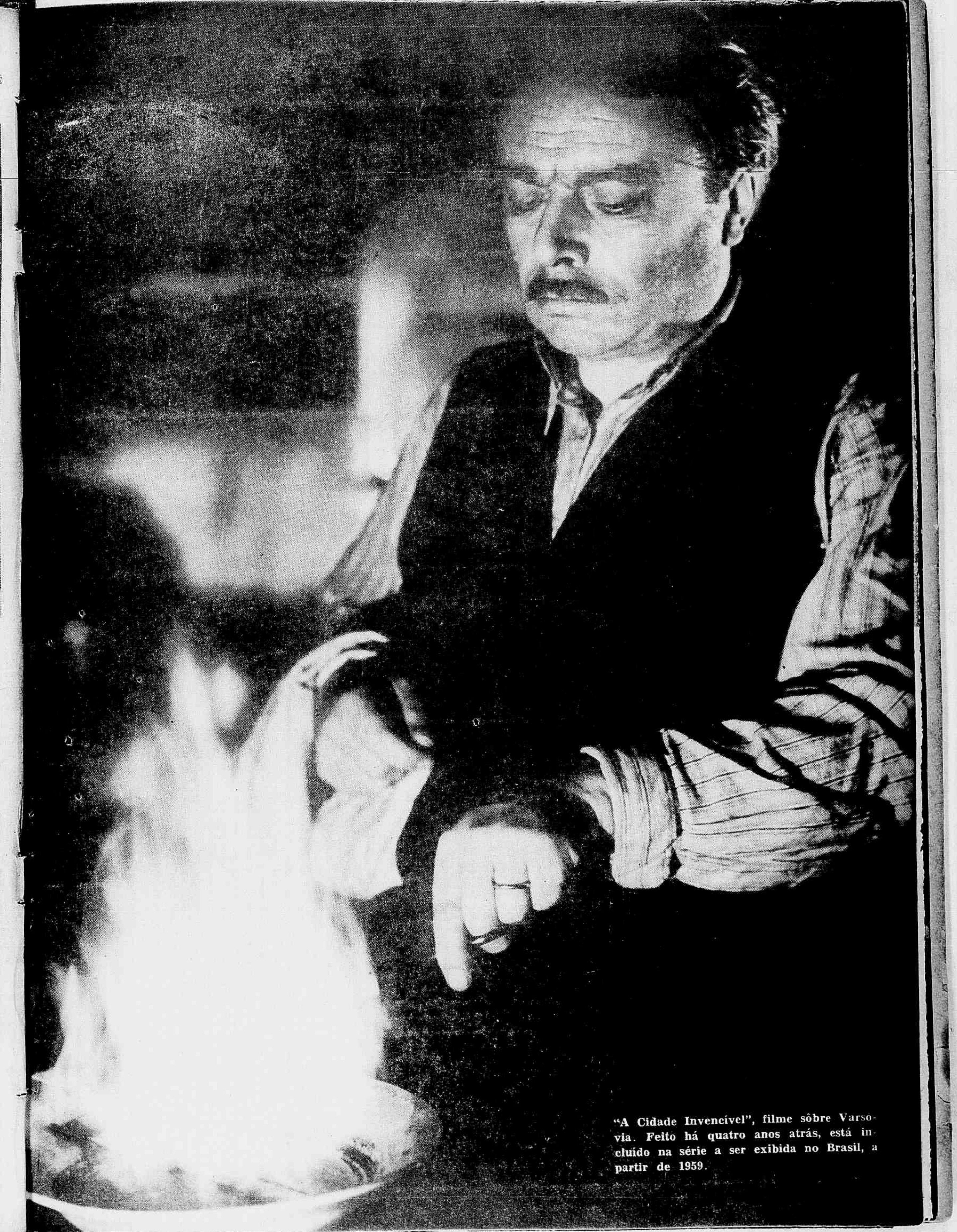
DE TÔDAS as artes polonesas a que talvez apresenta resultados mais apreciáveis após o outubro (as modificações políticas no esforço pela construção do socialismo), que tantos reflexos teve no terreno artístico, é o cinema. De uma produção numericamente apreciável mas de nível geral medíocre, os estúdios poloneses passaram, a partir de 1956 a ser "a surpresa" dos festivais internacionais de filmes e reconquistaram o seu público, na Polónia e no estrangeiro.

Eis uma breve relação de películas polonesas laureadas em festivais mundiais de recente realização:

1) "A Sombra", realização do diretor Kowalerowicz, premiado no Festival Internacional de Cannes (1956), com um dos prêmios especiais. Filmes em quatro episódios, hábilmente ligados, revela uma linguagem cinematográfica muito viva, apoiada numa fotografia de primeira qualidade e bons atores. A história trata de episódios da luta clandestina pela libertação do país, durante a guerra. Este filme será exibido no Brasil, em distribuição da Art Films. Atualmente estão sendo impressas as legendas em português.

2) "Eles Amavam a Vida" (Kanal). Filme que juntamente com "Uma Geração" e "Cinzas e Diamantes" compõe uma trilogia do diretor A. Wajda, um dos jovens realizadores do atual cinema polonês. "Kanal" constituiu uma grande surpresa no Festival de Cannes onde obteve o primeiro prêmio. Sua ação se passa nos esgotos de Varsóvia, onde se refugia um grupo de combatentes clandestinos durante a ocupação alemã. A fotografia excepcional valoriza enormemente os momentos épicos e de intensa dramaticidade da história. Este filme será visto no Brasil em distribuição de uma empresa paulista que o adquiriu aos produtores.

3) "Um Homem Sobre os Trilhos", filme que conquistou o prêmio principal no Festival Internacional de Karlovy Vary (1957).



"A Cidade Invencível", filme sobre Varsóvia. Feito há quatro anos atrás, está incluído na série a ser exibida no Brasil, a partir de 1959.



Ocupados em seus trabalhos e seus amôres, os homens não pensam mais nas atrocidades da guerra. Restam, entretanto, para muitos deles, os dramas íntimos e dolorosos. "Tout n'est pas fini" é a história de um desses dramas.

O Brasil verá, agora, as obras primas do cinema polonês. mu

4) "A Vida é Bela", película de 1957, considerada das melhores do Festival Internacional de Edimburg.

5) "Eva Quer Dormir", comédia, realização do diretor Tadeusz Chmielewski. Grande Prêmio do recente Festival Mundial de Cinema de San Sebastian (Espanha, 1958).

6) "A Vida das Libélulas", filme de divulgação científica, premiado no Festival Internacional de Cork (Irlanda). (1958).

7) "Os últimos dias do verão", documentário laureado na Bienal de Veneza (1958).

8) "Dois Homens e um Armário", realização de Jan Lenica e W. Borowczyk, filme documental e experimental, premiado no Festival Mundial de Cinema de San Francisco (EUA) realizado no mês passado.

9) "A Casa" — filme experimental de Jan Lenica e W. Borowczyk, premiado no Festival de Cinema realizado na recente Exposição Internacional de Bruxelas (Bélgica).

Outros filmes poloneses de produção recente de grande sucesso na Polônia e em outros países da Europa: "Heróica", realização de A. Munk, vencedor do prêmio oferecido anualmente pela associação de críticos cinematográficos poloneses em 1957, e que focaliza episódios da Insurreição de Varsóvia em 1944 (durante a ocupação alemã). O filme baseia-se em dois temas musicais, o Scherzo alla polaca e Ostinato lúgubre, da IX Sinfonia de Beethoven, de onde lhe vem o título. Há, ainda, a assinalar "O Mistério do Poço", filme realizado com atores juvenis, passado numa pequena aldeia, que será também exibido no Brasil em distribuição da Art Films.

INTERCAMBIO. "CANGACEIROS", EM 3.º LUGAR

Nos dois últimos anos os estúdios poloneses intensificaram enormemente o intercâmbio de filmes com outros países. Não apenas



para "A Cidade Invencível" conta a história da velha Varsóvia sob os escombros. Belíssima linguagem plástica, direção vigorosa, este filme representa um dos altos momentos do novo cinema polonês.

muitas delas premiadas nos grandes festivais europeus.

sucesso
lização
asso-
ue fo-
ante a
cais, o
teetho-
listério
na pe-
buição

o de películas: recorreram êles ao regime de co-produções com estúdios de diversos países (Alemanha Ocidental e Oriental, França, Bélgica, Áustria, Tchecoslováquia, Finlândia, etc.), como maneira de não apenas estreitar os laços de cooperação com o cinema desses países, mas também como medida de troca de experiências nos terrenos técnico e artístico, necessária ao progresso mais rápido da cinematografia polonesa. Vários desses filmes em co-produção estão agora em andamento.

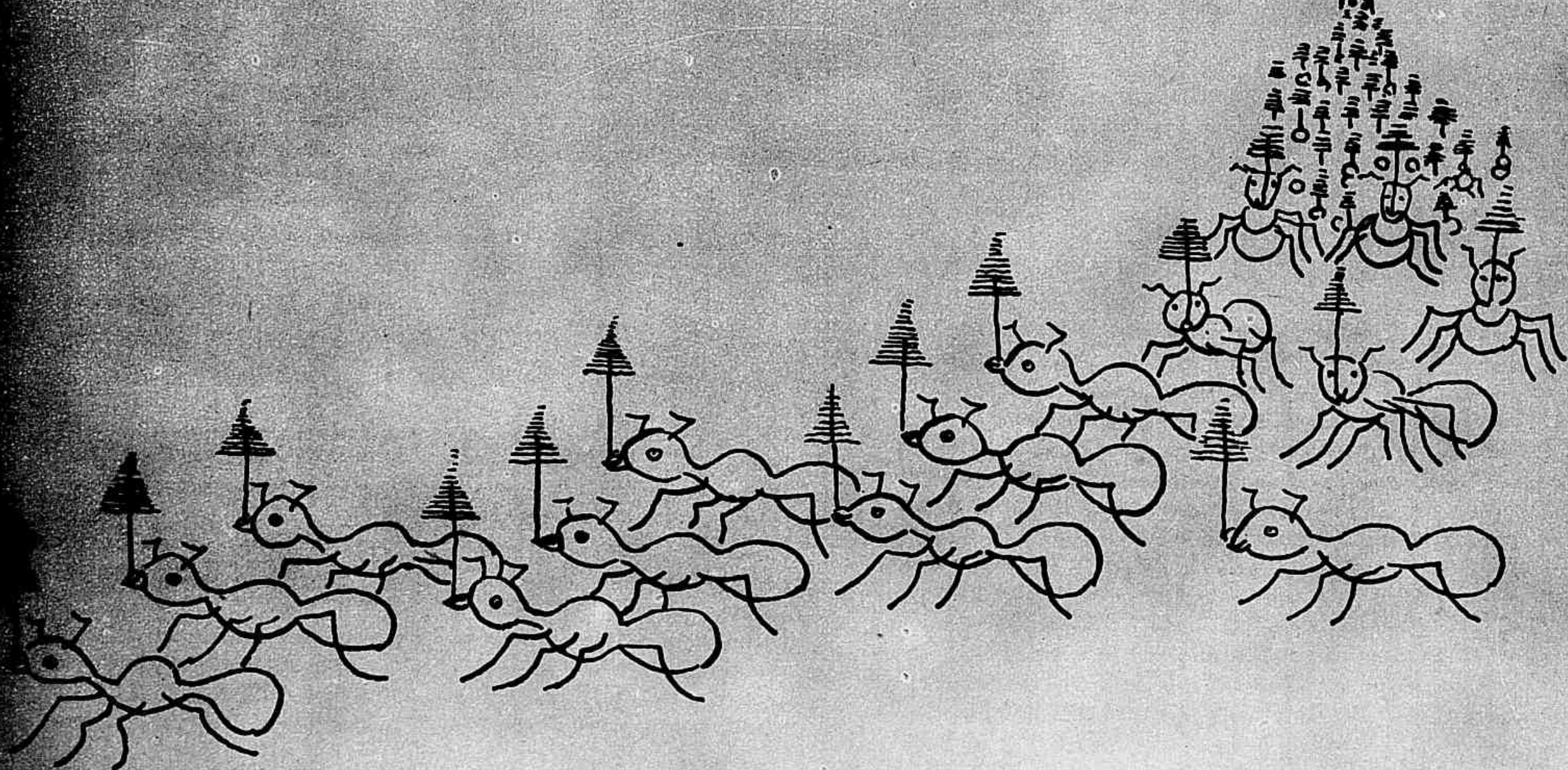
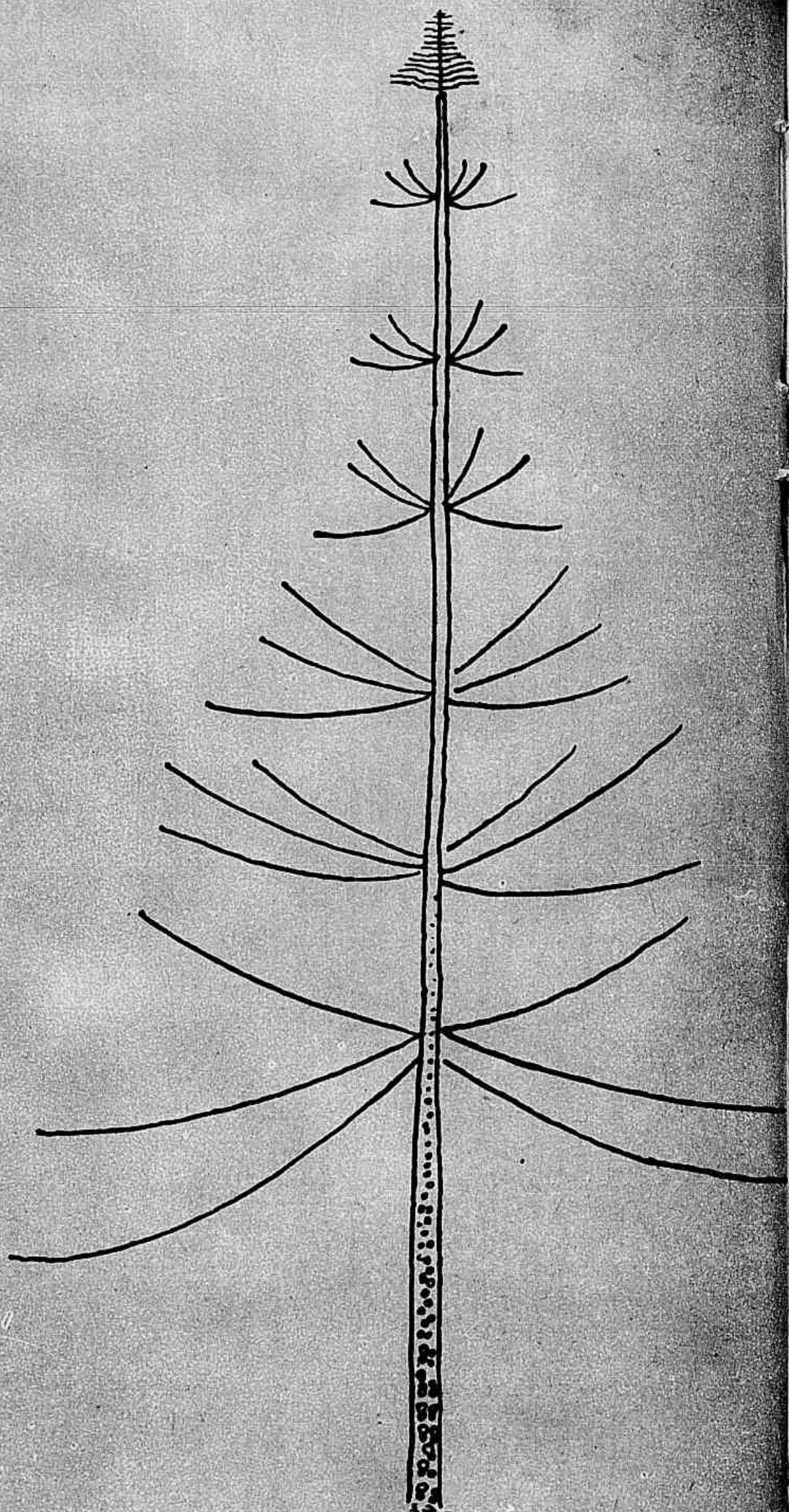
Também a importação de filmes ganhou novo impulso nos dois últimos anos. As melhores produções dos setúdios italianos, franceses, soviéticos, alemães, tchecos, etc., são exibidos ao público das grandes cidades polonesas. Grande sucesso obtiveram ultimamente na Polónia filmes como o italiano "Ouro de Nápoles", o britânico "Ricardo III", "La Strada", e "Noites de Cabiria", de Fellini, o francês "Gervaise", de René Clement, "As Cegonhas Passam", soviético premiado em Cannes, o espanhol "Rua Prin-

cipal", de Bardem. Foram reprisados "Umberto D", italiano de De Sica, os franceses "Helena e os Homens" e "A Carruagem de Ouro", de Jean Renoir, "Hotel do Norte" e "Visitantes da Noite", de Marcel Carné, "As Diabólicas", de H. G. Clouzot, e o brasileiro "Cangaceiros", de Lima Barreto, colocado em terceiro lugar na preferência do público polonês em estatística oficial deste ano.

A seleção dos filmes estrangeiros é feita através de um Conselho, integrado por especialistas na produção nacional de cada país. Estes especialistas opinam sobre os filmes e seu parecer é discutido em reunião plenária do Conselho, após o que têm lugar as negociações para a aquisição da película. Este Conselho, crítico de cinema e filmólogos, foi criado em março de 1958 e tem como um dos pontos de seu programa a criação de cinemas-estúdio, isto é, salas especiais de exibição para técnicos, estudantes de cinema e interessados de documentários, filmes experimentais, clássicos do cinema mundial e polonês.

ÁRVORES DE NATAL

ZENON



JORGE E RACHEL



RENARD PEREZ

FOI, NA VERDADE, a simultaneidade do lançamento das últimas obras de Rachel de Queiroz e de Jorge Amado, que me decidiu a uni-los nesta crônica. Depois de cinco anos sem publicar livro, apresenta-nos Rachel "A Beata Maria do Egito" e "Cem Crônicas Escolhidas". E Jorge, também depois de longa pausa, lança esse extraordinário sucesso editorial que se chama "Gabriela, Cravo e Canela" e a reedição de "O Amor do Soldado". Somente o retorno dos dois grandes escritores, com dois livros cada um, justificava perfeitamente a reunião. Mas agora, escrevendo estas linhas, vejo ainda melhor como tais autores cabem unidos, a identidade que existe em suas carreiras literárias, na qualidade da obra. (Poderia acrescentar, se isso tivesse alguma importância — a identidade que existe na minha admiração.) Ambos estrearam com a mesma idade — vinte anos — e quase simultaneamente: Rachel publicou "O Quinze" em 1930 e "O País do Carnaval" saiu em 1932. E foram ambos que deram impulso àquele movimento que veio trazer sangue novo à literatura brasileira: o romance nordestino. Também, no que se refere ao cronista, foi ele conhecê-los quando já se encontravam no apogeu, últimos autores a serem lidos numa época de descobertas literárias. Aquisições tardias, mas que se conservariam para sempre. E aquele mundo poderoso de Jorge, e aquele mundo terno de Rachel logo se uniram ao de Zé Lins e de Graciliano. E ficaram os quatro, cada qual com a sua grandeza.

Até na época em que os conheci pessoalmente a identidade permanece. De todos os escritores que eu amava, e que por isso queria conhecer, eram eles os mais inacessíveis. Zé Lins e o velho Graça estavam ali, eu os encontrava quase diariamente na Ouvidor, à porta da José Olímpio. Mas Rachel vivia na sua ilha — um fim de mundo. E de Jorge, no estrangeiro, me vinham apenas notícias vagas — as traduções de seus romances, os prêmios que recebia. Era o que eu pensava que deveria ser, exatamente, um escritor.

Meu encontro com ambos foi igualmente emocionante. Tomei um ônibus e fiz uma viagem sem fim para a ilha, a fim de entregar a Rachel meu primeiro livro. Entrei comovido no casarão aconchegante, de atmosfera sertaneja. Lá estava Rachel, agradável, simpática — bem aquela que eu esperava, a que eu via através de suas crônicas. Quanto a Jorge, avistei-o pela primeira vez no entérro do velho Graça — na escadaria da Câmara Municipal, segurando uma das alças do caixão. Identifiquei-o pelas fotos — o bigode grosso na face então magra, a testa ampla. Foi uma visão ligeira, logo a multidão que se comprimia diante da Câmara envolveu o grupo. Mas uma visão que nunca pude esquecer.

E o tempo passou, reduzindo distâncias. Várias coisas correriam para o estreitamento das relações de amizade com a escritora. Também Jorge voltou do estrangeiro; e nos aproximou o lançamento de "Para Todos", a fazer um conagração do mundo literário.

Tínhamos agora, acessível, o romancista, famoso internacionalmente. Conversávamos. E, em suas conversas, falava Jorge nos planos de um novo romance. Um livro que seria um retorno aos seus grandes temas, depois dos descaminhos dos "Subterrâneos da Liberdade" e do "Mundo da Paz".

O livro era "Gabriela, Cravo e Canela", cujo nascimento acompanhamos, enternecidamente. Ouvimos, do próprio Jorge, capítulos desse romance ainda em seus originais. Vimos o árabe Nacib tomar forma, Gabriela a insinuar-se, feminina e misteriosa. Vimos o primeiro exemplar de "Gabriela", que o próprio romancista nos veio mostrar aqui na redação, a tinta ainda fresca. Era o seu décimo sexto livro e, para ele, pela sua fisionomia, parecia o primeiro. Mas nós bem sabíamos porquê: era a sua volta, era o grande Jorge que tornava, liberto, com toda a pujança dos primeiros tempos.

Também Rachel volta, depois de cinco anos. E volta com duas pequenas obras-primas: "A Beata Maria do Egito" e "Cem Crônicas Escolhidas". Na peça, aquela magnífica lenda jogada no cenário nordestino, é o apuro, a concisão, a cristalização das qualidades já tão bem dosadas em "Lampião" e que representa, a nosso ver, a sua grande conquista da terceira fase: o teatro. E jogando, numa concentração de forças, com apenas quatro personagens em vez de vinte (como se desejasse fazer um teste consigo mesma, e dar, ao leitor, uma amostra de sua capacidade) — quatro tipos estritamente funcionais e definidos, com as suas personalidades a se chocarem. Desprezando acessórios para ficar o núcleo — o drama a mover-se na sua própria essência: a história daquela beata, figura estranha e luminosa, no seu misticismo obstinado, na serena arrogância de uma missão a cumprir. E depois dessa prova de requinte e de humano — as suas crônicas: em "Cem Crônicas Escolhidas", retornam a ilha, o Junco, as reminiscências de infância e adolescência. Volta aquela delícia de estilo da fase do "Diário", através de episódios saborosos, que se lêem com um sorriso, às vezes com um apêto na garganta.

Ambos os autores voltam, gloriosamente. Ambos mantendo a integridade íntima de suas literaturas, fiéis ao mundo que deles fez dois grandes escritores. Realmente, tanto entre a "Beata" e o "Quinze", publicado há 27 anos atrás, como entre "Gabriela" e "Cacau", os cenários são os mesmos. O mesmo sertão cearense, a mesma região cacauzeira do sul da Bahia: os mesmos ambientes, os mesmos tipos, interpretados, agora, numa nova dimensão, enriquecidos com as conquistas de maturidade.

Que poderia dizer ainda desses livros, depois de toda a crítica haver sobre eles se pronunciado? Apenas que os li fascinado, devagar, amorosamente. Que Jorge se reencontrou, e prova mais uma vez que é a maior força de romancista por estes Brasis. E de Rachel, que aí está a melhor Rachel, com toda a sua ternura pelo mundo, pelas coisas, pela vida, com toda a sua extraordinária capacidade de pegar o banal e transformá-lo em poesia.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

OPA NEUTRALIZA BRASIL

GOVÊRNO: ÁGUIA DE DUAS CABEÇAS

CONVULSÃO SOCIAL

JK E SCHMIDT: BRASIL NEUTRAL — A fim de fazer triunfar a Operação Pan-Americana, Augusto Frederico Schmidt (Delegado do Brasil no Comitê das 21 Repúblicas), e Juscelino Kubitschek (Presidente do Brasil) ameaçam os Estados Unidos de perderem a América Latina (cairia nos braços dos russos e chineses) se não derem à América Latina os recursos para combater o seu subdesenvolvimento. John Foster Dulles diz que não pode dar tudo. Só um Banco.

SCHMIDT NA OEA, JK NA ESG — Um em Washington, outro na Praia Vermelha, ambos em perfeito acôrdo, um num dia, outro no outro, um no cravo, outro na ferradura, ambos em sintonia, só com ligeiras cambiantes de palavras, anunciam a maioridade do Brasil e dizem que a OPA é o recibo dessa maioridade. Como não há muitas posições no mundo, só lhes restaria cair na neutralidade. Com ou sem banco. Que só um banco não chega.

ÁGUIA DE DUAS CABEÇAS — A xifopagia político-intelectual que une Schmidt e JK converteu o Govêrno numa águia de duas cabeças. O momento é Cocteau. (Mas eminentemente político). O grande lírico que é Schmidt uniu-se ao grande sonhador que é JK. Um tem as visões políticas. Outro tem as fórmulas.

JK tem o poder político que Schmidt não tem. Schmidt tem o arrebatamento e a capacidade de fixação do sonho que JK gostaria de ter. Pode-se criticar. Mas inspiração não falta à nossa política externa.

PREÇOS INDIFERENTES — Dando, também, sua contribuição ao Ano Geofísico Internacional, os preços resolveram fazer sua guerra por conta própria e subir aos céus sem nenhum constrangimento. JK enfrentou-os com medida de altitude: congelou-os, depois de autorizá-los a levantar-se um pouco mais. Eles (que iam subir mesmo sem qualquer autorização) subiam e continuarão subindo. Já quebraram a camada de gelo (artificial) e daqui a pouco sómente serão encontrados com balões sonda.

CONVULSAO SOCIAL E QUEDA DE JK — Eis as duas projecias da semana, que não foram feitas na OEA. Uma no Rio (coronel Walter Santos, secretário do Conselho de Abastecimento). Outra, na Bahia (deputado Vieira de Melo, ex-líder da Maioria). Tôdas duas pelo mesmo motivo: se não fôr vencida a atual indisciplina de preços. Mas os preços estão em plena cibernética: criações do homem, começam a desobedecer o homem, a preocupá-lo e seguir o seu próprio destino, completamente anti-humano...



Juscelino.



Schmidt.



Sua candidatura à Presidência: Ainda é cedo, apesar de ser uma aspiração geral do Partido.

Juracy: Ganhei porque os trabalhadores acreditaram no candidato udenista.

"GOVERNAREI a Bahia com o nacionalismo e o municipalismo, com os trabalhadores das cidades e do interior, aproveitando ao máximo a inteligência baiana, que conheço tão bem, e todos os seus valores políticos e econômicos, declarou o Senador Juracy Magalhães, no começo da entrevista (rápida) que concedeu ao redator desta seção, após um almoço no Jockey Club e durante uma caminhada até o Senado, com intervalo para passar na UDN e para comprar duas gravatas de uma aposta (perdida) em que não seria candidato e se o fôsse não seria eleito Governador da Bahia.

O diálogo:

OSÓRIO NUNES: — A que atribui sua vitória?

JURACY MAGALHÃES: — A mobilização da consciência cívica da Bahia que me fez alvo de sua esperança. Ao apoio dos trabalhadores da Bahia e à confiança do povo do interior. Ganhei em todos os centros industriais do Estado. Os dirigentes sindicais estavam com o candidato situacionista, porém a massa votou comigo.

OSÓRIO NUNES: — Por que os trabalhadores se voltaram para o candidato da UDN?

JURACY MAGALHÃES: — Porque acreditaram no que lhes dizia: é preciso reorganizar a previdência social e livrar os Institutos dos pelegos e aproveitadores do esforço dos que trabalham. E pelas minhas convicções nacionalistas. O nacionalismo foi uma causa certa da vitória. É um engano dizer que o nacionalismo foi derrotado em 3 de outubro. O nacionalismo saiu vitorioso. Alguns nacionalistas foram derrotados. Poucos. Todos os que venceram tiveram de se declarar nacionalistas.

OSÓRIO NUNES: — E quanto ao municipalismo?

JURACY MAGALHÃES: — Quando governei anteriormente a Bahia, voltei-me para o interior, para os Municípios. Os que sofrem e lutam no interior da Bahia não tiveram, agora, maior dificuldade em compreender a minha palavra.

OSÓRIO NUNES: — E sua tese nacionalista foi bem aceita?

JURACY MAGALHÃES: — Tentaram intrigar-me com o povo, dizendo que eu era entreguista. Mas eu desfiz a intriga, dizendo que se eu era entreguista, mais entreguista teria sido Getúlio Vargas, que me mandou organizar e presidir a Petrobrás.

OSÓRIO NUNES: — Como vai objetivar as teses da campanha?

JURACY MAGALHÃES: — Pondo em prática o programa nacional da UDN, que foi o por mim seguido na campanha. O programa da UDN manda que defendamos a Petrobrás (o monopólio estatal

é obra da UDN, que o introduziu na lei da Petrobrás). Estou procurando obter a criação de uma indústria na Bahia. O programa da UDN diz que a base da organização política nacional é o Município e sua expressão regional é o Estado. Lutarei pelo encorajamento do municipalismo e começarei dizendo que é indispensável uma nova discriminação de rendas em favor dos municípios e dos Estados, para o fortalecimento da Federação. Organizarei um sistema racional de convênios para a solução planejada e firme dos problemas dos Municípios.

OSÓRIO NUNES: — A UDN pretende apoiar Jânio Quadros?

JURACY MAGALHÃES: — Jânio precisa convencer-se de que a UDN existe como partido. Não adianta conversar comigo, com Magalhães Pinto, com Herbert Levy, ou qualquer outro udenista, isoladamente. Ele pensa que assim obtém resultado e nos enfraquece. Mas se engana. Estamos unidos e entendidos. E a UDN se apresentará à sucessão presidencial como um bloco, de objetivos perfeitamente definidos, sobretudo com aquilo que tanto o povo reclama dos nossos partidos políticos: um programa. Um programa eminentemente popular. As massas apóiam a UDN, vão apoiá-la, cada vez mais.

OSÓRIO NUNES: — Será a UDN popular?

JURACY MAGALHÃES: — Sim. A UDN popular não é populista, mas é um Partido popular. Luta pelo povo e pelos legítimos direitos dos trabalhadores, para não serem enganados por ninguém.

OSÓRIO NUNES: — E a possibilidade de sua candidatura à Presidência?

JURACY MAGALHÃES (chegando à porta do Senado, quase para entrar): — É uma aspiração generalizada do Partido, estimulada pelas viagens da "Caravana da Liberdade" ao interior. Lacerda chegou a dizer, na Bahia, que saudava em mim o futuro Presidente da República. Mas tudo isso depende de fatores diversos que se manifestarão a seu tempo. Uma candidatura, hoje, tem que se situar dentro da realidade para qual está imediatamente configurada. Precisa obedecer a uma doutrina, pois o individualismo como expressão de prestígio político esgota-se a olhos vistos. Ainda hoje Vargas está na saudade dos trabalhadores, porque corporificou idéias e sentimentos que o identificavam com o povo. Hoje, qualquer candidatura tem de nascer, em primeiro lugar, do povo, da simpatia, da aspiração do povo. Todos os entendimentos de cúpula, distantes do povo, sem a aprovação e o entusiasmo do povo, destinam-se a irremediável fracasso. Foi o que vimos nesta eleição. Foi o que vimos, agora, na Bahia. Vamos ver o que acontecerá no futuro. Para onde se volta o povo que vai votar e eleger em 1960.

ÁLVARO MOREYRA, SETENTÃO :

É O SETENTÃO Alvaro Moreyra quem temos pela frente, funcionário público agora aposentado, operário de letras entretanto não dispensado, aniversariante superlouvado. Olhamo-lo com o respeito que se deve olhar um homem que chega aos setenta anos e deixa atrás de si um passado de feitos. Aí está ele acomodado no sofá de seu apartamento, puxando um cigarro do bolso, enfiando-o no filtra-fumo. Riscamos um fósforo e D. Cecília, esposa de Alvaro, nos corta o gesto. O escritor não pode fumar: proibição médica. Por consolação, ainda lhe permitem que simule, que dê suas baforadas em sêco, hábito ao qual parece já estar acostumado. D. Cecília nos informa que a maior inveja de Alvaro Moreyra era Churchill, pra lá de gago, mordendo seus imensos charutos nas fotos e atualidades cinematográficas. Só descansou quando soube que o charuto também era só para constatar -- e Churchill um companheiro de pitadas inexistentes.

Entrevistamos Alvaro Moreyra no dia em que faz seus setenta anos e, entre repórteres, certamente fomos os primeiros a perguntar, neste exato dia, como ele se sente chegando a tal idade.

— Ótimamente. Gosto muito de mudar de casa. E a mudança da casa dos 60 para os 70 está sendo uma festa. Estou arrumando os pedaços de minha vida como velhos móveis. E estou muito contente porque meu querido Manuel Bandeira desde que entrou nesta mesma casa nunca esteve tão bem.

Aí está o escritor olhando para frente e se alegrando, vendo vida a ser bem vivida. Fazemo-lo se alegrar do outro lado, olhando para trás. Vai a pergunta:

— Como começou na literatura?

Alvaro Moreyra bafora em sêco e responde:

— Como todo estudantinho de província, comecei em Pôrto Alegre, em 1908, a escrever nos jornais. Minha primeira crônica foi publicada pelo "Correio do Povo", no dia 3 de fevereiro de 1908. Era sobre Nossa Senhora dos Navegantes. Nossa Senhora dos Navegantes tem protegido minha viagem.

Depois de uma pausa:

— Vim para o Rio em 1910 e entrei logo para a redação do "Fon-fon", naquele tempo revista mundana e literária do Rio. Daí parti para a Europa, onde fiquei até as vésperas da guerra de 14. De volta, trabalhei na publicidade da firma Daudt Oliveira e Cia. com meus queridos amigos Felipe e João Daudt de Oliveira. Daí, saí para a empresa Pimenta de Mello, editora de "O Malho", "Tico-Tico", "Ilustração Brasileira", "Leitura Para Todos". Depois, Pimenta de Mello adquiriu de Sílvio Romero Filho o título de "Para Todos".

OS BONS TEMPOS DE "PARA TODOS"

Interrompe para afirmar com muita certeza que estes fatos nunca haviam sido anteriormente contados. E prossegue:

— "Para Todos" foi a revista que se tornou a grande propagandista da poesia e da arte moderna brasileiras. Tenho grande alegria em dizer que foi em "Para Todos" que Carlos Drummond de Andrade publicou seus primeiros trabalhos no Rio.

Alvaro Moreyra, ao contar esta autêntica estréia de Drummond, nos faz lembrar da história da vinda do poeta de Belo Horizonte para cá. A primeira coisa que fez ao chegar foi correr ao "Para Todos, querendo ver e falar com Alvaro. Os dois se conheciam por correspondência e já se tratavam como velhos amigos.

Alvaro fala ainda de Drummond de Andrade:

- SINTO REMORSOS DE TERY



ERVINDO DE UM TEMPO MELHOR

Reportagem de HUGO SÉRGIO KOATZ

— Já naquele tempo era ele tido como homem frio e distanciador. Para mim, sempre teve gestos de carinho e nosso bem querer (que já tem 40 anos) sempre foi cordialíssimo.

Pedimos que se lembre das realizações de "Para Todos", na época em que o dirigia. A tarefa é fácil:

— "Para Todos" organizou uma campanha pró-embelezamento de vitrinas de lojas. Hoje muitas delas são bonitas, mas não naquele tempo. Promoveu a vinda das "misses" dos Concursos da Europa. Publicou a foto (de Zenóbio Costa) dos 18 do Forte marchando ao encontro das forças leais ao governo. Esta foto serviu para o relêvo que está no monumento à Siqueira Campos, à entrada do Forte de Copacabana. "Para Todos", a bem dizer, era o órgão oficial das companhias teatrais instaladas no Rio e das que vinham todos os anos da Europa. Foi ele quem fez o empresário Viggiani trazer Berta Singerman. Colaboravam no "Para Todos" Felipe de Oliveira, Ronald de Carvalho, Manuel Bandeira, Luís Martins, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, José do Patrocínio Filho, Homero Prates, Eduardo Guimarães, Raul de Leoni, Olegário Mariano, Onestaldo Pennafort, Ribeiro Couto, o já citado C.D.A. e os jovens poetas da "Verde", de Cataguases, revista arrojada que se espalhou pelo Brasil. Entre os pintores e desenhistas tínhamos: Tarcila, Di Cavalcanti, Roberto Rodrigues, Luís Peixoto, Fritz, Alvarus, J. Carlos. A tiragem da revista ia até os 180 mil exemplares!

— E o senhor? — fizemos a pergunta. — E sua obra?

— Bem, eu fiquei cronista. Mas o que eu desejaria mesmo fazer era teatro. Uma das recordações bem queridas da minha vida é a fundação do Teatro Brinquedo em 1927, com muitos dos colaboradores masculinos e femininos do "Para Todos". Naquele tempo, os artistas de teatro não tinham profissão e entrar no palco uma moça ou uma senhora era um escândalo. O Teatro Brinquedo não teve medo desse escândalo. Representamos num Teatro Armado na sala Renascença do Cassino Beira-Mar, hoje demolido, na frente do Passeio Público. Foi o primeiro movimento que se fez para apresentar um repertório diferente numa encenação moderna. Durou cinco meses, com algumas reaparições.

— "O Teatro Brinquedo" encenou peças suas?

— Sim. Foram elas: "Adão e Eva e outros membros da família" e "O Espetáculo do Arco da Velha", com colaboração de Joracy Camargo, Luís Peixoto e música de Hekel Tavares. Representamos ainda peças de Merimée, Tchekov, Marcel Achard.

"SINTO QUE SOU ENTENDIDO POR GRANDES E PEQUENOS"

Continuamos a querer saber mais a respeito do escritor setentão. Passamos a perguntar sobre os seus livros:

— Alguma preferência especial por "As amargas, não"?

— Justamente meus livros mais queridos são "Um sorriso para tudo", dos meus 20 anos, e "As amargas, não...", dos meus

"A mudança da casa dos sessenta para a dos setenta está sendo uma fe



quase 70. Agora, antes do Natal, vou publicar "Havia uma oliveira no jardim" com toda a serenidade e a ternura que a vida me deu. Terá umas ironiazinhas, mas isso só para não dar na vista...

Sentimos a alegria com que o escritor olha também para a vida à sua frente. Fazemos a pergunta sabendo de antemão a resposta:

— Entusiasmo em produzir continua o mesmo?

— Claro. Acho que minha estada longa no rádio (sou redator da Rádio Globo há 14 anos) falando todos os dias com os ouvintes aprendi a ser ainda mais simples e sinto que sou bem entendido por pequenos e grandes, por antigos e novos.

— E como recebe, hoje, a homenagem que lhe prestam pela grande data?

— Recebo como uma bondade excepcional de meus amigos. Imerecida, vamos dizer. Mas, ao mesmo tempo, com alegria de poder acreditar que fiz da minha vida sem premeditação um exemplo de solidariedade, de amor e de paz. Na mocidade muitas vezes não sacrifiquei a frase e creio que magoei certas pessoas. Destas pessoas, algumas estão no céu e decerto já me perdoaram. Hoje, em imaginação, alongo meus braços e abraço a todos os que estão vivendo neste tempo aflito e estou com algum remorso de ter vindo de um tempo melhor. Vivi de 1912 a 1914 na Europa. Morava em Paris, saía para a Itália, para a Bélgica, ia para o interior da França. Nunca me exigiram passaporte. Havia confiança no mundo. O medo veio depois. Mas apesar de tudo foi

bom continuar existindo para ver como as mulheres ficaram bonitas.

Alvaro abre um parêntese na pergunta e fala sobre os tempos atuais. Tudo muito bom na sua opinião. Mas muito estandardizado também, por culpa dos americanos. Não que ele não goste dos americanos. Encanta-se com todos os que tem oportunidade de conhecer, acha-os, um por um, como que "saídos da Bíblia".

Soltamos outra pergunta; a última:

— Deixou de fazer alguma coisa, na vida, que muito quisesse ter feito?

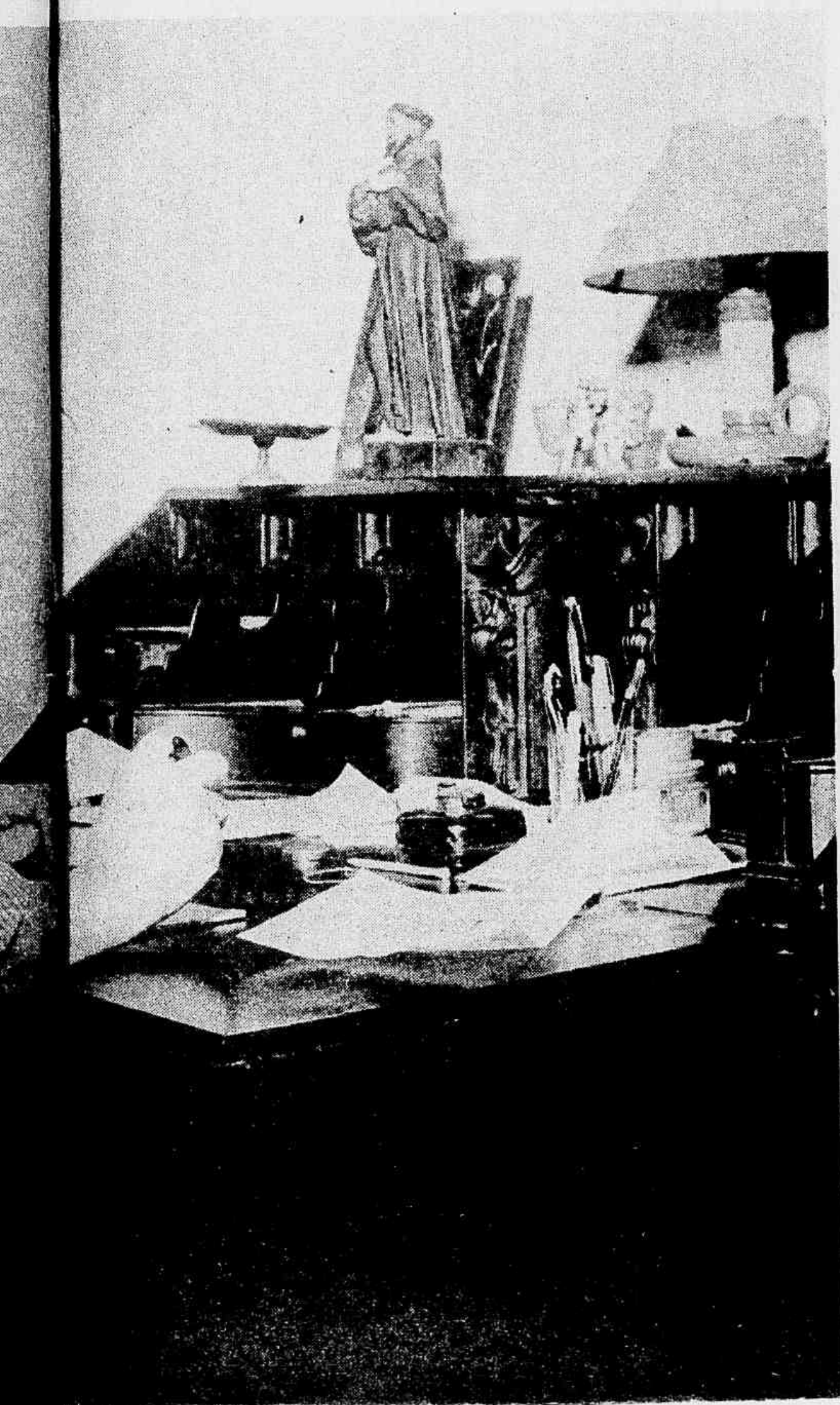
— A única coisa que até hoje não fiz e que pretendo fazer é descansar. Graças ao Presidente Juscelino que me salvou da minha aposentadoria de Barnabé.

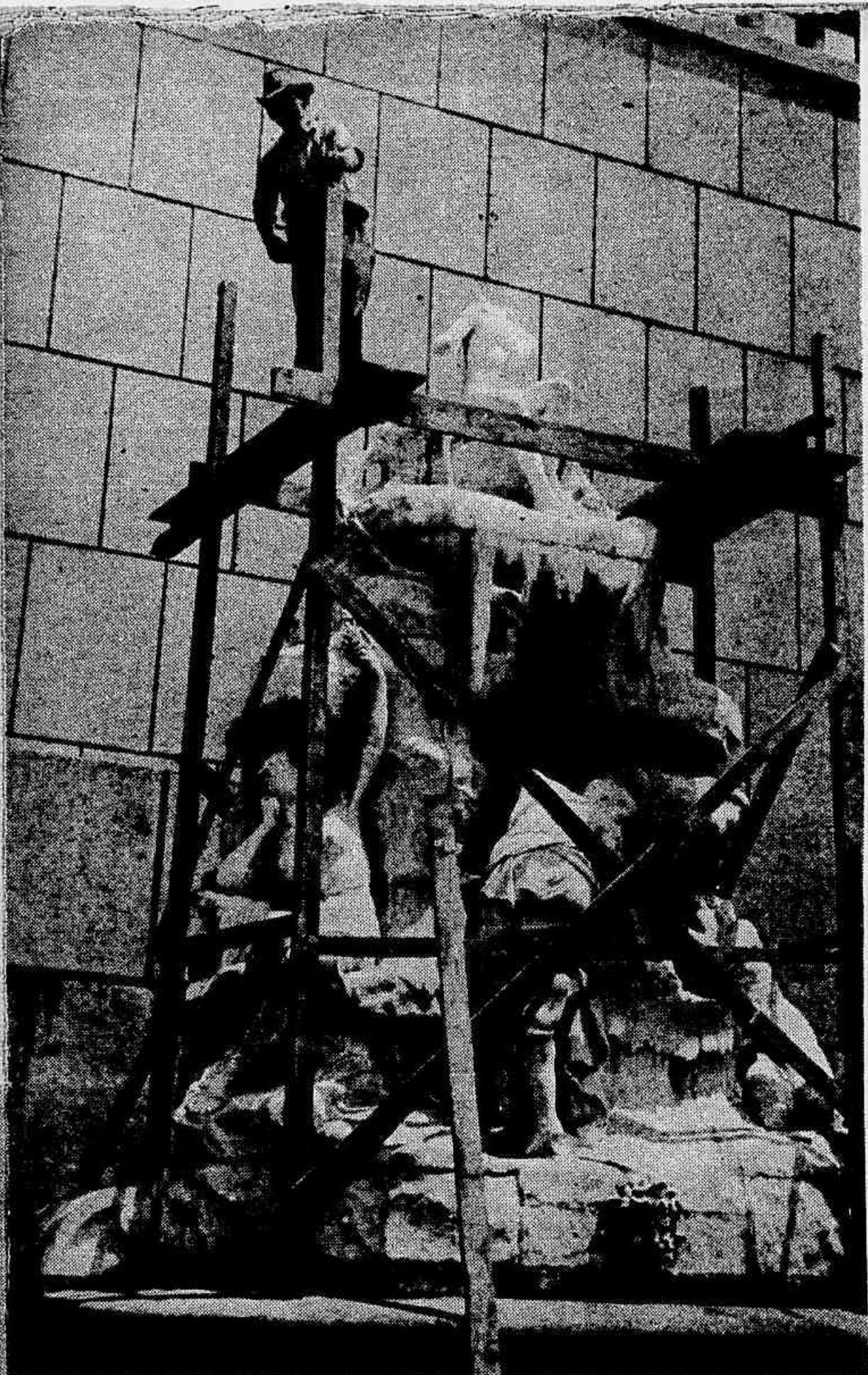
Sim, porque Alvaro Moreyra vive mais de seu trabalho de escritor do que do emprego público, do qual agora se aposentou com apenas 4 mil cruzeiros. Só o seu apartamento, de amortização, leva-lhe seis mil mensais. Vendo o ingarantido futuro, o Presidente prometeu pensar nele. E mais: condecorá-lo com a Ordem do Mérito e dar-lhe de presente um burro — substantivo, bem entendido.

Agora, Alvaro Moreyra pode dizer como seu pai, que aos 86 anos voltava de um passeio empertigado pela cidade, bengala à mão, afundava numa poltrona, exclamando aliviado:

— Agora posso outra vez ser velho à vontade!

ma festa. Estou arrumando os pedaços de minha vida como velhos móveis."





A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS



A ESTATUA VOLTARÁ A TER CABEÇA

Há duas semanas publicamos a crônica de Roberto Quintaes "Também as estátuas não têm cabeça", que comentava liricamente a aflitiva situação da escultura erguida na entrada do túnel Novo, às portas de Copacabana. O Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura, responsável pela integridade marmórea do decapitado monumento, resolveu, talvez em virtude dos nossos protestos, restabelecer a cabeça e os braços perdidos pela moça da estátua. Em cujo nome agradecemos sinceramente.

VOLTA À CENA O CASAL MILLER

Acaba de ser anunciado que a bela Marilyn espera para breve a visita da cegonha. No ano passado a mesma notícia correu, mas era um rebate falso. Desta vez, o lar dos Miller parece que será mesmo enriquecido de um bebê. E, por falar em Miller, este Arthur, que muitos consideram o mais feliz intelectual do mundo, faz grande sucesso em São Paulo através de sua peça "O Panorama Visto da Ponte", que, em seguida, virá para o TBC do Rio.

FIM DA "GUERRINHA"

63 votos bastaram para derrubar a facção que vinha dominando a Associação Metropolitana de Estudantes Secundários há treze anos. Apesar de todas as manobras para fugir às eleições que culminaram com a "doença" do presidente e com o quebra-quebra na UNE, a corrente situacionista não teve outro recurso senão perder pelo voto. As eleições que começaram às 10 horas de sábado só foram terminar às primeiras horas de domingo.

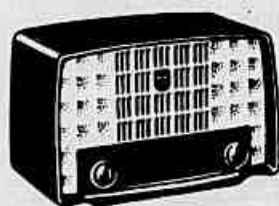


cinco RAZÕES convincentes...



São cinco, entre inúmeras outras, as razões da superioridade PHILIPS. Comprove-as, uma por uma, ouvindo e vendo as novas modelos

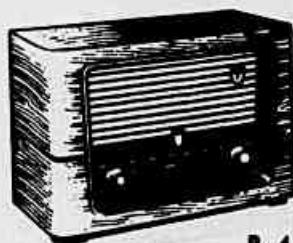
PHILIPS NOVOSONIC 59!



B 1 R 76-U
Atraente receptor de ondas médias, para 110/127 volts. AC/DC. 5 válvulas c/ funções de 7. Antena ferroceptor. Vistosa caixa de PHILITE em várias cores.



B 3 R 76-A
Ondas médias e 2 faixas de ondas curtas, para c/a de 90 até 220 volts. 5 válvulas c/ funções de 7. Contrôl de tonalidade contínuo, conexão para fonocaptor. Caixa de PHILITE de cor marrom com frente bege.



B 4 R 76-A
4 faixas de ondas. Olho mágico. 6 válvulas c/ funções de 8. Contrôl de tonalidade contínuo. Conexão de fonocaptor. Para c/a, de 90 até 220 volts. Grande e vistosa caixa de madeira em fino acabamento.



BR 549-A
Da série de luxo BI-AMPLI. 4 faixas de ondas. Olho mágico. Chave de ondas em forma de teclado. 6 válvulas c/ funções de 8. Hi-Lo-Tone-Contrôl. Sintonização de volante. Caixa de imbuia, de grandes dimensões, ricamente ornamentada.

- 1a.) Os receptores Philips são construídos por especialistas, com perfeição absoluta, para assegurar **excepcional qualidade de reprodução sonora**, a melhor em cada classe de preço.
- 2a.) A experiência dos cientistas da Philips em todo o mundo é combinada para aplicar as mais **avançadas técnicas** aos aparelhos de rádio.
- 3a.) A **durabilidade** dos aparelhos Philips é garantida em famosos laboratórios, onde os produtos são submetidos a permanentes "testes de longa vida".
- 4a.) A Philips oferece uma "rádio-arquitetura" moderna, e estilos renovados em diferentes combinações de cores.
- 5a.) A incomparável organização de **Serviço Philips**, de experiência mundial, assegura o prazer que o seu receptor lhe dará permanentemente, onde quer que V.S.^a esteja.

VERIFIQUE EM SEU REVENDEDOR PHILIPS, ESTAS CINCO RAZÕES CONVINCENTES. ESCUTARÁ, VERÁ E FICARÁ CONVENCIDO QUE PHILIPS É A MELHOR COMPRA.

novosonic 59

10 MESES PARA PAGAR

mais dinheiro para levar

Mais dinheiro para levar para casa, para fazer melhores negócios, para desfrutar melhor suas férias! Adquirindo sua passagem pelo Credi-Lóide só precisa pagar agora 10% do valor, o resto... deixa para depois. Assim, você chega com mais dinheiro ao seu destino após uma rápida e agradável viagem nas grandes aeronaves do Lóide-Aéreo!



crediLóide

10 meses de prazo - Pelo Credi-Lóide, o preço da passagem é dividido em 10 mensalidades, sendo que a primeira é a entrada.

Nenhum acréscimo - Nem juros nem taxas. A dinheiro ou a crédito o preço da passagem do Lóide-Aéreo é sempre o mesmo: o mais barato da aviação comercial brasileira!

Abra seu crédito agora, viaje quando precisar - Visite a Agência mais próxima do Lóide Aéreo e veja como é fácil abrir seu crédito. Abra-o agora e tire sua passagem para sua próxima viagem. No eventual caso de aumento de tarifas, você não pagará mais porque sua passagem é válida por um ano.



Lóide Aéreo

